

# Macau

Março, 2011

IV Série - Nº 22

Trimestral



Rui Cardoso

O “Mourinho” de Macau

## UMA “MONTANHA” DE PROJECTOS

O maior parque aquático, um novo campus universitário, um parque de medicina tradicional e um bairro de escritórios de luxo vão mudar a ilha da Montanha, mesmo ao lado de Macau

### O DIÁLOGO DOS CRIoulos

Cabo Verde e Macau à conversa

### TRIAGEM IMPERIAL

Na China antiga, exames nacionais escolhiam os melhores

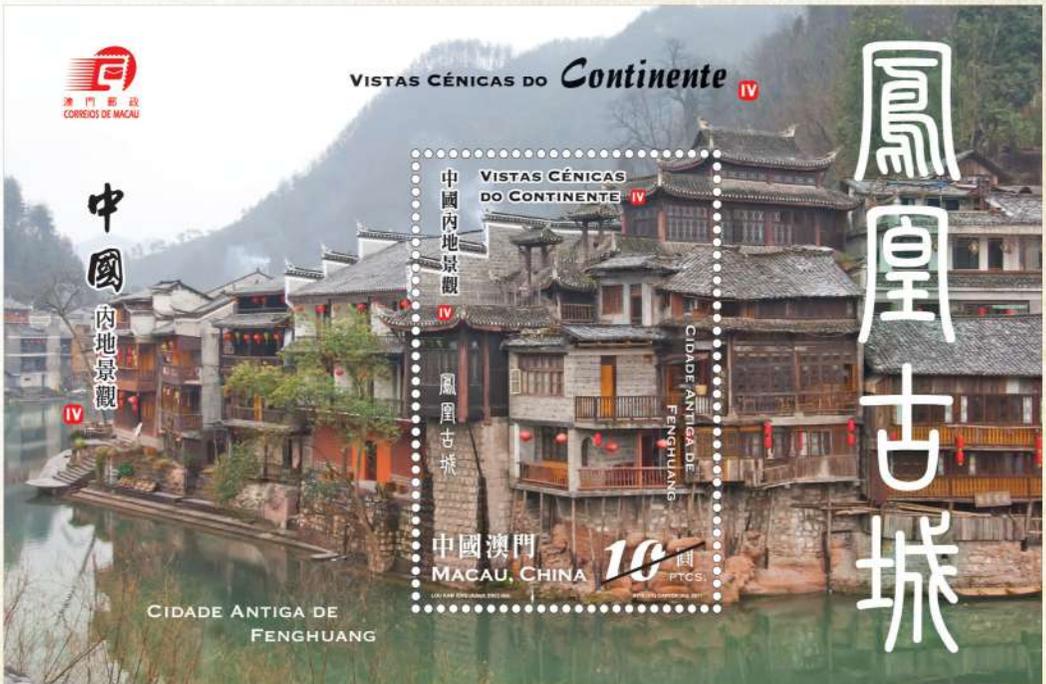
### LAISSIS

A tradição num envelope

# 收藏

澳  
門  
郵  
票

COLECCIONE  
SELOS DE MACAU  
*Collect Macao's Stamps*



鳳  
凰  
古  
城



澳門議事亭前地  
Largo do Senado, Macau



情牽心意 助拓商貿  
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios

Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491  
Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603  
E-mail : philately@macaupost.gov.mo  
Website : www.macaupost.gov.mo

**Director**

Victor Chan Chi Ping

**Director Executivo**

Alberto, Au Kam Va

**Editor Executivo**

Fernando Sales Lopes

**Propriedade**Gabinete de Comunicação Social  
da Região Administrativa Especial de Macau**Endereço**Avenida da Praia Grande, n.ºs. 762 a 804  
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau  
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426  
e-mail: info@gcs.gov.mo**Produção, Gestão e Distribuição**

Delta Edições, Lda.

Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601

**Editor**

Luís Ortet

**Direcção Gráfica**

José Manuel Cardoso

Graffiti - Arte &amp; Comunicação

**Colaboraram nesta edição**António Falcão (fotografia), António Larguesa, António-Mil  
Homens (fotografia), Catarina Domingues, Filipa Queiroz,  
Gilberto Lopes, Gonçalo Lobo Pinheiro (fotografia), João  
Gomes (fotografia), João Guedes, José Simões Morais,  
Luciana Leitão, Mark O'Neill, Mariana Palavra e Raquel Dias**Ilustração da capa:** foto de Eric Tam**Administração, Redacção e Publicidade**

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600E

Edif. Centro Comercial "First International"  
14.º andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

**Impressão**

Tipografia Welfare, Macau

**Tiragem**

3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: AOA 291.00 ■ BRASIL: BRL 6.60 ■ CABO VERDE: CVE 278.00

■ GUINÉ-BISSAU: XOF 1.602.00 ■ MACAU: MOP 30.00

■ MOÇAMBIQUE: MZN 96.00 ■ PORTUGAL: EUROS 2.50

■ S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 56.400.00 ■ TIMOR-LESTE: USD 4.00

■ RESTO DO MUNDO: USD 4.00

# Macau

A actual ilha da Montanha (Hengqin) resulta da fusão de duas ilhas que em português se designam como ilhas da Montanha e de D. João.

A ilha da Montanha ladeia pelo ocidente as ilhas da Taipa e Coloane e a zona do Cotai, ficando estes dois territórios separados por um mero canal, como se pode constatar pelas maquetas que publicamos nesta edição.

No último ano falou-se muito da ilha da Montanha, sobretudo em virtude da construção do novo campus da Universidade de Macau. Mas esse é apenas um entre muitos outros projectos previstos para a ilha, que tem uma área três vezes superior à de Macau. Damos conta desse multifacetado empreendimento num artigo assinado pelo jornalista Mark O'Neill, que conversou com responsáveis do Comité Administrativo para a Nova Zona de Hengqin.

Estão previstas áreas dedicadas ao turismo, aos negócios, à habitação, à medicina tradicional chinesa e à investigação científica e de alta tecnologia mas também uma forte componente ecológica, incluindo espaços verdes, baixa densidade populacional e um índice reduzido de emissões de gases poluentes.

Este megaprojecto para a ilha da Montanha passou por elevar essa zona, na sequência de uma decisão do Conselho de Estado, ao estatuto de distrito económico especial, o mesmo que já tinha sido atribuído a Pudong, em Xangai, e Binhai, em Tianjin.

Finalmente, a importância do que se prevê levar a cabo na ilha ficou sublinhada pela presença do Presidente Hu Jintao na cerimónia do lançamento da primeira pedra do novo campus da Universidade de Macau, no dia 20 de Dezembro de 2009, quando se comemoraram os dez anos do Estabelecimento da RAEM. ■

Luís Ortet



Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista Macau.

**LUSOFONIA**

**Crioulos à mesa, 4**

*Luciana Leitão*

**FOTOREPORTAGEM**

**Cavaqueira maquista, 12**

*Filipa Queiroz*

**COMUNIDADES**

**Brasil mais presente, 20**

*Luciana Leitão*

**PERFIL**

**O “Mourinho” de Macau, 26**

*Gilberto Lopes*

**ÁFRICA**

**Em busca da identidade cabo-verdiana, 32**

*Germano Almeida*

**REGIÃO**

**De ilha recôndita a centro mundial, 42**

*Mark O’Neil*

**EFEMÉRIDE**

**Macau e o centenário da República, 50**

*João Guedes*

**ÍCONES**

**Keju, o sistema de Exames Imperiais, 58**

*José Simões Morais*

**MACAU**

**A tradição num envelope, 76**

*Raquel Dias*

**MACAU**

**Vida de Panda, 84**

*Catarina Domingues*

**MACAU**

**Macau mais verde à mesa, 92**

*Filipa Queiroz*

**DIÁSPORA**

**As saudades do *dim sum*, 100**

*António Larguesa*

**MEMÓRIA**

**Adeus Leonel Barros, 107**

*Mariana Palavra*

**ESCRITOR EXPLICA CABO VERDE**



O escritor cabo-verdiano Germano Almeida explica o que é um país com a mesma população de Macau mas situado no outro lado do mundo, a meio do Oceano Atlântico.

P32

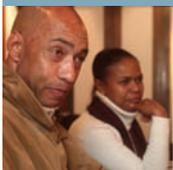
**ILHA DA MONTANHA: A METAMORFOSE**



Para além do novo campus da Universidade de Macau, diversos projectos de grande envergadura vão tornar irreconhecível a actual pacata ilha da Montanha (Hengqin). Até 2020 estará transformada num refúgio turístico, educacional e empresarial.

P42

**CRIoulos À CONVERSA**



Miguel de Senna Fernandes, Rita Cabral, Ada Sousa e Daniel Pinto tentaram comunicar entre si através dos respectivos crioulos, de Macau e Cabo Verde. Uma experiência que serviu para conhecer as semelhanças mas também as diferenças entre eles.

P4

**SUN YAT-SEN**



Comemora-se este ano o centenário da instauração da República na China. O médico Sun Yat-sen, que foi um dos seus principais obreiros, tinha fortes raízes em Macau, onde residiu, trabalhou e desenvolveu parte importante da sua actividade política.

P50

**SECÇÕES**

ACONTECEU/DEZEMBRO, 38-41

ACONTECEU/JANEIRO, 70-75

ACONTECEU/FEVEREIRO, 106-107

MACAU HÁ 50 ANOS, 110-112

MACAU HÁ 20 ANOS, 113-115

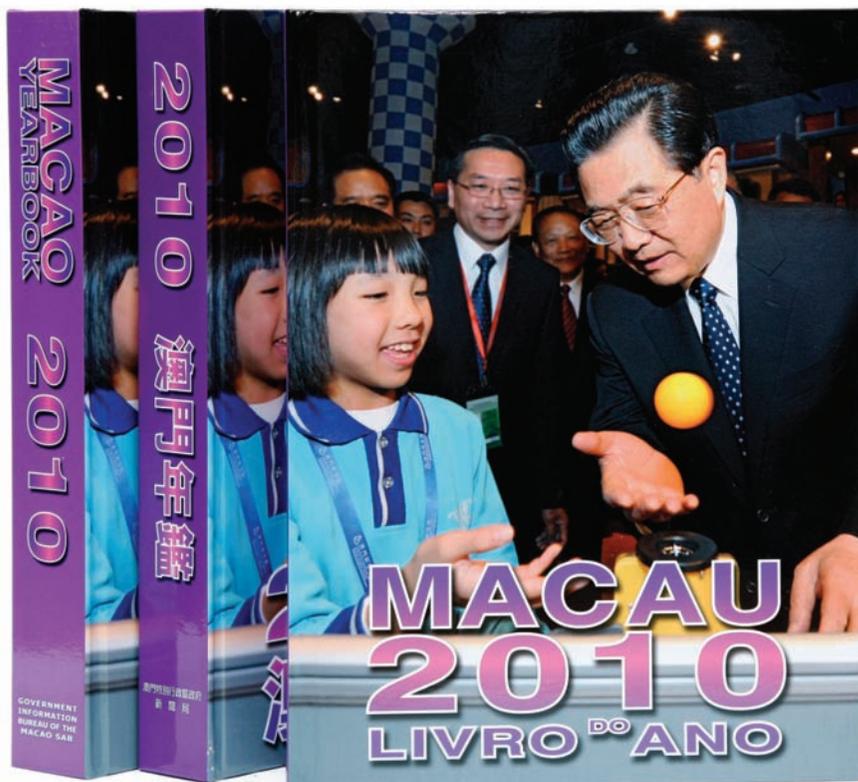
CARTAZ, 116-127

# MACAU 2010

## Livro do Ano

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2010** - Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2010** - Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O **MACAU 2010** - Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



# Crioulos à mesa

Ada Sousa e Daniel Pinto conversam em crioulo de Cabo Verde. Miguel de Senna Fernandes e Rita Cabral falam crioulo de Macau. Numa mesa do restaurante Litoral, juntaram-se ao historiador Jorge Morbey e conversaram em e sobre o crioulo

TEXTO: LUCIANA LEITÃO  
FOTOS: ANTÓNIO FALCÃO



Como ta vai?, interroga Miguel de Senna Fernandes, em patuá. É parecido, nota o cabo-verdiano Daniel Pinto (presidente da Associação de Amizade Macau-Cabo Verde), logo repetindo em crioulo de São Vicente: *Manera ke bô (ti) ta ba?*. Uma expressão versada em dois crioulos separados por um oceano e que, em português, significa “Como está?”. Mas será que realmente se entendem? Os linguistas garantem que não.

O fundador do grupo de teatro Dóçi Papiáçam di Macau, o advogado macaense e dramaturgo Miguel de Senna Fernandes, começa por explicar que, na forma primária do patuá antes da mudança por contacto com o cantonês -, *como ta vai* dizia-se *qui nova*. No crioulo de São Tomé, bom dia é *bom dja ô* e logo a seguir diz-se *qui nova*, assinala o historiador Jorge Morbey, realçando a semelhança. Isto serve para perceber que há uma unidade dos crioulos.

Daniel Pinto pega em *Cuza dôtor*, o título de uma das peças em patuá do grupo de teatro Dóçi Papiáçam e dá outro exemplo. *Cuza* [em português, significa ‘o quê’] é crioulo, diz, acrescentando: “Os cabo-verdianos percebem tudo nas récitas, exceptuando uma ou outra pa-

lavra em chinês”.

## A queda de um mito

Para o linguista Alan Baxter, que falou à margem do jantar, há uma verdadeira dissonância entre os dois crioulos. Entre eles, a única ligação resume-se a algum léxico importado do português. Fonologicamente dá para entender muitas palavras, só que a gramática é muito diferente, assegura o director do Departamento de Português da Universidade de Macau. Mais: tudo depende da velocidade a que tais palavras são proferidas. Se as pessoas falarem a uma velocidade normal, não conseguimos entender, mas se as pessoas falarem deliberadamente devagar, há uma maior possibilidade de compreensão, declara.

Pode então dizer-se que falantes do crioulo cabo-verdiano e do patuá se entendem? Baxter afirma que não e refere que é consensual entre a comunidade científica a existência do mito da compreensão mútua. Apenas compreendem algumas expressões básicas, mas a gramática é distinta. E, continua o linguista, quando se verificam alguns elementos gramaticais semelhantes, tal não signifi-



Daniel Pinto: “Os cabo-verdianos percebem quase tudo nas récitas em patuá”

ca que haja uma conexão entre os crioulos. Por exemplo, há uma palavra derivada do verbo estar que pode ser ‘tá’ ou ‘sta’. Esse elemento não entrou por ter sido ensinado, mas porque é muito óbvio no discurso dos falantes de português. Tem funções totalmente diferentes nos dois crioulos, esclarece Alan Baxter.

Estes paralelos estão ligados a um mecanismo linguístico. Não significa que tenham vindo cabo-verdianos até Macau que tenham contribuído para o patuá, simplesmente indica que quando estamos privados de material linguístico adequado para desenvolver o português, desenvolvemos um outro sistema, utilizando alguns dispositivos que parecem funcionar por defeito.

Por exemplo, explica o linguista, as palavras ‘vai’, ‘vem’ e ‘tem’, por serem frequentes no discurso português, acabam por ser incorporadas em todos os crioulos de base portuguesa. E a terceira forma do singular é a mais frequente em qualquer discurso, realça.

### Tão longe e tão perto...

Mas a familiaridade de alguns termos suscita, pelo menos, a curiosidade mútua. Isto é tudo *sucre*, diz Miguel de Senna Fernandes, apontando para o açúcar. Ah, temos a *sucrinha*, repete a advogada cabo-verdiana Ada Sousa, assinalando a semelhança, apesar de neste caso significar rebuçados.

O dramaturgo macaense aproveita para lançar mais uma pergunta: “Como vocês dizem perfume?” Ada e Daniel respondem, olhando um para o outro: Perfume. Mas do lado macaense a expressão é outra: *Águ-chêro*. Ada Sousa acaba por corresponder da mesma forma. Sim, também pode ser *água de dtchero*, diz, com uma entoação diferente da macaense. Perante a semelhança dos vocábulos, Daniel Pinto acaba por comentar: Há coisas que nos unem...

Enquanto as sobremesas vão chegando à mesa do restaurante Litoral, Daniel Pinto aponta e indica: Isto é doce de leite. Mas



Para o linguista Alan Baxter, os dois crioulos só têm em comum o léxico importado do português

Miguel de Senna Fernandes assinala outro nome: Para nós, bebinca. Nós temos muita coisa de Goa.

A vontade de comparar vai mais além. Como é que vocês dizem abóbora? Daniel e Rita respondem quase em uníssono: *Bóbra*. A expressão não encontra coincidência no patuá actual. Para nós, é *camalenga*, diz o dramaturgo macaense, acrescentando: Mas na forma antiga do patuá é igual [*bóbra*].

De repente, Miguel lembra-se de *bufra* ou *bufro*, uma expressão muito antiga em patuá, mas Daniel e Ada franzem o sobrolho, manifestando desconhecimento. É búfalo, responde o dramaturgo. Do outro lado, não se fez esperar a reacção, acompanhada de um grande sorriso: “Ah, nós não temos búfalos em Cabo Verde...” ■



## Um instrumento contra o colonizador

O português era a língua da autoridade. O patuá e o crioulo cabo-verdiano eram uma forma de desafiá-la. Mas enquanto o primeiro, ao longo dos tempos, se foi perdendo, o crioulo expandiu-se e até se chegou a discutir em torná-lo oficial. O patuá era falado por mulheres e gente humilde. “O homem representa a família

e dá a cara lá fora; se quiser ser alguém, fala português isto aconteceu em todas as colónias”, esclarece o macaense Miguel de Senna Fernandes. Vivia-se então no seio de uma sociedade muito machista. Aliás, não é por acaso que algumas expressões estão associadas à mulher, como *chuchumeca* que, em português, significa



Rita Cabral e Miguel Senna Fernandes recordam velhas histórias do patuá de Macau

intrometer-se. A isto responde a caboverdiana Ada Sousa, admirada: Ah sim? Para nós, é *tchucido*...

## A aprendizagem

Em casa de Miguel de Senna Fernandes mal se ouvia patuá, apenas quando a avó e as amigas se juntavam. Ele, que era então uma criança, começou a interessar-se por aquela estranha forma de falar. Elas riam-se e riam-se, recorda, acrescentando: “O motivo da chacota era sempre um: os homens. “Quando inquiriu o pai sobre o assunto, ele respondeu: “É uma língua antiga de Macau, o macaense.”

Miguel de Senna Fernandes está convencido de que esta inferioridade é comum a todos os crioulos. “Todas as sociedades, principalmente as que nasceram na era do colonialismo passaram por essa experiência do estigma do crioulo local como

uma língua inferior”, declara.

## A língua contra o colonizador

“Os portugueses chegavam da então metrópole e interrogavam-nos acerca da língua que falavam. Os macaenses batiam o pé e asseguravam que aquilo era português de Macau. Nós gozávamos com isso”- diz Miguel de Senna Fernandes. “Mais tarde vim a descobrir que este tal português de Macau era uma forma mais evoluída do patuá”, acrescenta o fundador do grupo de teatro Dóçi Papiçam.

Se nas aulas falassem este desvio, os alunos eram penalizados pelos professores. Costumavam ripostar: “É o que falamos em casa.” Mas esta resposta não era aceite. “Era o preconceito, conclui Jorge Morbey, que lê, entretanto, trechos de “Clérigo da Beira”, uma farsa escrita em 1526 pelo dramaturgo português Gil Vicente. Na re-



Jorge Morbey defende a existência de uma unidade entre os crioulos de língua portuguesa

alidade, foi o registo mais antigo que o historiador encontrou na literatura portuguesa sobre aquele português mal falado.

Daniel Pinto continua: Comparando [o patuá] com o crioulo, a lógica é a mesma. “Em Cabo Verde, recorria-se ao crioulo para fugir ao colono, de forma que o grande senhor não percebesse o que era dito”. Ouvindo estas palavras, Miguel de Senna Fernandes diz em tom de concordância: “Contavam-se segredos em patuá”.

### A generalização dos crioulos

Mas, contrariamente, ao que sucedeu em Macau com o patuá, em Cabo Verde todos falavam crioulo. E em todas as ilhas há um diferente. Daniel Pinto fala o crioulo da Ilha de São Vicente, bem como Jorge Morbey, enquanto Ada Sousa fala o crioulo da Ilha de Santiago. “As ilhas do Sotavento e do Barlavento têm um crioulo diferente,

mas entendemo-nos todos perfeitamente”- assegura.

Tal como sucedeu com Miguel de Senna Fernandes, também na casa de Daniel Pinto não se podia falar crioulo. Mas era uma imposição menos rígida. “Falávamos normalmente crioulo com a minha mãe e, muitas vezes, o meu pai comunicava em português e nós respondíamos em crioulo” acrescenta o cabo-verdiano. Mesmo na escola era difícil travá-lo. A língua oficial na sala de aula era o português, diz, explicando que entre colegas e nos recreios falava-se em crioulo.

### As proibições

Para Daniel Pinto, a proibição do pai tinha uma clara origem. Era a questão colonial. O português vinha e impunha a religião e a língua. Nós seguíamos. O crioulo era uma fuga ao colonizador, mas

em Cabo Verde foi ganhando mais força.

A Jorge Morbey também não era permitido falar em casa, acabando por aprendê-lo na rua e no recreio da escola. “E as criadas eram proibidas de falar connosco, só que elas não sabiam falar outra coisa... Por isso, recorriam a um crioulo corrompido”, recorda o historiador.

Em sentido contrário, em casa de Ada sempre se comunicou em crioulo. “O meu pai fala crioulo de Santo Antão, que é diferente do meu, mas percebemo-nos lindamente. Insiste em não falar *badiu* [crioulo da Ilha de Santiago], mas eu falo *badiu* com ele e nunca tive problemas”, declara a jovem cabo-verdiana. “A Ada é da geração pós-independência e eu e o Morbey somos da geração antes da independência”, acrescenta Daniel Pinto, para justificar a diferença de comportamento.

### O patuá extingue-se, o crioulo alarga-se

O futuro do crioulo cabo-verdiano parece melhor do que o do patuá. Uma língua tem a ver com falantes. “Como é que se vai proteger uma língua se as pessoas já não estão cá?”, interroga Miguel de Senna Fernandes, acrescentando: “O fenómeno da emigração ajudou a que as pessoas falassem menos patuá”. Além disso, em Macau, não havia condições para

que se preservasse o patuá. A própria posição que Portugal tinha em relação a Macau era diferente. Portugal só dizia que Macau era colónia portuguesa por uma questão constitucional. Na prática, o lado português sabia que estava em lugar alheio, realça.

Macau só é integrado no contexto colonial português no reinado de D. Maria II - em 1846, aplica-se em Macau o estatuto de São Tomé e Príncipe, acrescenta o historiador Jorge Morbey, explicando que, apesar de se tratar de uma integração meramente formal, não se traduzia na prática. Aliás, remata Miguel de Senna Fernandes, rindo: “O macaense esteve sempre a fazer as malas, mas foi ficando...”

### A integração do elemento chinês

Depois da Guerra do Pacífico, na década de 40, há uma mudança da sociedade macaense tradicional, começando a realizar-se casamentos luso-chineses. “Penso que na diminuição do uso do patuá, a chave é a mulher”, refere Jorge Morbey, acrescentando: “A sociedade macaense deixa de ser uma sociedade miscigenada com Malaca, Índia, Timor e passa a ser, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, luso-chinesa”.

Quando a mulher chinesa assume a parceria com o homem português na liderança da família, o cantonês muda de estatu-



to. “É natural que o patuá entre em regressão, explica o historiador. Miguel de Senna Fernandes acrescenta: Regressão na sua forma mais arcaica. Adapta-se à nova realidade”. Mas, acredita o dramaturgo macaense, como uma língua só existe falando, provavelmente, o futuro do patuá passa pela extinção. Eu falo patuá com os meus netos, eles sabem, assegura a macaense Rita Cabral. Mas quantos mais há como ela? ■



Rita Cabral, Miguel Senna Fernandes e Jorge Morbey, de frente; Ada Sousa e Daniel Pinto, de costas

## O bilinguismo e o ALUPEC

Há quem defenda tornar o crioulo oficial em Cabo Verde, paralelamente ao português. Jorge Morbey recorda a adopção do sistema de escrita ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano). Foi o então ministro da Cultura de Cabo Verde, Manuel Veiga, que tinha uma postura um pouco centralista e as pessoas reagiram muito mal, recorda Jorge Morbey. “Aquilo tem lacunas e penso que foi ao fundo”, realça o historiador, explicando: “O ALUPEC tinha conotação política. A substituição do C pelo K fazia-nos pensar na União Soviética e nós sabe-

mos de onde veio o PAICV [Partido Africano de Independência de Cabo Verde] e, portanto, levantou-se esse problema de natureza política”. Independentemente do sucesso do ALUPEC, Jorge Morbey continua a achar ser possível tornar o crioulo oficial, mas terá de haver uma norma escrita. “Alguns linguistas defenderam a oficialização do crioulo, mas, na minha opinião, quase ronda o ridículo. Nós temos nove ilhas e cada ilha tem o seu crioulo imagine o que é uniformizar o crioulo”, contrapõe Daniel Pinto. ■

## 4º Encontro das Comunidades Macaenses

# CAVAQUEIRA MAQUISTA

TEXTO: FILIPA QUEIROZ

FOTOS: CARMO CORREIA

linaugurações, passeios, conferências e mil e um repastos tipicamente macaenses enfeitaram a reunião trienal de mais de um milhar de “genti di Macau”. Entre os dias 27 de Novembro e 5 de Dezembro de 2010 houve convívio e animação a rodos entre amigos, familiares e descendentes de macaenses chegados dos quatro cantos do mundo com um objectivo comum: o reencontro. O reencontro com as gentes mas também com a cidade e os desafios à afirmação da comunidade.

O Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, defendeu em discurso a celebração da convivência harmoniosa entre as comunidades de uma cultura secular, incluindo os que foram e os que ficaram “trabalhando, assumindo o seu papel específico e contribuindo empenhadamente para o progresso da terra”. O último governador de Macau, General Rocha Vieira, sublinhou que a “transição [em 1999] não foi uma ruptura, mas uma continuidade”.

José Manuel Rodrigues, presidente reeleito do Conselho Permanente das Comunidades Macaenses, divulgou as intenções de candidatar a gastronomia

macaense e o patuá a património intangível da UNESCO e pediu ao Governo da RAEM “apoio para que algumas actividades possam reunir as condições de alcançar os objectivos com sucesso”. Como um Centro de Cultura Macaense, cuja sede ideal seriam as instalações renovadas do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes, onde “muitos de várias gerações aprenderam as primeiras letras”.

No meio da azáfama dos dias de Encontro, também houve tempo para a eleição por unanimidade e aclamação de três membros honorários: o primeiro Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, o último governador português de Macau, general Rocha Vieira e, a título póstumo, o falecido escritor Henrique de Senna Fernandes.

Em visita guiada por especialistas do Instituto Cultural de Macau a locais históricos da cidade, macaenses e descendentes constataram que precisam de mexer muito na memória para encontrar a “Macau dos tempos de criança” mas que os sabores, esses, são os da infância. ■



O primeiro Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho, à conversa com o sucessor, Fernando Chui Sai On, na cerimónia de abertura do Encontro das Comunidades Macaenses no *casino-resort Venetian*

Caça aos petiscos da gastronomia macaense no Chá Gordo do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes





Cheong U, secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, entrega lembranças a Raquel Remédios, presidente da UMA, Maria Roliz, presidente do Lusitano Club of California e Henrique Manhão, presidente Casa de Macau USA Inc.

Chilicotes a Macau, um dos petiscos do Chá Gordo no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes





Criança tenta chegar ao petisco favorito no Chá Gordo do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes

Participantes do 4º Encontro das Comunidades Macaenses passeiam no Largo do Senado





## “澳門2010”澳門土生葡人社群聚會 Encontro das Comunidades Macaenses “Macau 2010”

Sessão fotográfica nas Ruínas de São Paulo

Brinde no 4º Encontro das Comunidades Macaenses





À frente: O presidente da Confraria da Gastronomia Macaense, Luís Machado, assina protocolo com Instituto de Formação Turística. Fila de trás: Embaixador eleito do Conselho das Confrarias Enogastronómicas (CEUCO), José Manuel Rodrigues; cônsul-geral de Portugal na RAEM, Manuel Cansado de Carvalho; General Vasco Rocha Vieira, e o deputado Leonel Alves

Inauguração das instalações renovadas do Jardim de Infância D. José da Costa Nunes





Participantes do Encontro durante visita guiada por especialistas do Instituto Cultural a locais de interesse histórico de Macau



Secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, cumprimenta o último governador português de Macau, general Rocha Vieira



*Participantes do Encontro às compras no comércio local*

Cônsul-geral de Portugal em Macau, Manuel Cansado de Carvalho, com o Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, e o Padre Lancelote Rodrigues, durante a recepção na residência consular



# Brasil mais presente

Há mais de duas centenas de brasileiros a residir na RAEM, repartindo-se por diferentes áreas, que vão da aviação à indústria de entretenimento, passando pela docência e restauração, chegando mesmo à actividade religiosa

TEXTO: LUCIANA LEITÃO

FOTOS: ANTÓNIO MIL-HOMENS





Festa é com eles. Durante o Festival da Lusofonia, é a barraca do Brasil que tem mais sucesso, graças à alegria, às caipirinhas, brigadeiros e samba. No resto do ano, a sua presença é mais discreta, mas começa, cada vez mais, a sentir-se, com a comunidade a crescer e, lentamente, a organizar-se.

Os números existentes não são exactos, por tratar-se de uma comunidade tão flutuante. De acordo com a Direcção dos Serviços de Estatísticas, há, pelo menos, 220 brasileiros a residir no território - a maioria são pilotos da *Air Macau* e suas famílias, enquanto os restantes são trabalhadores da indústria do entretenimento, professores, funcionários públicos e pessoas ligadas à restauração.

No que toca a restaurantes brasileiros, há dois - o Fogo Samba e o Yes Brasil. E os produtos brasileiros, onde se encontram? Conforme adianta Carla Martinelli, da direcção da Associação Casa do Brasil, é possível comprar carne brasileira, em especial grango, em alguns supermercados. E pouco mais.



Leonardo Araújo piloto da aviação



Pastor João Félix

## De acordo com a Direcção dos Serviços de Estatísticas

### A comunidade

Quanto aos problemas que afectam a comunidade, o vice-presidente da Associação Casa do Brasil, Roberval Teixeira, natural do Rio de Janeiro, fala em questões de adaptação. A maioria que vem para Macau vem numa posição boa, com um trabalho bom; e as preocupações acabam por ser as da classe média/média alta, esclarece o docente de Português na Universidade de Macau, referindo que as maiores queixas passam pela língua. Dadas as grandes dife-

renças culturais entre o povo chinês e brasileiro, muitos naturais daquele país da América do Sul, acabam por desistir, regressando passado pouco tempo. Mas, afinal, do que mais sentem falta os brasileiros? Além da família e amigos, de algumas coisas que só vêm no Brasil. Sinto falta de um *pagodinho* ao fim da tarde", diz Roberval, rindo. No geral, os brasileiros que se deslocam para Macau já chegam com um contrato de trabalho e poucos são os que vêm sem garantias de emprego.

### A segunda residente

Há 25 anos, quando Jane Martins, natural de Rio Grande do Sul, chegou a Macau, apenas um músico e um casal (que, entretanto, se foi embora) se encontravam aqui. A presidente da Associação Casa do Brasil veio, como tantos outros, por pouco tempo, para responder a um apelo da mãe do marido, natural de Macau. Mas, quando deu por si, começou a trabalhar e, ficando até hoje, trabalha no Banco Nacional Ultramarino (BNU). Tinha apenas 21 anos e, no início, foi difícil. Pen-



Padre Pedro Reghelin



Jane Martins, presidente da Associação Casa do Brasil

## há, pelo menos, 220 brasileiros a residir no território

sava que se falasse mais português; achava que nas lojas toda a gente falava português e não era assim, recorda. Nessa altura, contavam-se pelos dedos os brasileiros que aqui residiam. Mas actualmente já se contam mais de duas centenas.

Aliás, tratando-se de uma comunidade tão grande e díspar, com tantos sub-grupos, hoje em dia, os únicos pontos de concentração acabam por ser o Festival da Lusofonia e os eventos desportivos, de que é exemplo o Grande Prémio Mundial de Voleibol Feminino. A associação pretende, de algu-

ma forma, contrariar isso, promovendo, ao mesmo tempo, a cultura do país.

### A associação

Criada há mais de um ano, o principal objectivo da Associação Casa do Brasil é, para já, trazer um representante consular para Macau, de forma a evitar a deslocação dos residentes brasileiros ao território vizinho de Hong Kong para tratar de burocracias.

Entre o cartaz de iniciativas que a associação pretende desenvolver contam-se mostras de documentários, filmes, fes-

tas por ocasião de efemérides, além de actividades infanto-juvenis e de apoio social.

Mas falta uma coisa para que possam desenvolver mais actividades. Precisamos de um local para festas/eventos, remata Natasha Fellini, filha de Carla Martinelli, com horários compatíveis com o ritmo brasileiro. Espaços com que as pessoas que chegam do Brasil se identifiquem, acrescenta Roberval Teixeira.

### Pilotos, bailarinos e religiosos

A comunidade está lon-

ge de ser unida, com os brasileiros a juntarem-se em função das áreas profissionais. Há o grupo dos pilotos, dos dançarinos, dos religiosos, entre outros. Mas qual é o maior núcleo? Uns falam nos pilotos, mas há quem diga que estes já foram ultrapassados pela indústria do entretenimento.

No fim dos anos 90, começaram a ser contratados os primeiros pilotos brasileiros, mas foi entre 2005 e 2007 que se registou o *boom*, dada a falência de companhias aéreas daquele país da América do Sul, como a *Variq* e a *VASP*. Alguns foram partindo e não tem havido contratações. Desses 60, agora sobram duas dezenas.

Leonardo Araújo foi um desses pilotos. Natural do Rio de Janeiro, chegou a Macau, em Janeiro de 2007. Para ele, a adaptação foi fácil, mas, para a mulher, nem tanto. A profissão obriga a que Leonardo esteja fora mais de duas semanas num mês, e a mulher foi quem mais sentiu na pele o peso de morar noutra local.

## Dança Brasil!

Apesar de não haver estatísticas oficiais e de se tratar de um grupo particularmente instável vêm com contratos por um determinado período, partem para outro sítio e muitos regressam (ou não) a Macau -, dizem

as pessoas da área que, neste momento, contam-se mais de duas dezenas de profissionais ligados à indústria do entretenimento, incluindo por exemplo a companhia *Cirque du Soleil*. Andreia Siqueira tem 27 anos, é natural de S. Pedro, no interior de São Paulo e trabalha como dançarina em Macau. Chegou ao território, em 2007, e, desde então, já passou pelo *StarWorld* e pelo hotel-casino *New Century*.

Por seu turno, Giovanna Leoni, natural de Curitiba, participou numa audição em Macau, para executar um *show* de dança de salão, no hotel-casino *StarWorld*, em 2007, e aqui ficou. Seguiu-se uma temporada no casino *Sands*, acabando por ir parar ao *City of Dreams*.

Este tipo de dança o chamado estilo livre, comum nas discotecas locais foi uma novidade para ambas. No Brasil, Giovanna trabalhava numa companhia de dança de salão, enquanto Andreia fazia dança do ventre e samba.

## Pregar em diferentes línguas

A Macau acabaram por vir parar meia dúzia de pastores evangélicos e um padre católico, que integra a Igreja de São Francisco Xavier, oriundos do Brasil.

O Ministério Internacional Emanuel, de que João Félix é o pastor sénior, é a

única igreja evangélica brasileira em Macau. Mas há mais pastores brasileiros, integrados noutras igrejas evangélicas.

João Félix chegou há 13 anos, estava-se então, em plena época de transferência de administração.

Era suposto permanecer em Macau não mais do que dois anos, mas, entretanto, casou-se e teve filhos, não pensando, para já, num regresso a Brasília, a terra de origem.

Assim, hoje em dia, apesar de a sua igreja destinar-se fundamentalmente a comunidades lusófonas, já acolhe filipinos e chineses. Por seu turno, Pedro Reghelin, natural do Rio Grande do Sul, integra a missão da Igreja de S. Francisco Xavier, em Macau, há 14 anos. Antes de se fixar em Macau, aprendeu chinês na Universidade de Hong Kong.

Habituaado a viajar atrás da sua missão, quando chegou a Macau apenas estranhou a língua. Hoje, passa dias sem falar português. Não sabe o número de fiéis, mas afirma que está a crescer. Ao domingo, temos três missas em chinês e 500 ou 600 pessoas a assistir.

## Sim, Brasil

Há dois restaurantes brasileiros em Macau: o *Yes Brasil* e o *Fogo Samba*. Recorrendo a estilos bem diferentes, procuram trazer um pouco da cultura e comida brasileira a Macau.

Com as portas do *Yes Bra-*



Maria de Jesus, proprietária de um restaurante

sil abertas há já 13 anos, Maria de Jesus, natural de Goiás, consegue atrair muitos clientes. Ao seu restaurante, vêm muitos brasileiros. Querem comida caseira, arroz, feijão e batata frita, declara. E não só. Os portugueses também por ali passam, bem como os chineses.

Maria chegou a Macau há 20 anos, acompanhando o então marido. Entrou no negócio da restauração, depois de uma passagem por um jardim-de-infância. Começou com um pequeno espaço, no *Park'N Shop*, um supermercado local, mas mudou-se depois para a zona do Largo do Senado. E dali já não quer sair.

### Churrasco à moda dos gaúchos

Em 2007, Iuri Volcato o gerente, natural de Rio Grande do Sul - estava a trabalhar em Hong Kong, quando foi abordado por um investidor norte-americano com uma proposta. Deslocou-se então ao Brasil, com o objectivo de investigar outras churrasqueiras e contratar funcionários. Pouco depois, o *Fogo Samba* abria.

Com o tempo, o núcleo inicial de dez brasileiros ficou reduzido a três: Iuri, o *chef* de cozinha e o *barman*. Cada um tem uma função estratégica, garantindo, assim, a autenticidade do local.

Quem ali vai pode esperar uma típica churrasqueira. São servidos 15 diferentes espetos [de carne]. Os materiais utilizados para o churrasco bem como as roupas de gaúcho utilizadas pelos funcionários vêm directamente do Rio Grande do Sul.

Natural de Rio Grande do Sul, Iuri cresceu no que se costuma chamar um rancho, habituada a esta coisa dos grelhados. Já há 20 anos fora do Brasil, tendo circulado por diferentes locais, acabou por vir parar primeiro a Hong Kong e depois a Macau. Aqui adaptou-se bem, dada a dimensão e segurança. Só lhe falta uma praia bonita. ■



Com a equipa do Ka I, que na época passada conquistou todos os títulos em competição

## O “Mourinho” de Macau

Na última temporada só conheceu o sabor da vitória. Os triunfos do Ka I confirmaram os êxitos dos últimos anos, com as cores do Benfica ou do Futebol Clube do Porto. O treinador de futebol Rui Cardoso gostava de ir mais longe e assumir um projecto profissional ou semi-profissional

TEXTO: GILBERTO LOPES

**E**stá para o futebol de Macau, como José Mourinho para o futebol europeu. Se o actual timoneiro do Real Madrid ganhou na última temporada tudo o que tinha para vencer com os italianos do Inter de Milão (campeonato e Taça de Itália e Liga dos Campeões), Rui Cardoso teve um percurso idêntico com o Ka I. Além do título da primeira divisão, venceu a

Taça e ganhou o popular Campeonato da Bolinha (futebol de sete). E ainda o Interport com Hong Kong.

Há quase três décadas em Macau, tem um longo currículo no futebol local. Como jogador e treinador. E um sonho: abraçar um projecto profissional ou semi-profissional.

Do outro lado do globo, nas escolas do

“(...) um desejo: ter a oportunidade de ver José Mourinho treinar ou fazer mesmo um estágio com o timoneiro do Real Madrid.”



seu Benfica, o filho David está à procura de singrar no complexo mundo da alta competição. O pai não gosta de entrar em muitos pormenores, mas sempre deixa escapar uma certeza: tem potencial para ir longe, para ser profissional de futebol. Com 48 anos, natural de Luanda, Rui Cardoso confessa que teve uma infância feliz.

Dos primeiros anos em Angola recorda as primeiras futeboladas e os treinos de hóquei em patins, no popular Asa de Luanda.

### Boa adaptação a Portugal

Com 12 anos parte para Portugal. O 25 de Abril provocou grandes alterações em Angola e a família resolve instalar-se em Queluz, nos arredores de Lisboa, mesmo em frente à sede do Grupo Desportivo de Queluz. A adaptação foi boa, só estranhava o frio. Havia muito convívio com outros retornados, observa.

Apesar de ter deixado a meio o ensino secundário, mais tarde em Macau, com

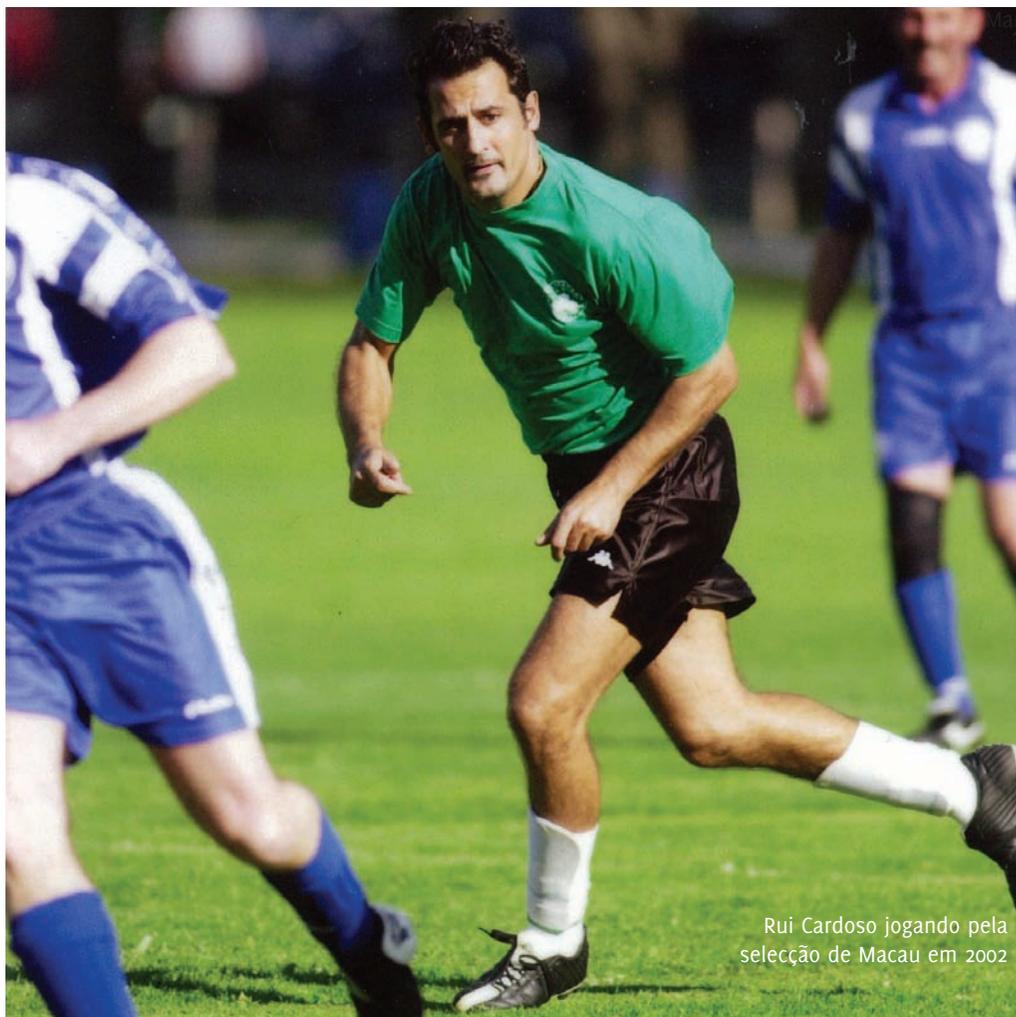
40 anos, regressou aos bancos da escola e licenciou-se em Administração Pública no Instituto Politécnico de Macau. É talvez por isso que continua a dizer que David tem que concluir o 12.º ano antes de optar pelo futebol profissional. A formação escolar é fundamental, temos que estar preparados para enfrentar o futuro.

A primeira experiência nas escolas do Benfica não foi bem sucedida. Pela mão de um tio, no Verão de 1977, faz uns treinos no clube do seu coração. Dezenas de miúdos a chutar a bola contra uma parede, lembra com certa emoção, mas não foi possível continuar, pois a realidade de então era muito diferente da actual. Desisti, pois não tinha condições para andar no treino. Além disso, a minha família não via com bons olhos a opção pelo futebol, acrescenta.

Depois de um ano no Grupo Desportivo de Queluz, hoje Clube Desportivo e Recreativo de Massamá, tenta a sorte no futebol juvenil do Sporting. Ainda era juvenil e na altura a competição era



Festejando a vitória



Rui Cardoso jogando pela selecção de Macau em 2002

muito grande, numa equipa que tinha Carlos Xavier e companhia. Acabei por ser dispensado.

Após mais dois anos no Grupo Desportivo de Queluz, ingressa no Estrela da Amadora. Faz parte do plantel que assegura a subida à primeira divisão, mas não joga uma única vez, ainda era júnior. Segue-se o Costa da Caparica e quando estava à experiência no Almada surge o convite para mudar-se para Macau.

Trabalhava em *part-time* numa empresa da área da perfumaria e farmácia e através de uma pessoa que trabalhava em Macau houve um contacto para vir jogar no Negro Rubro, na altura treinado pelo Carlos Prieto, que estava na TDM, conta à Revista Macau quase 30 anos depois.

Chega a Macau em Janeiro de 1985 e acaba a jogar na formação da Flora pela mão de Francisco Manhão, já que nessa época o Negro Rubro não participou no campeonato. Ingressa nos Serviços



Um treinador vitorioso



Com a equipa técnica do F. C. Porto, quando esta visitou Macau na década de 90



Com os seus dois filhos e o antigo jogador e treinador do Benfica, Toni

de Finanças, onde ainda hoje trabalha. Começa a jogar no Grupo Desportivo das Finanças e em muitos clubes locais, como o Yao Kit, o Hap Kuan, o Lam Pak ou o Monte Carlo. E na selecção de Macau, cujas cores vestiu até aos 35 anos.

### “Futebol evoluiu”

O futebol em Macau evoluiu, tecnicamente é melhor. Na década de 80 e 90 trabalhava-se muito fisicamente, jogava-se mais com o coração. Agora temos treinadores que sabem mais de futebol, que estão interessados em adquirir novos conhecimentos, reconhece.

O treinador campeão de Macau destaca o trabalho desenvolvido pelas escolas chinesas e pela própria Associação de Futebol. O Ka I é um bom exemplo disso, pois temos muitos jovens com enorme potencial, assegura, mas lamenta não haver campeonatos nas camadas jovens. Não há competição suficiente, os jovens futebolistas têm técnica, mas não têm a base, revelando falta de conhecimentos tácticos, adianta.

Os futebolistas locais não têm muita ambição, não sonham com o profissionalismo, têm muito receio de tentar uma aventura fora do território. Não há tradição de ir jogar no exterior. Macau tem, contudo, condições para avançar na direcção do semi-

profissionalismo. Os casinos podiam, por exemplo, criar equipas com condições de trabalho, que permitissem a realização de um campeonato competitivo. Cinco ou seis equipas, que levassem os residentes e o turistas aos estádios, defende, considerando que poderia ser um primeiro passo para desenvolver o desporto-rei em Macau.

Nos dias de hoje, divide-se entre os treinos do Ka I e do Benfica. Como há poucos espaços para treinar, acabo por juntar os atletas dos dois clubes e trabalhámos em conjunto. As duas equipas são de escalões diferentes, mas é possível desenvolver um trabalho que tem dado bons resultados. Algumas vezes fazemos mesmo um jogo-treino, é muito competitivo, pois os jogadores do Benfica procuram jogar de igual para igual com os do Ka I, que têm outros recursos técnicos e tácticos, explica. Num território onde a competição é reduzida, como é que um treinador procura estar a par da evolução da modalidade? Rui Cardoso aproveita as novas tecnologias, nomeadamente a Internet. Recebo com regularidade revistas de futebol e sou membro de uma universidade de futebol, que através da rede coloca as pessoas a discutir os novos sistemas, as estratégias, conta, notando que em Macau existe uma grande vantagem para os treinadores: Não há a



Rui Cardoso integrando a selecção de Macau em 1993



Na companhia do guarda-redes benfiquista Fernando Brassard, em 1996

exigência dos associados, a pressão dos resultados. O trabalho pode ser feito com calma e os jogadores manifestam sempre grande vontade em aprender, o que é muito estimulante.

## Treinar com Mourinho

O pai da laranja mecânica, o criador do futebol total, Rinus Michels, é um dos seus ídolos. É também holandês outro dos treinadores que mais admira: Van Gaal. Pelo seu carácter, pela forma como lida com os jogadores. Já tive a oportunidade de o ver trabalhar na Holanda e aprecio muito os seus métodos, comenta, deixando cair um desejo: ter a oportunidade de ver José Mourinho treinar ou fazer mesmo um estágio com o timoneiro do Real Madrid. É, de facto, o melhor do mundo. É extraordinária a sua capacidade de adaptar as equipas que orienta ao estilo que melhores resultados pode alcançar. Se tem jogadores para jogar ao ataque aposta no ataque, se tem atletas que estão mais vocacionados para defender, opta por essa estratégia. Mas sempre com o objectivo de ganhar. Elogia também Carlos Queiroz, uma das suas referências.

Amante do golfe, Rui Cardoso lamenta a falta de tempo para dar umas tacadas nos greens de Coloane. É uma desafio

muito grande, pois lutámos sozinhos para chegar com menos pancadas ao fim. Depende do trabalho individual, é uma luta contra o próprio jogador.

Gosta de ouvir música, sinfónica e baixinho, quando estou a trabalhar.

As leituras são quase sempre profissionais, os livros de futebol são muito técnicos, é preciso ler com calma, pois tenho que fazer muitos apontamentos para tirar proveito, para beber o que está lá escrito.

Aos fins-de-semana não dispensa o convívio com um leque diversificado de amigos, há sempre tempo para uma boa cavaqueira, para pôr a conversa em dia. Com mais de duas décadas de permanência no território, Rui Cardoso assistiu à profunda transformação que Macau conheceu. O jogo tem uma grande importância, mas deve haver um enorme esforço para preparar os jovens para os perigos dos casinos e de todas as actividades que gravitam em torno dessa indústria, nota.

Nos próximos meses, vai lutar pela revalidação do título com o Ka I e pela subida do Benfica à primeira divisão. E aguardar que os pupilos de Jorge Jesus venham a Macau. O também dirigente do Benfica local acredita que os encarnados podem regressar ao território no final da temporada, onde não jogam há mais de uma década. ■



## Em busca da identidade cabo-verdiana

As ilhas do Cabo Verde foram encontradas por navegadores ao serviço do rei de Portugal por volta de 1460. E para as apresentar na sua génese, nenhum texto escrito o faz melhor que o Prelúdio do poeta Jorge Barbosa:

*Quando o descobridor chegou à primeira ilha/  
nem homens nus/nem mulheres nuas/ espreitando/inocentes e medrosos/detrás da vegetação./ Nem setas venenosas vindas no ar/ nem gritos de alarme e de guerra/ ecoando pelos montes./ Havia somente/ as aves de rapina/ de garras afiadas/as aves marítimas/ de voo largo/ as aves canoras/ assobiando inéditas melodias./ E a vegetação/ cujas sementes vieram presas/ nas asas dos pássaros/ ao serem arrastadas para cá/ pelas fúrias dos temporais./ Quando o descobridor chegou/ e saltou da proa do escaler varado na praia/ enterrando/ o pé direito na areia molhada/ e se persignou/ receoso ainda e surpreso/ pensando nEl-Rei/ nessa hora então/nessa hora inicial/começou a cumprir-se/este destino ainda de todos nós.*

O descobridor também logo constatou que a relativa secura e pobreza em espécies vegetais e animais não era de molde a interessar e atrair pessoas de alguma qualificação, quer técnica quer económica. Estava fora de questão cativar uma elite, fosse portuguesa ou de outras nacionalidades, como tinha acontecido aquando do povoamento da Madeira ou dos Açores.

Decidida, porém, a vantagem económi-

co-política de transformar Santiago num entreposto do comércio de escravos para as diversas rotas do mundo, houve que começar a povoar a ilha. Além de gente, foram levadas as primeiras plantas que gerariam alimentos, bem como animais. Assim, todos os alimentos básicos, a começar pelo milho e o feijão, mas também a mandioca, a papaia, a batata-doce, apenas para referir algumas espécies, são todas do Brasil, com excelentes resultados na sua adaptação às ilhas no Atlântico. Do mesmo modo que o coqueiro e a mangueira foram levados da Índia, a tamareira saiu do Norte da África e o café, de algures do mundo.

Já no que concerne ao povoamento humano, de início não houve tanta sorte. Isso porque as primeiras levas de colonos enviados de Portugal para Cabo Verde deixavam muito a desejar. Eram criminosos condenados ao degredo, prostitutas arroladas pelas ruas e mendigos. Enfim, uma ralé tão ordinária que, anos mais tarde, deles viria a escrever com desgostoso e evidente exagero o cabo-verdiano Mário Leite, num livro sobre a história das ilhas: Verdadeiros celerados que tinham além de outras, essas tendências anormais: cropolalia, dipsomania, piromania, cleptomania, dromomania. Por outro lado, havia absoluta urgência por parte de Portugal na efectiva ocupação das ilhas, em grande parte devido às



© UNESCO / Sébastien Morisset

divergências com a sôfrega, gananciosa e poderosa Castela, disposta a tudo arrebatar para o seu domínio. Uma das primeiras medidas adoptadas pela Coroa portuguesa com o objectivo de nas ilhas fixar residentes, foi conceder, através de uma carta tipo foral, datada de Junho de 1466, uma série de privilégios ao donatário e demais moradores de Santiago. Entre esses privilégios, constava o direito especial de poderem negociar em todas as partes da Guiné e vender as suas mercadorias sem qualquer limitação, desde que provassem ser vizinhos da ilha de Santiago. Anos depois, mais precisamente em Fevereiro de 1472, a Coroa viria a impor aos moradores a obrigatoriedade não só de povoarem a ilha, como tam-

bém de nela produzirem os bens destinados ao seu comércio com a costa. Essas decisões foram de grande utilidade, mas não chegavam para o povoamento generalizado que se desejava. E assim, por volta de 1600, durante o domínio dos Filipes de Espanha, a Coroa portuguesa acabou por entrar em negociações com os cristãos-novos: contra o pagamento de uma determinada quantia, permitiu que grande número se instalasse em Cabo Verde com as suas famílias e bens. Foi um salto qualitativo importante. Os judeus que podiam pagar a sua instalação em Cabo Verde eram gente não só de cabedais, como de instrução, com fortuna suficiente para armar navios e resgatar na costa, vindo desse modo a

“Cabo Verde é um pequeno país formado por dez ilhas, situado na costa ocidental do continente africano. Independente desde 1975, depois de 400 anos de colonização portuguesa, abriga mais de 500 mil habitantes”



© UNESCO / Sébastien Moriset



© UNESCO / Roger, Dominique

contribuir fortemente para a criação e afirmação de uma importante elite na ilha de Santiago.

Concomitantemente, chegavam escravos da África continental: do Senegal, do Sudão, da Guiné, do Congo e de Angola. A maioria destinada à reexportação, mas grande parte para o serviço na ilha, sobretudo na cultura do algodão, primeiro

em Santiago e posteriormente no Fogo. Um problema que cedo viria a causar preocupações à metrópole foi a miscigenação, que começou de forma desenfreada logo que os brancos entraram em contacto com as escravas negras. A famosa aldeia do Sapes, nos arredores da cidade de Ribeira Grande, em Santiago, terá sido o primeiro laboratório de miscigenação



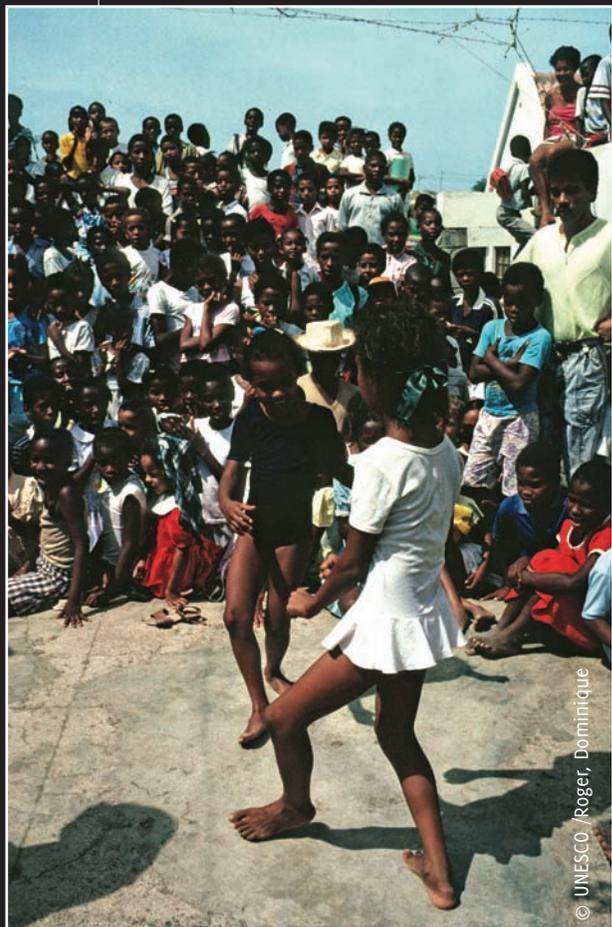
© UNESCO / Roger, Dominique



© UNESCO / Roger, Dominique

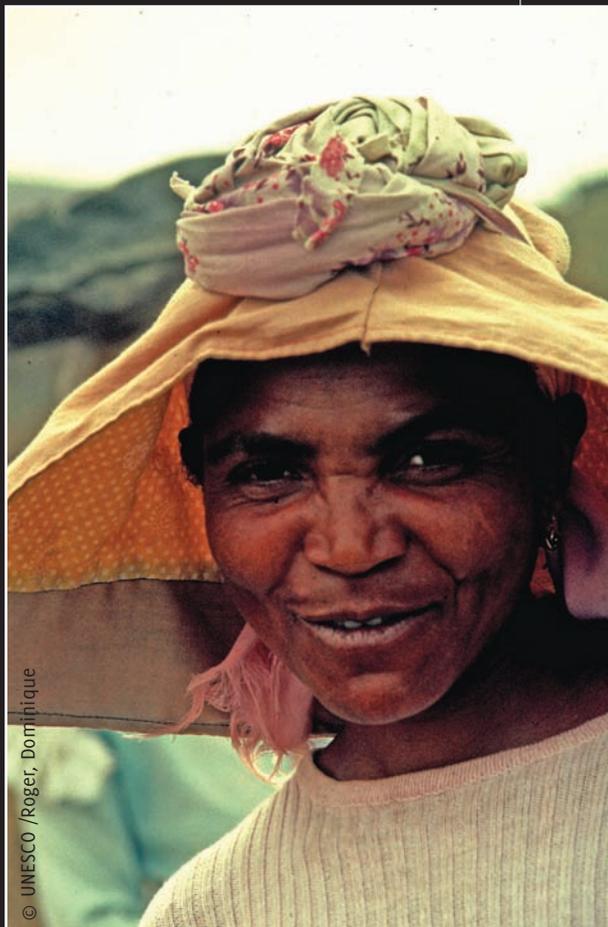
antes de o fenómeno se alastrar pela ilha e depois pelo arquipélago. No intuito confesso de limitar o uso da mulher preta pelo homem branco, o rei D. Manuel I ordenou que todas as mulheres portuguesas que tivessem de ser degredadas, deveriam sê-lo especialmente para Cabo Verde, pretendendo desse modo prover os homens brancos de mu-

lheres da sua cor. Contudo, tal estratégia não resultou, ou pelo menos não terá sido suficiente. Um autor da época gracejou que as degredadas, mulheres conhecedoras do mundo, em vez de se deixarem iludir pelas almiscaradas palavras de amor, antes preocupadas com o seu próprio bem-estar, não se prendiam por questões de cores. Pre-



© UNESCO / Roger, Dominique

feriam entregar-se àqueles que melhores garantias lhes ofereciam, nesse caso os pretos e mulatos que, para as possuir, não olhavam a sacrifícios. Quanto aos brancos livres, estes temiam a desenvoltura das degredadas conhecedoras da vida, optando pelas virtudes, graça e inocência das pretas e mulatas. E, por isso, entre estas escolhiam as suas esposas. Restavam os portugueses degredados. A uma compatriota pobre, escolhiam uma preta ou mulata que fosse rica. De sorte que, acrescenta o cronista da época, o grave problema político da extinção da raça preta e mulata proposta pela metrópole, vai-se antes resolvendo pela sua mais ampla propagação. Bem entendido que nada disso se fez de forma pacífica, como hoje pode parecer.



© UNESCO / Roger, Dominique

Houve mesmo um bispo, de nome Vitoriano Portuense, que esteve em Santiago por volta de 1690 e que, desesperado com a concubinagem que reinava na ilha, pessoalmente ia todas as noites tirar as mancebas das casas dos clérigos e de alguns seculares. Não tendo poder para punir os homens, castigava as mulheres: as que fossem escravas mandava-as para o Rio de Janeiro; as que fossem forras, para a ilha de Santo Antão. Para desvendar um dos primeiros factores da construção da identidade cabo-verdiana, não se pode excluir, sem qualquer dúvida, a concubinagem e a consequente miscigenação por ela provocada. Mas há ainda outros factores não menos importantes. O sociólogo e historiador cabo-verdiano António Correia e Silva enfatiza

“Um problema que cedo viria a causar preocupações à metrópole foi a miscigenação, que começou de forma desenfreada logo que os brancos entraram em contacto com as escravas negras”

a forma exemplar como a fazenda insular substituiu a comunidade aldeã africana, e acabou por ser o seio no qual o homem das mais diversas partes do continente foi transformado no escravo cabo-verdiano. Foi a fazenda, escreve ele, lugar de trabalho, habitação, repouso, convívio, de festa e de morte, onde o quotidiano se desenrolava nas suas múltiplas dimensões, o espaço privilegiado de aculturação de escravos originários de uma África imensa, cada qual com a sua língua, religião e estrutura de parentesco.

Assim, pode-se concluir, numa primeira abordagem, que a concubinação e a fazenda são os dois elementos que desde muito remotamente se apresentam como os principais definidores do que viria a ser a identidade nacional cabo-verdiana. ■





## Laboratórios com classificação nacional

MACAU conseguiu incluir, pela primeira vez, dois dos seus laboratórios na lista das 200 instituições com classificação nacional. O Laboratório de Referência Nacional de Pesquisas de Qualidade da Medicina Chinesa, que estuda a qualidade dos produtos tradicionais, e o Laboratório de Referência Nacio-

nal de Circuitos Integrados de Grande Escala de Sinais Simulados e Misturados, voltado para a microeletrónica, receberam luz verde por parte do Ministério da Ciência e Tecnologia e pelo Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia da China. O Governo Central e o da RAEM irão contribuir com um financiamento inicial de 24 milhões de patacas, dinheiro esse que será investido em equipamentos e infra-estruturas básicas. ■





## Arquitectos lusófonos debatem Cidade, Cultura e Ambiente

CONVIDADOS de Macau, Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Goa estiveram na RAEM para o 12.º Encontro do Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa. Durante a assembleia geral, os arquitectos aprovaram a entrada de Goa no organismo e revisaram, pela primeira vez desde a sua criação, em 1991, os estatutos do Conselho,

que prevêem agora a criação de associações ligadas à problemática da arquitectura e do urbanismo, como Macau. Para complementar o encontro, os arquitectos apresentaram trabalhos ligados ao tema “Cidade, Cultura e Ambiente” e partilharam ideias, preocupações e projectos tendo como fio condutor a herança da arquitectura lusófona. O próximo encontro, este ano, acontece em Cabo Verde. ■

## Etíope foi o mais rápido

A MARATONA Internacional de Macau de 2010 fechou com a vitória do etíope Tekeste Nekatibeb, que conseguiu completar os 42 quilómetros da prova em 2h16min15s, a fechar com chave de ouro a sua estreia no território. A 29.ª edição da maior competição de atletismo da Região Administrativa Especial de Macau bateu o recorde de atletas inscritos: 4500. Além da Etiópia, o Quénia também brilhou na prova, ao conseguir incluir no pódio

14 dos 20 atletas que trouxe à região. O chinês Yin Jin Zhun, também estreante nesta maratona, acabou a corrida em quinto lugar e foi o único atleta não africano a subir ao pódio alargado, com uma distância superior a um minuto e meio do vencedor.

Na prova feminina, a China foi a mais rápida, com a desportista Wang Xue Xin a cortar a meta com o tempo de 2h37min37s. ■



## Gentes de Macau estimulam desenvolvimento

O DESENVOLVIMENTO de Macau é fruto da “solidariedade, da tolerância e do empreendedorismo das gentes” locais, afirmou o Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, ao discursar na cerimó-

nia comemorativa dos 11 anos do estabelecimento da RAEM. O líder do Governo, que cumpriu no dia 20 de Dezembro o seu primeiro ano de mandato, sublinhou as preocupações sociais na actuação

do Executivo, não esquecendo, porém, a diversificação económica o apoio às pequenas e médias empresas, a educação ou a cultura. “Da nossa experiência de governação ao longo dos anos, resulta que o desenvolvimento económico e a melhoria das condições de vida dos cidadãos devem ser as principais prioridades da acção governativa”, disse. O líder do Governo salientou também que o Executivo está ciente de que “só com a aposta contínua na melhoria do bem estar dos cidadãos, proporcionando-lhes carinho e atenção” se será capaz de “congregar a vontade e a sabedoria da população, ganhando o seu apoio, para, em comum, construir um futuro mais promissor”. ■



## Lusofonia unida pela aviação

OS PAÍSES lusófonos membros do Fórum Macau realçaram, num seminário conjunto com a China, a necessidade de reforçarem a cooperação para a qualificação dos recursos humanos aeroportuários, para que possam responder eficazmente aos avanços tecnológicos. O director-geral do departamento de aeroportos da Autoridade de Aviação Civil da China, Qin Zhanggao, abriu o seminário da 3.ª Conferência de Aeroportos da China e dos Países de Língua Portuguesa, em Macau, admitindo que na “maioria dos aeroportos chineses é necessária uma melhoria da qualidade do serviço”. “A falta de recursos



humanos qualificados” é o principal factor do estrangulamento do desenvolvimento da aviação civil, apontou o responsável.

O administrador da NAV-Navegação Aérea, Carlos Beja, realçou que pela “dimensão e dispersão dos países de língua portuguesa, o transporte aéreo é fundamental” para estas regiões, sublinhando ser necessário “acompanhar os avanços tecnológicos com uma for-

mação adequada dos recursos humanos”. A Companhia do Aeroporto de Macau (CAM) apresentou uma proposta ao Fórum Macau para que o fundo de 1000 milhões de dólares anunciado pela China para a cooperação com a lusofonia venha a servir a aviação dos países menos desenvolvidos, designadamente com o patrocínio de um programa de formação aeroportuária. ■

## Relações com Shenzhen fortalecidas

OS GOVERNOS de Macau e da Zona Económica Especial de Shenzhen assinaram cinco protocolos de cooperação para as áreas financeira, turística, cultural, académica e de controlo de medicamentos tradicionais chineses. O presidente do município de Shenzhen, Xu Qin, salientou que o protocolo de cooperação assinado entre a Universidade de Macau e a Universidade de Ciência e Tecnologia Nanfang visa um “reforço da cooperação ao nível da formação contínua e investigação científica”. Quanto à cooperação na área da medicina tradicional chinesa, o responsável observou que a “biotecnologia constitui uma indústria estratégica de Shenzhen e, perante o elevado nível da medicina chinesa do Instituto de Ciências Médicas da Universidade de Macau, existe uma boa base

de cooperação, com perspectivas alargadas”. O secretário para a Economia e Finanças de Macau, Francis Tam, considerou, por sua vez, que as duas regiões “vão continuar a desenvolver esforços para alargar e intensificar os resultados frutíferos de vários anos de cooperação”, com enfoque em matéria de indústrias culturais. “Uma maior troca de turistas e intercâmbio entre altos dirigentes, os resultados evidentes na área económica e comercial, novos horizontes para a área cultural, maior frequência de acções na área do turismo, aprofundamento contínuo na área financeira e fortalecimento da cooperação para a segurança de produtos alimentares” são os avanços registados na cooperação Macau-Shenzhen assinalados pelo secretário. ■

# De ilha recôndita a centro mundial

Os trabalhos que irão pôr a Ilha da Montanha (Hengqin) no mapa do turismo internacional começaram a todo o vapor em Dezembro do ano passado, com a construção do maior parque aquático do mundo. As maiores montanhas-russas lá estarão. Prevê-se que todos os anos mais de 15 milhões de turistas passem pelo território vizinho a Macau

TEXTO: MARK O'NEILL

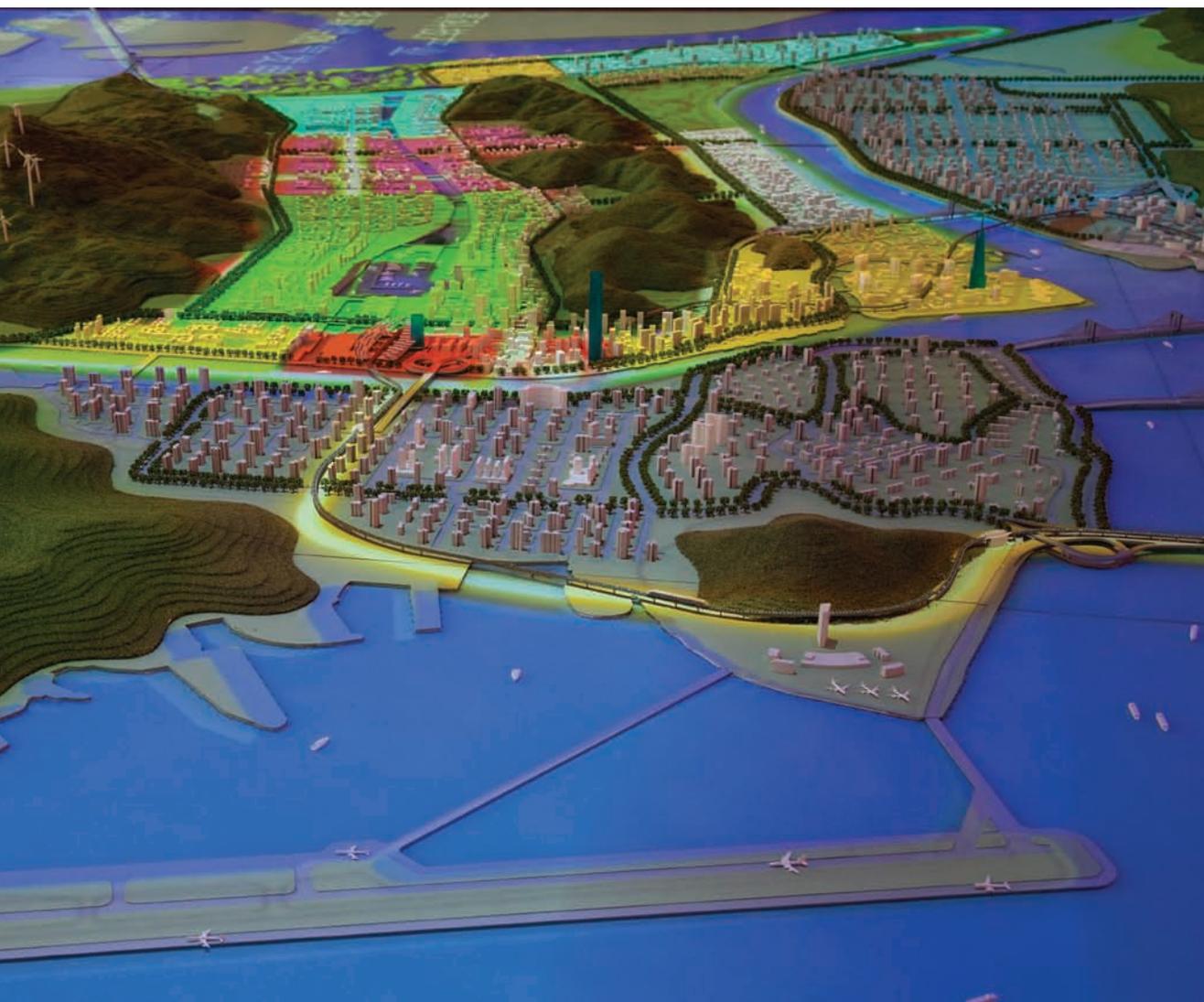


Na zona Sul, o maior parque aquático do mundo. Na parte Leste, o novo *campus* da Universidade de Macau, para onde professores e estudantes se devem mudar no fim de 2012. Estes são dois dos projectos que estão a mudar por completo a fisionomia de uma das ilhas do Delta do Rio das Pérolas antes intocada. O objectivo é transformar a Ilha da Montanha num refúgio turístico, educacional e empresarial até

2020, com a população a crescer mais do que 50 vezes, passando dos actuais 5000 habitantes para os 280 mil.

Apesar do acelerado desenvolvimento, uma garantia está lançada. “Será um modelo de ilha ecológica”, frisa Zhao Zhenwu, subdirector da divisão de trabalhos do Comité Administrativo para a Nova Zona de Hengqin (HNA-AC, na sigla em inglês). “Dos seus 106 quilómetros quadrados, 78 não serão

desenvolvidos ou terão uma intervenção bastante limitada. Não haverá poluição, nem ares condicionados. O sistema refrigerante será movido a gás natural, o que impulsionará a qualidade de vida”, explica o responsável. É chegada, portanto, a altura para o investimento, como aconselha Zhao Zhenwu. Se as pessoas de Macau quiserem comprar uma casa na Ilha da Montanha, devem fazê-lo o quanto antes. Com a qua-



lidade de vida que vamos ter, os preços vão disparar, alerta.

A área total da Ilha da Montanha é três vezes a de Macau, que ganha, com o desenvolvimento do território adjacente, um complemento para a sua própria expansão, com mais ofertas de habitação e serviços que na região administrativa especial não teriam espaço para serem alojadas.

Foi em Agosto de 2009 que o Conselho de Estado

deu luz verde para que Hengqin ganhasse o estatuto de distrito económico especial, o terceiro local na China a entrar para essa lista - já lá constavam Pudong, em Xangai, e Binhai, em Tianjin. Uma decisão tomada no topo da hierarquia demonstra por si só a importância que o Governo Central atribuiu à ilha e o seu papel estratégico no futuro do Delta do Rio das Pérolas.

Pequim quer agarrar a oportunidade de trans-

formar este território inexplorado em algo completamente novo - uma ilha de árvores, lagos, com baixa densidade populacional e um índice reduzido de emissões de gases poluentes. A Ilha da Montanha está agora pensada para ser, em todo o Delta, o sítio mais ecológico para se querer estar.

### Nova universidade

Um dos principais projectos - e também o primeiro



## Espera-se que dez mil alunos frequentem ao mesmo sobrelotam o actual *campus* na Taipa. A nova escola

- é a construção do novo *campus* da Universidade de Macau em lotes que, na sua globalidade, somam 1,09 quilómetros quadrados e estão voltados para a Taipa. Em Junho de 2009, a Comissão Permanente da Assembleia Popular Nacional (APN) aprovou um diploma a transferir a jurisdição dos terrenos à Região Administrativa Especial de Macau. Durante 40 anos, a RAEM terá de pagar um empréstimo de 150 milhões de dólares (390 mil milhões de patacas) a Zhuhai. Somam-se ainda os gastos de 6000 milhões de patacas estimados para concluir o

novo *campus*. O *empréstimo* irá permitir ainda que estudantes, professores, equipa técnica e visitantes possam entrar e sair do *campus* sem ter de passar pelo controlo de imigração. É a primeira vez que tal decisão é tomada pela APN em relação a um território vizinho de Hong Kong e Macau, desde a transferência - em 1997 e 1999, respectivamente. A evidenciar o apoio de Pequim, o presidente Hu Jintao, participou na cerimónia da primeira pedra do novo *campus* no dia 20 de Dezembro de 2009. Prevê-se a conclusão das

obras em dois anos. Um grande cronómetro a indicar o prazo final - 19 de Dezembro de 2012 - fica à porta do escritório do construtor, o Grupo Guangdong Nan Yue. A cada dia que passa, o relógio assinala a proximidade da data limite. Um porta-voz da companhia referiu que se tem enfrentado dois grandes desafios. Um deles é o nível baixo do terreno, que requer a drenagem de quantidades astronómicas de água do subsolo. Concluída essa primeira fase, é altura de estabilizar a terra e conseguir firmá-la de forma a erguer sobre elas



## tempo a instituição, face aos actuais seis mil que ocupará uma área 20 vezes maior do que a presente

os edifícios.

O outro desafio prende-se com o facto do projecto estar circunscrito a duas jurisdições legais, o que significa, em outras palavras, que o processo deve ser acompanhado e fiscalizado por departamentos da província de Guangdong e de Macau. A empresa Nan Yue está também responsável pela construção de um túnel subaquático para pessoas e mercadorias da Ilha da Montanha até a Taipa um duplo desafio de engenharia devido à pouca rigidez do solo e à curta distância de entrada no lado de Macau.

O chefe da obra do novo *campus* é o arquitecto He Jingtang, vice-presidente da Sociedade de Arquitectos da China e projectista do Pavilhão chinês na Expo Xangai 2010. A Universidade terá dez residências para estudantes, cada uma com capacidade para 500 pessoas. Espera-se que dez mil alunos frequentem ao mesmo tempo a instituição, face aos actuais seis mil que sobrelotam o actual *campus* na Taipa. A nova escola ocupará uma área 20 vezes maior do que a presente. Lagos, jardins, passeios pedestres e motivos arquitectónicos e representati-

vos da cultura do Sul da China e do Sul da Europa irão encher os olhos.

### Reino das águas

Na zona Sul da Ilha da Montanha irá nascer um outro projecto de grande envergadura - o Reino do Oceano, um investimento de dez mil milhões de yuans (cerca de 12 mil milhões de patacas) por parte da empresa privada Chimelong International, de Cantão. O parque temático irá abrigar as maiores montanhas-russas do mundo, com 218 metros de altura, e um vasto leque de atracções

que incluem um circo aquático, mais de 40 locais de observação subaquática, safari nocturno, teatro 5D e zona de golfinhos e baleias brancas. A primeira fase, que abrange o Parque Reino do Oceano e o Hotel Oceano, estará concluída até o fim de 2012, quando as atracções vão abrir as suas portas. O complexo terá um hotel temático de golfinhos com 1888 quartos disponíveis. Ye Wenqing, subdirectora do Comité para o Desenvolvimento Industrial de Zhuhai da HNAAC,

afirma que os golfinhos, os leões-marinhos e outros animais aquáticos serão levados para a ilha a partir da Rússia, do Japão, dos Estados Unidos e da Austrália, e estarão de quarentena até a sua completa adaptação ao novo habitat.

O foco do turismo vai além dos chineses do continente. A estratégia é tornar o parque um centro de lazer internacional. “No início, esperamos ter principalmente turistas do

Interior do País, mas acreditamos que, com o tempo, mais e mais visitantes de outros países virão conhecer-nos”, aponta, acrescentando os benefícios para Macau. “Trá, com certeza, ajudar Macau a diversificar o seu turismo familiar. Enquanto o marido joga no casino, a mãe e os filhos vêm para o Parque Reino do Oceano.” Outras infra-estruturas turísticas na Ilha da Montanha vão incluir marinas para iates, campos de



Com a fronteira aberta 24 horas todos os dias, será bastante

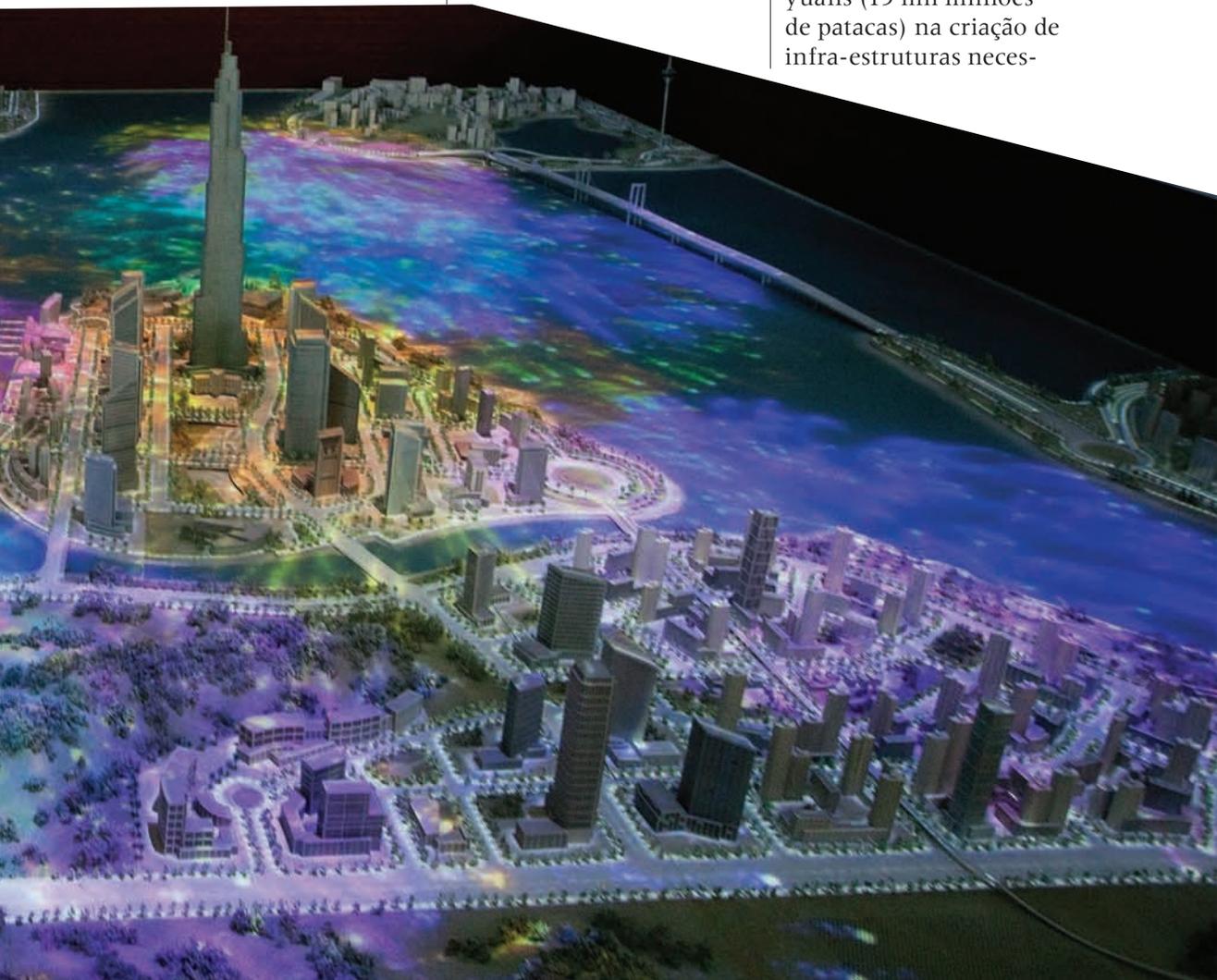
golfe, instalações médicas - focadas principalmente na vertente estética e da beleza com a possibilidade de um hospital -, galerias de artes e residência de artistas estrangeiros. Zhao Zhenwu refere que o Delta do Rio das Pérolas poderia atrair mais turistas se houvesse uma maior variedade de actividades para toda a família. “No futuro, podemos oferecer um ou dois dias em Hong Kong, outros dois dias em Macau e mais dois na Ilha

da Montanha. Os visitantes terão o que fazer e poderão cá ficar por mais tempo. Iremos complementar o turismo de Macau”, assinala. Na zona Norte da ilha, nascerá uma “área residencial de calibre internacional”, com casas ecológicas e com uma baixa densidade populacional. Zhao acredita que, apesar da alta qualidade, as casas serão mais baratas que em Macau, o que irá atrair residentes do território vi-

zinho a se estabelecerem em Hengqin. “A configuração do meio ambiente será mais atractiva e haverá mais oportunidades de recreação. Com a fronteira aberta 24 horas todos os dias, será bastante conveniente viver na Ilha da Montanha e ter um emprego em Macau.”

## A abrir caminho

O governo local de Zhuhai está a investir cerca de 12,6 mil milhões de yuans (15 mil milhões de patacas) na criação de infra-estruturas neces-



conveniente viver na Ilha da Montanha e ter um emprego em Macau



## O que será da Ilha da Montanha em 2020



**A**umentar a população das actuais 5000 para 280 mil pessoas. Em 2015, espera-se já 120 mil habitantes

**A**lcançar o Produto Interno Bruto (PIB) per capita de 200 mil yuans em 2020, com um ponto intermédio de 120 mil em 2015

**P**reservar os espaços verdes de forma a que representem pelo menos 50% da ilha

**T**oda a água utilizada será tratada e o lixo será eliminado sem provocar poluição

sárias para alojar os 280 mil residentes previstos na Ilha da Montanha até 2020. Uma estrada de 52 quilómetros irá cobrir toda a circunferência da ilha e será toda ela decorada com árvores e flores. Ye Wenqing afirma que o local será ideal para provas de bicicleta e maratonas internacionais. Serão construídas ainda duas pontes a ligar Hengqin com o resto da cidade de Zhuhai, incluindo uma de acesso directo ao aeroporto da cidade, dois túneis, uma ponte para Macau e pavimentação dentro da ilha. Os residentes de Macau serão autorizados a circular com os seus carros no território vizinho. A energia será gerada a partir de estações eólicas e gás natural transportado do Mar do Sul da China. A China Power Invest-

Ye Wenqing, subdirectora do Comité para o Desenvolvimento de Zhuhai do HNAAC





Zhao Zhenwu, subdirector de uma das divisões do HNAAC

ment Corporation está a construir um projecto de produção de energia avaliado em 12 mil milhões de yuans (14 mil milhões de patacas).

### Distrito empresarial

Na parte Nordeste da ilha, nascerá o Distrito Empresarial Shizimen, cuja primeira fase de construção arrancou em Julho de 2010. O investimento total ronda os 100 mil milhões de yuans (118 mil milhões de patacas), dos quais 38 mil milhões virão do Grupo

Huafa, a maior empresa imobiliária de Zhuhai. O bairro ocupará uma área de 5,77 quilómetros quadrados e levará cinco anos a ser completamente construído.

Fazem parte do projecto dois hotéis de cinco estrelas a serem geridos pelos resorts St. Regis e Sheraton e o Centro de Convenções Internacional de Zhuhai, com 25 mil metros quadrados e capacidade para dez mil visitantes. Ao lado do centro ficará uma torre de 300 metros de altura, o maior edifício de Zhuhai e Ma-

cau, com escritórios de alto luxo e o hotel St. Regis. O distrito, que irá criar 11 milhões de metros quadrados, está pensado sobretudo para negócios ligados ao sector bancário, de seguros e comércio, com enfoque para convenções e feiras. Investidores de todo o mundo serão bem-vindos, mas prioridade será dada a empresas da província de Guangdong, de Hong Kong e Macau. O edifício da Corporação da Indústria de Aviação da China (AVIC, na sigla em inglês) já está garantido no bairro, para dar apoio à sua nova fábrica na cidade de Zhuhai.

### Indústria

O projecto inicial para a Ilha da Montanha inclui também uma área industrial de alta tecnologia e pesquisa científica na ponta Nordeste da ilha. Zhao garante que as indústrias em Hengqin ficarão restritas àquelas não-poluentes, como as da área de electrónicos. O governo está também a avançar para a construção do Parque da Medicina Tradicional Chinesa no espaço de 1,5 quilómetros quadrados, com investimento conjunto de Macau. O projecto está pensado para servir de plataforma para pesquisa, desenvolvimento e formação de profissionais, com a participação de investidores estrangeiros. ■



# Sun Yat-sen

## Macau e o centenário da República

“Macau nunca faltou à Pátria em tempos severos, ou prósperos”. As sábias palavras do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, proferidas na sua última visita a Macau, aqui consubstanciadas livremente na sua ideia mestra, são o merecido reconhecimento do papel que o exíguo território chinês desempenhou como parceiro, ainda que humilde e pequenino, mas simultaneamente grande.

Um papel que vale a pena recordar no ano em que se comemora o centenário da instauração da República na China e do seu primeiro Presidente, Sun Yat-sen. Um herói universal, reivindicado pelas esquerdas e pelas direitas, e figura que foi genuinamente um produto da iniludível singularidade histórica de Macau.

A influência de Macau na proclamação da República da China, em 1911, é tanto evidente quanto mal conhecida universalmente. Isso deve-se à quase total ausência de estudos em língua portuguesa e a sua subsequente divulgação global. Ao contrário, a importância de Hong Kong na queda da dinastia imperial Manchu é sobrestimada precisamente pelo oposto, ou seja, pela abundância de bibliografia.

O que existe em inglês dispersa-se por milhares de livros e outros tantos estudos académicos especializados, artigos de jornal, documentários de televisão

e excertos na “blogosfera”. Sei lá que mais! Em português, o tema não chegará para ocupar prateleira inteira de uma pequena biblioteca particular. Certamente que ainda não ocupou minuto algum no “Canal de história” (ou Memória, não sei...) da RTP, por exemplo.

Uma parte significativa dos revolucionários da segunda metade do século XIX e início do século XX que contribuíram para a implantação da República da China, em 10 de Outubro de 1911 (e numa segunda fase, para a instituição da República Popular em 1 de Outubro de 1949), era originária da província de Guangdong, com destaque para a figura incontornável de Sun Yat-sen.

Sun nasceu numa pequena localidade a pouco mais de 30 quilómetros de Macau, a 12 Novembro de 1866, numa família de etnia Hakka na aldeia de Cuiheng, no distrito de Xiangshan, mais tarde rebaptizado Zhongshan em sua honra. Em Macau, viveria durante vários períodos da sua vida. Aliás, o próprio reconheceu que foi por cá que ganhou consciência social.

Mal concluiu o curso de medicina, em Hong Kong, passou a residir na então colónia portuguesa, exercendo clínica no Hospital Kiang Wu. Abriu na rua das Estalagens um consultório e uma farmácia. Esteve também à frente de uma outra “botica” – o mesmo que as antigas



Busto de Sun Yat-sen [1866 - 1925] na Casa Memorial Dr. Sun Yat-sen, Macau



Casa Memorial Dr. Sun Yat-sen, Macau

“farmácias” - numa das pequenas casas térreas da Santa Casa da Misericórdia há muito demolida para dar lugar à sede dos Correios, Telégrafos e Telefones, em 1929, no Largo do Leal Senado. Sun afirmava que a militância política se sobrepunha ao exercício da sua profissão. De facto, em Macau, onde passava férias ou visitava grande parte da família que por cá residia, formaria o que ficou conhecido como o “bando dos quatro”. Uma espécie de tertúlia impulsionadora da formação de “clubes de leitura”, que incentivavam a população à leitura de jornais, revistas e livros, e levava a cabo sessões de propaganda política, aproveitando a disponibilidade dos teatros da cidade, juntamente com Yan Heling, Chen Shaobai e You Li. Todos cantoneses e nomes sonantes na história moderna da China. Estes teatros, diga-se, durante um certo período, fo-

ram muito mais palcos de realização de entusiásticos comícios do que centros de divulgação da “arte de Talma” ou da sétima arte nascente com o animatógrafo. Numa sessão que ficou célebre, os numerosos presentes cortaram simbolicamente as tranças, um adorno capilar obrigatório de todo o povo chinês durante a última dinastia imperial. A sessão solene e politicamente entusiástica do corte contou com mais de duas centenas de tesouradas enérgicas. A juventude de Macau, entusiasmada pela propaganda de Sun e dos seus correligionários, deceparava a trança odiada, num gesto que significava muito mais. Era deitar por terra um passado humilhante de quase um século, período durante o qual a China tinha sido submetida a todos os ditames do ideário mercantilista do “laissez faire, laissez aller, laissez passer”, comércio livre imperialista du-

rante o qual o dinheiro foi quase tudo e a moral quase nada.

Cortar a trança nesses tempos bárbaros poderia levar à pena de morte de acordo com o estabelecido pelo regime Qing. Tendo isso em conta, o acto de rebeldia que se repetiu nas outras colónias ocidentais das costas da China, e também em Singapura, Indochina, Malásia e Indonésia, onde a emigração chinesa era pujante, foi por demais significativo.

Toda a bacia ocidental do Pacífico era um porto global aberto ao mundo. No entanto, os dois pontos de verdadeiro contacto da China com as ideias ocidentais eram, essencialmente, Macau e Hong Kong pela situação geográfica. Aí situavam-se verdadeiramente os baluartes que poderiam, para o bem ou para o mal, transformar ou perder o país.

As actividades subversivas na vizinha colónia britânica contra a monarquia Manchu eram rigorosamente vigiadas pelas autoridades inglesas. Ao contrário, em Macau a permissividade oficial nesse campo era notória. Portugal contemporizava, como sempre fez ao longo da sua história, em matéria de “negócios estrangeiros”. Essa situação permitiu que, ao longo das duas últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX, um dos principais centros de apoio às correntes de oposição aqui estivesse sedado. A tempo inteiro ou sempre que a conjuntura prevalecente assim o determinasse.

Em Macau viveram nessa época alguns dos vultos mais destacados que a Nova China haveria de produzir. Igualmente aqui se publicavam os jornais de oposição proibidos para lá das Portas do Cerco e também em Hong Kong. Esses jornais derivavam de várias orientações políticas, desde os liberais, que apenas pretendiam a reforma da monarquia, até aos que se proclamavam abertamente anti-monárquicos. Os socialistas e sociais-democratas aqui imprimiam igualmente os seus órgãos de propaganda, com destaque, numa primeira fase,

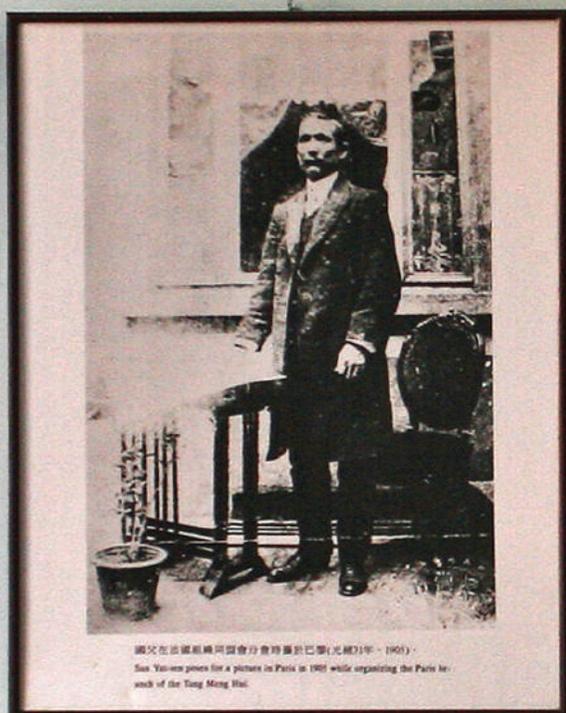
para os anarquistas.

Os periódicos eram escritos e impressos nas tipografias locais. Umas legalmente estabelecidas, outras clandestinas (o governo português sabia o que se passava, mas pouca conta oficial dava dessas diferenças - deixava andar!). Posteriormente, eram distribuídos no Interior através, principalmente, da inextrincável rede de “tríades” que dominava o país de então. A sua circulação não se limitava às fronteiras de Guangdong. Chegava aos grandes centros urbanos incluindo Xangai, Pequim e Tianjin, e ainda mais longe: ao Sudeste Asiático, à Austrália, aos EUA e mesmo à longínqua Europa, com destaque para a França.

No período da implantação da República na China, a maçonaria portuguesa encontrava-se extremamente activa e actuante não só em Macau, mas também em Cantão, Xangai e nas Filipinas, para não falar no distante Havai, onde Sun Yat-sen e um sem número de resistentes chineses possuíam laços políticos e de sangue iniludíveis.

Em Macau, os maçons eram umas quantas figuras civis e militares, revestidas de diversos graus de responsabilidade institucional, incluindo os chefes máximos da administração - governadores, secretários-gerais e chefes de repartição. Nessa conjuntura, a maçonaria funcionava como organização supranacional que politicamente tudo coordenava, superando as rivalidades existentes entre facções na China e entre os interesses por vezes opostos das potências coloniais presentes no intrincado xadrez político-militar prevalecente.

Na maçonaria de Macau, concentrada na Loja Luís de Camões II, tal como em Portugal, o republicanismo dominava claramente. Esta terá sido outra das razões que explicam a cumplicidade da colónia nas actividades subversivas contra a “Dinastia Celestial”. Alguns maçons apoiavam porque eram republicanos, outros porque eram monárquicos constitucionais, outros ainda porque estavam ren-



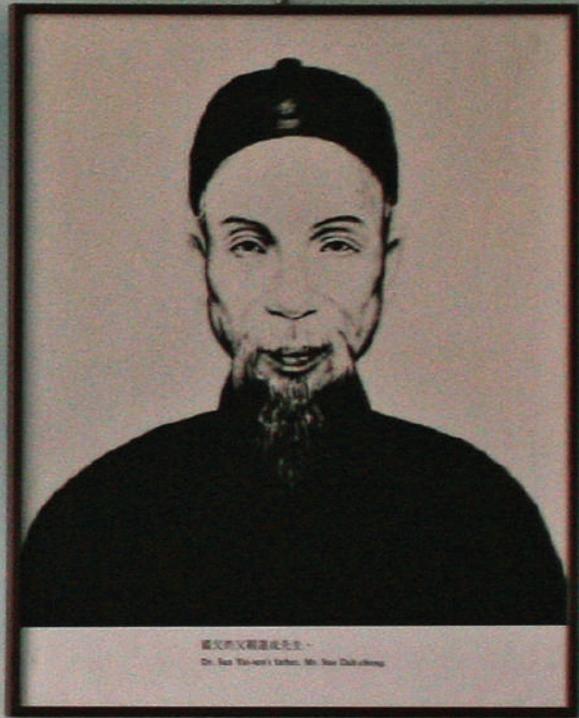
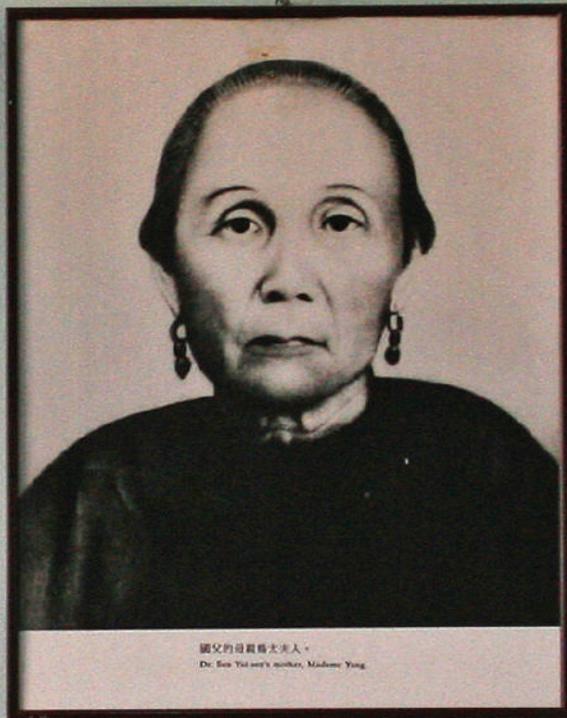
didos ao progresso imparável das “luzes” do século XIX, ainda que não sendo nem uma coisa nem outra. Todavia, para todas as tendências, a China era uma monarquia absoluta que não congregava as simpatias de ninguém.

Nesse âmbito, é de salientar circunstancialmente a figura de Francisco Hermenegildo Fernandes, jornalista e proprietário de diversos jornais, que se tornou ponte de contacto proeminente entre os republicanos chineses das mais diversas matizes e as autoridades locais durante mais de duas décadas.

Foi Francisco Fernandes que acolheu Sun Yat-sen em Macau após a sua primeira e malograda tentativa de revolta contra o regime, em 1895, organizando-lhe a fuga ulterior para o Japão. Há correspondência conhecida entre Fernandes e Sun, que revela que, além do grau de amizade pessoal, partilhavam os mesmos ideais políticos e particular-

mente laços “iniciáticos” evidentes.

Nessa conjuntura de dobragem de século, por Macau passaram ainda muitos ideólogos e activistas chineses de grande renome nacional. Destaque para Zheng Guan Yin, autor de várias obras que reflectiam as correntes mais modernas do pensamento filosófico, político, social e económico do mundo positivista do “século da luzes”. Essas obras foram escritas e publicadas inicialmente em Macau, já que em Hong Kong tal feito seria impossível. As autoridades vizinhas controlavam muito de perto todas as actividades subversivas dirigidas contra Pequim e o seu regime, já que não pretendiam pôr em causa enquanto o “Celeste Império” estivesse disposto a ceder às imposições diplomáticas ditadas por razões essencialmente comerciais de “Sua Majestade Britânica”. Ainda bem que se restaurou ali perto da Fonte do Lilau a casa onde viveu essa grande fi-



(da esq. para dir.) Irmão mais velho de Sun Yat-sen, Sun Mei; Sun Yat-sen em Paris (1905);  
mãe de Sun Yat-sen, Madame Yang; pai de Sun Yat-sen, Mr. Dacheng

gura que tanta influência teve no dealbar da Nova China.

Uma outra personalidade bem menos conhecida - mas que registou influência determinante num certo período ainda que relativamente curto da história contemporânea - foi Liu Shifu, o nome mais proeminente do anarquismo no extremo-oriental do mundo. Liu era o principal redactor do jornal *A Voz do Povo*, dado à estampa simultaneamente em chinês e esperanto. Nas suas páginas constavam os grandes manifestos de Kropotkin, Bakunin, Tolstoi e outros anarquistas. Mas também niilistas como Turgeniev, o grande romancista russo, autor de "Pais e Filhos".

Liu Shifu, que morreu prematuramente (tinha 31 anos, em 1915), desvaneceu-se na penumbra da história das ideias políticas face à ascensão imparável do marxismo-leninismo. No entanto, o seu ideário deu corpo à fugaz independên-

cia de Cantão que perdurou sob a dupla égide de Sun Yat-sen e Cheng Chiu Meng entre 1913 e 1925.

Liu Shifu vagueou clandestino e a fugir à polícia muitas e muitas vezes pela rua das Estalagens, pelo Pátio da Mina, pela rua da Esperança e pelo Auto Novo. Enfim, pelas vielas que só não estão hoje desaparecidas porque o centro histórico de Macau foi preservado, graças à inclusão na lista de Património Mundial pela UNESCO.

Finalmente, a subalternização de Macau como ponto relevante de influência sobre o pensamento político republicano e socialista chinês se deve não só à falta de estudos sobre a matéria em língua portuguesa, mas principalmente ao verdadeiro tiro de partida disparado com fragor mediático pelo mundialmente famoso cientista britânico James Cantlie. Devido essencialmente ao facto de ser maçom, Cantlie, reputado especialista

de medicina tropical e antigo professor de Sun Yat-sen em Hong Kong, pontificava por isso nos círculos académicos internacionais. Mas estava essencialmente nos clubes sociais e políticos de Londres (tradicionalmente o chefe da maçonaria inglesa era sempre um membro da família real). Assim, foi capaz de forjar os apoios necessários para fazer saltar a figura de Sun Yat-sen de revolucionário mal conhecido, mesmo em Macau e Hong Kong, para o patamar de herói de projecção internacional, alcançando-o à estatura de Mustafá Kemal Ataturck, na Turquia. Isto num momento em que Ataturck, figura disputada como ícone do futuro entre a Inglaterra, Alemanha e França (ainda que esta em menor grau), parecia não deixar campo para a ascensão de novos heróis mundiais, fosse nos telegramas da agência noticiosa Reuters ou nos artigos de fundo do londrino *Times*, que regiam a opinião pública mundial.

Para isso concorreu indubitavelmente o lançamento da primeira biografia sobre o então obscuro médico cantonense: *Sun Yat-sen and the Awakening of China*, obra escrita por Cantlie em parceria com o jornalista Sheridan Jones. Foi um êxito estrondoso em todo o mundo. Creio que não existe tradução portuguesa desse livro, o que não deixa de constituir uma interrogação sem resposta cabal. Terá sido omissão politicamente motivada e intencional, pela conjuntura geopolítica do tempo, ou negligência histórica pura e simples? Inclino-me mais para a segunda hipótese.

Neste ponto convém esclarecer, em abono da justiça, que em *Sun Yat-sen and the Awakening of China* as actividades de Sun Yat-sen em Macau não passaram em branco. Vale a pena ler histórias sobre cirurgias de extracção de cálculos renais - então uma inédita e hodierna inovação da medicina europeia e americana, que Sun praticava no hospital Kiang Wu sob a égide de Cantlie. Ali não eram bem os méritos da medicina ocidental que se

provavam, mas significativamente as possibilidades práticas de curar os males sociais de uma nação inteira com novos métodos, ainda que em rota de colisão com a tradição milenar de Confúcio.

Várias personalidades portuguesas de relevo de Macau estiveram em estreito contacto não só com Sun, mas com os seus correligionários, restando saber até que ponto o pensamento político dos republicanos chineses terá sido influenciado, ou até eventualmente moldado, por via desses contactos. Lou Lim Yok, Leong Kai Shio ou Shen Shaobai salientam-se do lado chinês. Horta e Costa, Carlos da Maia, Rodrigo Rodrigues e Álvaro de Melo Machado destacam-se do lado português.

Outras figuras menos estudadas que no território viveram essas exaltantes épocas de militância política tiveram também papéis relevantes, como Damião Rodrigues, Vicente Jorge, o advogado Basto e o ainda hoje enigmático Leôncio Ferreira, este que pontificava em Xangai e foi agraciado com a “Torre e Espada”, a mais alta condecoração militar portuguesa, embora sempre tivesse sido um civil de gema. Possui uma pequena rua com o seu nome em Macau. Contudo, não se sabe ao certo o que fez, já que ninguém traçou-lhe uma biografia. Mas, certamente, coisa importante protagonizou no que toca ao relacionamento entre Portugal e a China.

As actividades dos agentes do Komintern em Macau nos anos 20 foram, em certos aspectos, tão determinantes como envolvidas no segredo em que ainda hoje se encontram e que permanecem por estudar a fundo. Também na formação do Partido Comunista da China Macau desempenhou papel de relevo e não pequeno.

A fortíssima ligação a Macau do marechal Ye Jiening, presidente da República nos tempos de Deng Xiaoping, prova-o à sociedade. Aqui se refugiou mais do que uma vez e diz-se mesmo que, nos tempos caóticos da revolução cultural, em caso de emergência Ye Jiening e os principais líderes do PCC contariam com o território



Busto de Sun Yat-sen na Casa Memorial Dr. Sun Yat-sen, Macau

como último reduto de exílio e resistência. Não restam dúvidas de que Macau, se não funcionou como peça única na formação do pensamento político dos republicanos e comunistas chineses, foi, indubitavelmente, o cadinho, conveniente e discreto onde se forjaram alianças, se atingiram consensos, se delinearão grandes projectos e se arbitraram conflitos em campo neutro e nunca em pequena parte.

Falta estudar com mais acuidade a relevância e influência resultante dos contactos entre os dois lados - português e chinês, diplomático e particular. Além das fontes e nomes que deixei citados, falta também vasculhar arquivos em Portugal, mas igualmente (diria primordialmente) na China onde, provavelmente, muito do que não se sabe se guarda e aguarda apenas a consulta de quem os queira, ou possa, esmiuçar e retirar conclusões do que se vier a conhecer.

Creio que, se esse empreendimento for levado a sério e de uma forma sistemática, talvez se possa saber com mais ciência certa se o facto das repúblicas em Portugal e na China terem sido procla-

mas com a pequena diferença de um ano foi apenas mera coincidência histórica ou bem mais do que isso.

O agradecimento de Sun Yat-sen em carta ao Governador Carlos da Maia (no poder entre 1914 e 1916) revela bem até que ponto Macau, pequenino território da grande China, nunca pecou por abstenção. Sun agradecia sobretudo o apoio inequívoco que o então Governador concedeu aos republicanos chineses num dos mais incertos e conturbados períodos da história, quando Yuan Chi-kai (o presidente que queria ser imperador e só não o foi porque a morte o levou antes) ameaçava por ambição pessoal reverter a história e o progresso.

A carta é conhecida. Está publicada e foi motivo de diversos comentários de abalizados sociólogos, historiadores ou meros divulgadores, tanto portugueses, brasileiros como chineses. No entanto, nenhum, que eu saiba, na imensidade de encómios que foram rendidos ao fundador da República Chinesa de 10 de Outubro de 1911, o foi em língua inglesa.

É pena, mas é esclarecedor. ■



# 科舉 Keju

## O sistema de Exames Imperiais

A quinta grande invenção chinesa foi o sistema de Exames Imperiais, que teve uma história de 1300 anos e serviu como meio para escolher os oficiais civis e militares para a governação e defesa do País. Foi pelo modelo civil que os jesuítas introduziram os exames na Europa, no século XVII

TEXTO E FOTOS: JOSÉ SIMÕES MORAIS

O sistema de Exames Imperiais, conhecido por Keju (科舉), foi criado na dinastia Sui (581-618) com o objectivo de formar um corpo de letrados e de militares para a Administração civil e militar da China. O sistema foi sendo aperfeiçoado ao longo dos seus 1300 anos de histó-

ria e sofreu reformas até à última das dinastias imperiais. A selecção de oficiais governamentais era feita tanto por hereditariedade dos filhos dos altos dignitários como por recomendação de homens sábios.

O sistema de Exames Imperiais, no entanto, tornou-se o mais importante

método de recrutamento. Através dele dotava-se o Império de pessoas de todas as classes sociais que por puro mérito tinham oportunidade de atingir esses cargos. Também fazia com que a população masculina fosse incentivada a estudar, além de ser um contraponto à aristocracia, habituada

a ter esses cargos sem nada fazer para os merecer.

Havia quatro diferentes tipos de exames imperiais. O mais importante, que se prolongou pelo período mais longo e seleccionou o maior número de oficiais, era o Gongju. Existiam ainda os exames de artes marciais (Wuju), os ordenados pelo imperador em ocasiões muito especiais (Zhiju) e os para juniores (Tongziju).

Os exames na categoria Gongju eram realizados em períodos regulares e havia vários grupos de testes que era preciso passar. Primeiro havia exames preparatórios para se entrar nos exames imperiais – os Tongshi. Os candidatos aprovados tomavam o título de Xiucui, tendo a possibilidade de ir à capital da província realizar os exames imperiais na segunda etapa.

A partir daí havia três séries de exames, existindo quotas para os candidatos de cada uma das províncias. O primeiro era conhecido por exame provincial (Xiangshi), que dava aos que passavam o título oficial de Juren e permitia-lhes que fossem fazer os exames do ministério (Huishi) realizados na capital do país. Os aprovados recebiam o título Gongshi e tinham acesso aos exames do palácio (Dianshi), o último degrau, realizado normalmente pelo próprio Imperador no Palácio Imperial. Jinshi era o título daqueles que com sucesso passavam esses exames, fi-



Deus da Literatura

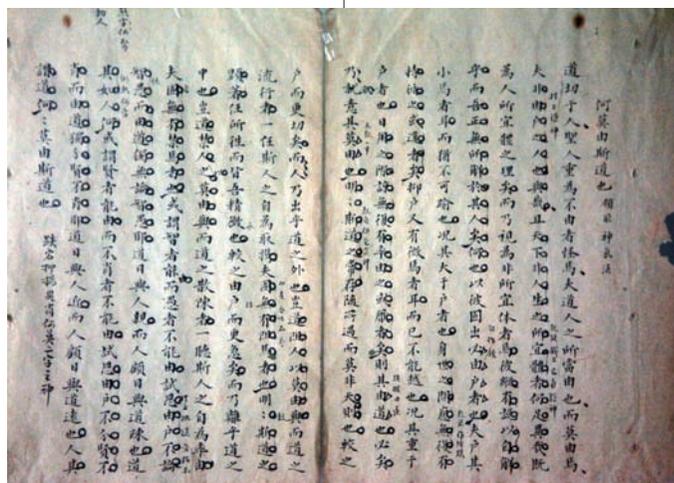
cando com acesso directo às altas posições imperiais. Estes eram os graus literários existentes na dinastia Qing, que nos chegaram através dos padres jesuítas Gabriel de Magalhães S. J., no livro *Nova Relação da China*, escrito em 1668; Álvaro Semedo S. J., na *Relação da Grande Monarquia da China* de 1637, e ainda Abílio Basto, através da obra *Exames na China*, de 1937.

Os candidatos podiam registar-se quando se sentiam preparados e os resultados determinavam quem era seleccionado para o serviço do governo. Os lugares estavam acessíveis a todas as camadas da sociedade, já que este era um sistema que permitia a qualquer pessoa do sexo masculino, independente da idade e da classe, chegar a cargos oficiais. As excepções estavam na não-admissão de descendentes de prostitutas, de actores de teatro, de criados dos mandarins, de carcereiros, de carrascos e todos os seus descendentes até à terceira geração. Os que se quisessem regenerar tinham de abandonar as residências da família e mudar para um lugar longínquo. Também aqueles que estivessem de luto pelo pai ou mãe, cujo período de nojo era de três anos, não podiam ser admitidos aos exames.

Foi numa visita a Nanjing que pela primeira vez encontramos um lugar onde eram realizados os exa-

mes imperiais e soubemos ser no templo de Confúcio que os examinadores se hospedavam durante esse período. A Escola de Exames Jiangnan é a única que resta na China, apesar de em Pingyao, na

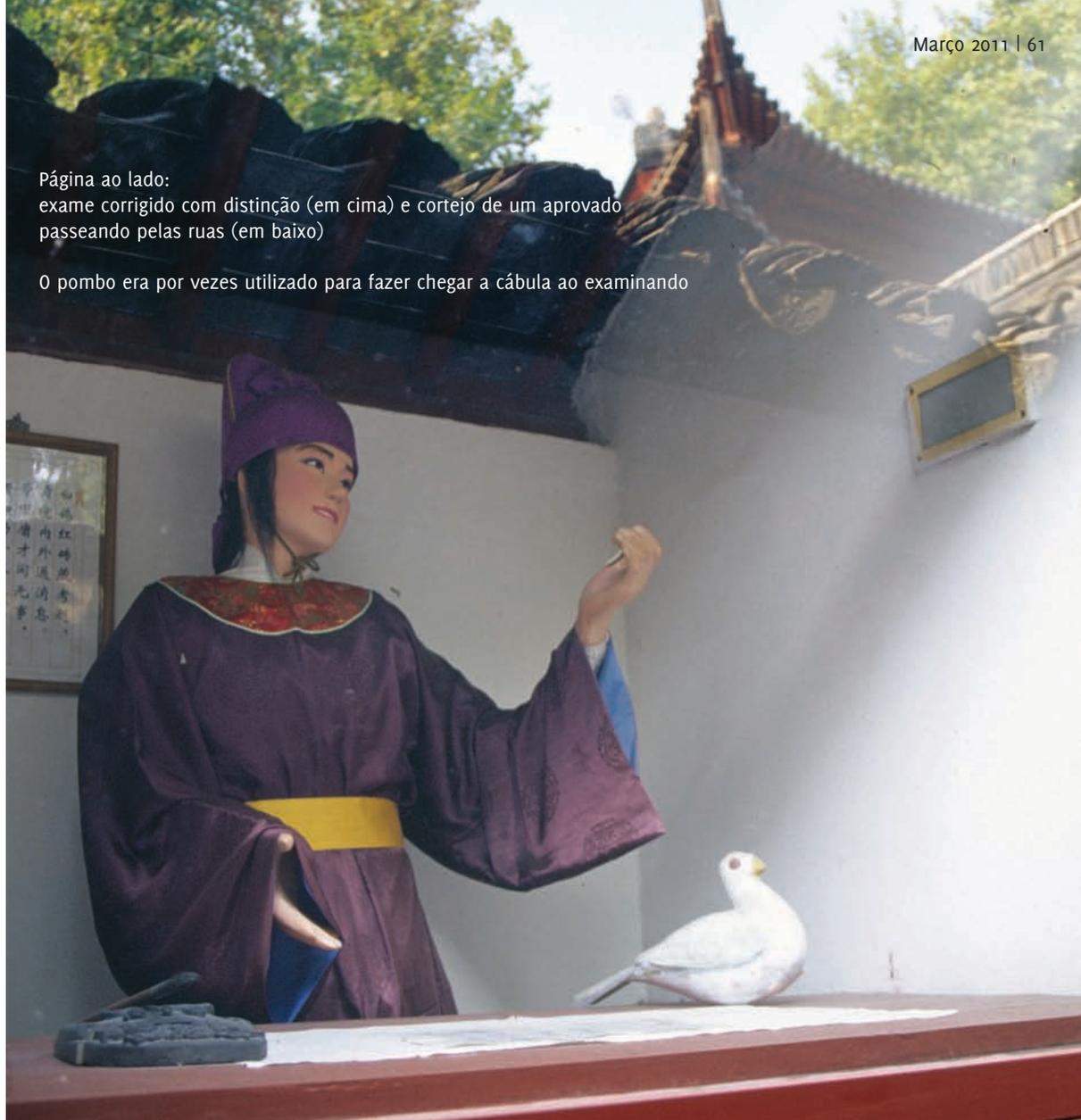
província de Shanxi, se ter recriado um desses recintos para o turista chinês conhecer a história dos exames. Quando passámos por Langzhong descobrimos que, afinal, existe ainda hoje um outro recinto



Página ao lado:

exame corrigido com distinção (em cima) e cortejo de um aprovado passeando pelas ruas (em baixo)

O pombo era por vezes utilizado para fazer chegar a cábula ao examinando



sobrevivente do local de exames. Caso único, a província de Sichuan teve no início da dinastia Qing dois "gongyuan" (edifícios onde tinham lugar os exames de província), sendo o outro, já desaparecido, em Chengdu. Já em Pequim encontramos ao lado do templo de Confúcio, o Colégio Imperial (Guozijian) e, no Palácio Imperial (Gugong, 故宫) visitamos o pavilhão onde se

realizava o último desses exames.

### O dia do exame

As fontes chinesas e as dos sinólogos jesuítas portugueses, que durante o século XVII escreveram sobre os exames imperiais, apresentam versões diferentes quanto à inclusão do primeiro exame (Tongshi) no sistema de avaliação. Segundo observações

feitas pelos jesuítas durante a dinastia Qing - e sobretudo informações recolhidas na obra de Abílio Basto *Exames na China*, editado em 1937 no Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau e em 1998 pela Fundação Macau com o título *Os Exames na China Imperial* - os exames locais, conhecidos como Tongshi, realizavam-se duas vezes em cada três anos e constavam de três exames.



No dia do primeiro exame, os candidatos chegavam à sub-prefeitura do distrito (Zhou) de manhã muito cedo, entregavam os seus documentos ao secretário do júri e sentavam-se. Após todos estarem acomodados, as portas e as janelas eram fechadas e seladas. A prova tinha a duração de um dia e terminava com um tiro de pólvora. Neste exame, a grande maioria dos candidatos ficava desclassifi-

cada por não ter acabado a tempo, pelos muitos erros cometidos ou porque não conseguia responder condignamente às questões colocadas.

Uma minoria de candidatos aprovados entrava na lista oficial e seguia para a capital do departamento (Xian), onde era realizada uma segunda prova, com as mesmas formalidades e perante o mesmo júri do exame anterior. Este júri era presidido por um Co-

missário Imperial – que ia de Pequim para a província em comissão de serviço por três anos -, e contava ainda com o magistrado do distrito e com o prefeito.

Os aprovados seguiam para um terceiro exame na capital da província, sendo à entrada do edifício revistados. Além do conhecimento dos “Cinco Clássicos” (Jing), era exigido aos candidatos que redigissem de cor todo o texto do “Santo Decreto” (Sheng Yu), obra que consistia em máximas destinadas a guiar os funcionários.

Aprovados no Tongshi, ficavam com o primeiro grau literário e o título de Xiucai (Hsiu-t’sai, no sistema de romanização Wade-Giles) e tinham de ir cumprimentar o chefe dos graduados e outros funcionários da sua província. Muitos aproveitavam para aí se registarem, para o caso de haver algum cargo público que vagasse compatível com as suas habilitações. Como Xiucai, passavam a usar no chapéu o respectivo botão que representava o seu grau literário. Não podiam ser presos e só poderiam ser processados pelo chefe dos graduados ou pelo magistrado do distrito.

O título de Xiucai abria a porta para os exames im-

periais, se é que o exame Tongshi já não fazia parte deles. Era o início de três séries de exames, existindo quotas para os candidatos aprovados de cada uma das províncias.

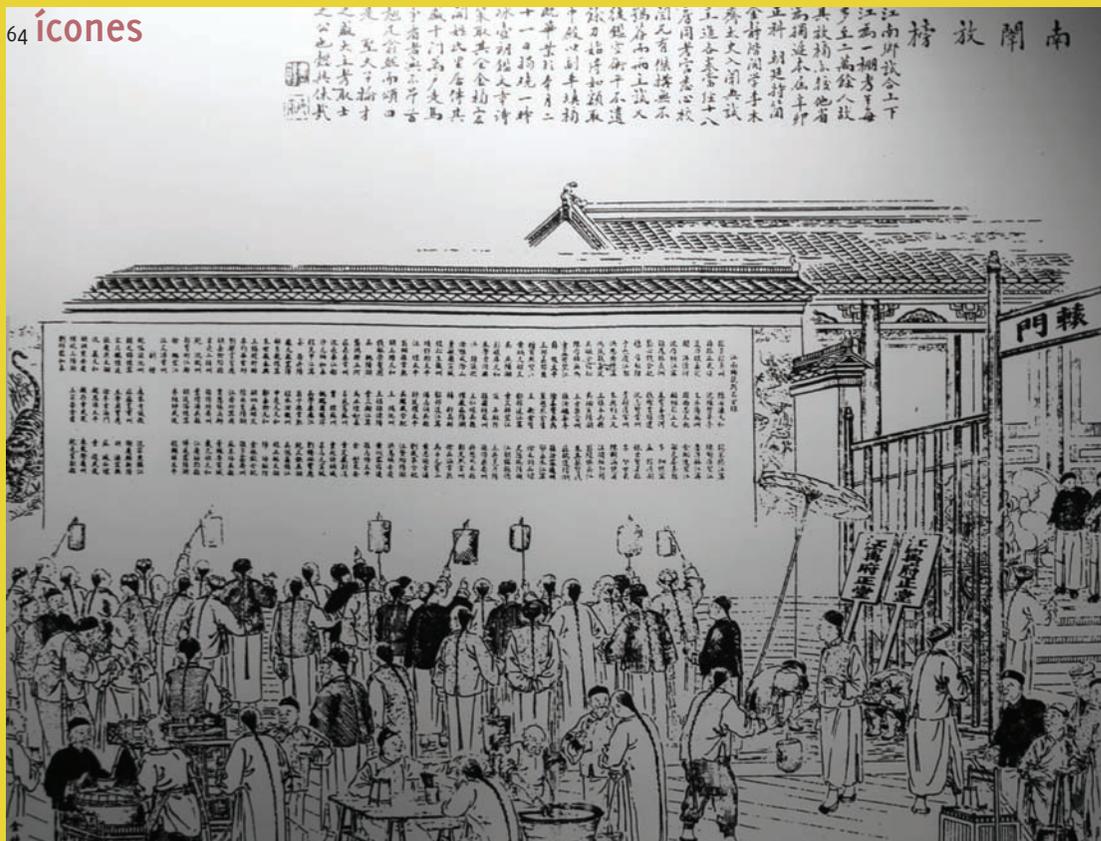
O exame provincial (Xiangshi) era reservado àqueles com o título de Xiucai que quisessem o segundo grau literário, correspondente a uma licenciatura em Letras actual, e que conferia o título de Juren (Chu-jên). Esses exames realizavam-se uma vez a cada três anos, com as provas nos dias 9, 12 e 15 da oitava Lua nas capitais das províncias. O júri era constituído por dois comissários imperiais, expressamente enviados de Pequim pelo governador da província, e mais nove altos funcionários provinciais. Nesta fase, a população da capital de província aumentava imenso e a animação era grande. O número de candidatos dependia da população de cada província.



Caligrafia representando o Deus da Literatura



Parte de um exame de um candidato ao título de Jinshi que ficou classificado em primeiro lugar



Anúncio dos aprovados (em cima) e os apanhados a copiar (à direita)

## Grande esquema de segurança

Os candidatos chegavam na noite do dia 8 ao “gongyuan” (kung-yuan), edifício onde se realizavam as provas. Após apresentar os comprovativos das suas habilitações, cada candidato recebia uma senha indicando a cela onde deveria realizar as suas provas. Ao entrar, era minuciosamente revistado e se fosse apanhado a copiar no exame era desclassificado dos seus graus anteriores e levado sob escolta pelas ruas com uma tábua aos ombros e um buraco para a cabeça. O mesmo acontecia ao pai ou tutor. Com todos dentro, os portões eram fechados e selados e ninguém podia sair nem entrar durante os

exames.

O recinto estava dividido por um corredor e havia, em cada um dos lados, filas de celas. Cada uma das filas tinha um carácter designativo do *Livro dos Mil Caracteres* e cada cela, identificada por um número, era um cubículo com aproximadamente um metro de largura, dois de profundidade e dois de altura. Algumas tábuas serviam para improvisar uma mesa e um banco. Após a entrada dos candidatos, as portas das celas eram fechadas e seladas e não era permitido delas sair sob motivo algum. Os candidatos deviam levar o seu chá, arroz, lenha e vinho necessário ao consumo dessa noite e até à manhã do dia 10.

O “gongyuan”, todo amu-

ralhado, era vigiado por um grande número de soldados para evitar a comunicação com o exterior. No centro do recinto havia o Templo de Inteira Justiça, uma casa de dois andares onde os comissários imperiais prestavam o seu juramento ao Céu, prometendo desempenhar honestamente as suas funções. Os quatro pontos previamente escolhidos pelos examinadores, com base nos “Quatro Livros” (Si Shu), eram distribuídos aos candidatos, que tinham de apresentar as respectivas respostas e comentários em estilo claro e elegante, não podendo cada resposta ter menos de cem caracteres, nem tão pouco levar o nome do candidato.

Os selos eram então ras-



gados e as portas abertas com uma salva de três tiros e com o rufar dos tambores. Os candidatos e o governador da província saíam então do recinto de exames. Na manhã do dia 11 da oitava Lua, os candidatos com provas não rejeitadas deveriam voltar antes do nascer do sol. Com os mesmos procedimentos da primeira prova, os candidatos recebiam cinco pontos dos “Cinco Clássicos” e as portas das celas só abriam na manhã do dia 13. Para a terceira e última prova, a chamada era feita na manhã do dia 14 e durava até ao meio-dia do dia 16, quando ficava concluído o exame para o segundo grau literário. Essa terceira prova constava de cinco pontos versando

a administração pública e as finanças do Império, usos e costumes, geografia e notas biográficas dos grandes estadistas. Os membros do júri tinham 25 dias para corrigir as provas, 13 por cada candidato, e depois estas eram enviadas para a apreciação do Imperador. A lista de nomes dos aprovados era afixada na porta do Palácio do Governo e o governador da província inclinava-se três vezes perante ela. Passados alguns dias, o governador, os comissários imperiais e os outros altos funcionários marcavam um banquete de homenagem aos laureados. Os aprovados nos exames de província (Xiangshi) ficavam com o título de Juren. Os dias que se seguiam à

graduação eram de festa, em que os novos titulares também prestavam culto ao Céu e à Terra, em reconhecimento da honra que lhes havia sido concedida, e aos seus antepassados. Ajoelhavam-se perante os seus pais e por três vezes batiam com a cabeça no solo. Durante os festejos, os laureados usavam caabaia de seda azul e barrete especial, com penacho de folhas artificiais douradas nos dois lados. Em cadeirinha, com acompanhamento de música e criados, percorriam as ruas e visitavam os seus mestres, parentes e amigos. Os que passavam a ter o título de Juren tinham acesso directo aos exames do ministério (Huishi), realizados na capital do país uma vez em cada três anos, no primeiro ou segundo mês lunar. Custeados pela tesouraria das províncias, os candidatos recebiam uma ajuda para as despesas de viagem até à capital, sendo as formalidades e as matérias iguais às do segundo grau literário. Os aprovados no terceiro grau (Chin-shih), que corresponde ao doutoramento em Letras, recebiam o título Gongshi e ficavam habilitados a fazer o exame do Palácio. Os seus nomes eram inscritos no registo da Repartição de Administração Civil e eram apresentados ao Imperador, que premiava os três primeiros classificados.



Os últimos exames eram realizados no Pavilhão da Protectora Harmonia do Palácio Imperial

## Flores de seda no Palácio Imperial

No Palácio Imperial (Gugong, 故宫), em Pequim, eram realizados os exames do palácio (Dianshi) no dia 21 do quarto mês, presididos pelo Imperador. Aconteciam no Pavilhão da Protectora Harmonia e era o último teste da carreira, sendo uma repetição dos anteriores, mas nos quais não havia reprovações. Serviam para atribuir o quarto grau e distribuir os escalões aos que ficavam com o título de Jinshi. Dava acesso directo às altas posições imperiais e à nomeação na Academia Imperial. A entrada da Suprema Harmonia (Taihe men, 太和门),

com dois leões de bronze, é o mais alto dos pavilhões do palácio. Para aí chegar, apenas ao Imperador era permitido subir pela rampa central, onde entre as escadas um alto-relevo em mármore tem esculpido dragões e as pérolas entre nuvens, tal como todas as escadas usadas pelo Imperador. Atravessada esta entrada abre-se um outro enorme átrio, onde certas cerimónias se realizavam e nas partes laterais encontravam-se os armazéns. De acordo com as explicações do padre Magalhães, os senhores e mandarim colocavam-se “segundo a sua categoria e preeminência nos lugares destinados a cada uma das nove ordens de mandarins, que

estão indicadas e escritas em pilares muito baixos” de bronze e quadrados. É deste clérigo a descrição dos diferentes trajes dos mandarins, que se encontra na página 263 da *Nova Relação da China*. “Os mandarins de letras ficam à esquerda do rei, que na China é o lugar de maior honra, e os mandarins de armas à direita, e o rei sempre com a frente para Sul quando se encontra assentado no trono”, escreve o padre. Depois três pavilhões formam um complexo construído sobre uma plataforma de mármore branca de três níveis, cujo acesso é feito por três alamedas, sendo a central reservada ao im-

perador. Estes pavilhões conhecidos por “dian” são enormes edifícios de uma só sala e simbolizam o supremo poder do imperador, tendo cada salão uma função no cerimonial.

O Pavilhão da Suprema Harmonia (Taihe Dian, 太和殿), o maior e o mais importante do palácio, tem no centro o trono do dragão flanqueado por seis colunas douradas com desenhos gravados de dragões entre as nuvens. Aí se realizavam as mais importantes cerimónias oficiais, como a coroação do imperador, a celebração do aniversário e do casamento imperial, as audiências nas grandes ocasiões, como eram as do Ano Novo Lunar e do solstício de Inverno, e onde eram anunciados os nomes dos que passavam o último dos exames imperiais.

Desde o reinado de Yongle, da dinastia Ming, até ao de Qianlong, da dinastia Qing, aí se realizavam os exames imperiais do quarto grau, que conferia o título de Jinshi e correspondia ao doutoramento em letras. Todos os aprovados eram providos nos cargos públicos e ocupavam lugares como altos dignitários da Corte, conselheiros do imperador, nos ministérios e na Academia de Letras como professores, ou eram mesmo nomeados para estudarem e proporem a reforma na administração

do país. O imperador dava um banquete em honra dos aprovados, assim como aos que complementavam 60 anos após terem recebido o título de Juren ou de Jinshi. Sobre a mesa, no lugar de cada um, era colocada uma flor de seda vermelha. Como essa cerimónia acontecia nos finais de Outubro e por essa altura não havia flores, eram utilizadas as de seda (“juanhua”) tão perfeitas que só nelas tocando se percebia que não eram naturais.

Era no Salão da Protectora Harmonia (Baohe Dian) que se fazia o banquete de Ano Novo para ministros e nobres. No reinado do imperador Qianlong, no ano de 1789, aí começaram a ter lugar os exames imperiais do quarto grau, que eram sobretudo feitos por manchus, já que era a etnia que governava a China. Ficar com o título de Jinshi era uma grande honra e os nomes eram inscritos em estelas de pedra no templo de Confúcio em Pequim.

### A evolução dos Exames Imperiais

Se desde a dinastia Zhou os oficiais da administração do império eram recrutados por pertencer à aristocracia, serem parentes de oficiais ou por terem mérito, foi na dinastia Han do Oeste que passaram a



O único exame sobrevivente da Dinastia Ming

ser recomendados e convidados especialistas nos clássicos confucionistas. O recrutamento por exame passou a acontecer na dinastia Han de Leste, com o candidato a agitar o recipiente feito de um segmento do caule de bambu em forma de vaso “zhu tong” (tchim t’ông em cantonês), onde havia dentro muitas palhetas de bambu “zhu qian” (tchôk tchim) com as perguntas gravadas. Com a agitação, as palhetas saltavam, separavam-se umas das outras e caíam ao chão. Assim se dava o mote da dissertação.

Para as dinastias Ming e Qing, ambos os exames provinciais e do ministério continham três secções: a primeira tinha três questões sobre os “Quatro Livros” e quatro sobre os “Cinco Clássicos”; a segun-

## Do vae-seng ao pacapio

A guerra civil entre o governo Qing e o Grande Reino da Paz Celestial (Taiping Tianguo) levou à destruição do *gongyuan* da Província de Guangdong, situado na cidade de Cantão, consumido por um incêndio em 1857. Sem capacidade financeira do governo, houve quem se lembrasse, a exemplo do que já acontecia em Macau, de criar um jogo para angariar o dinheiro necessário à reconstrução do edifício. Com alguma resistência, já que o jogo era proibido na China, lá apareceu no ano de 1861, na Província de Guangdong, a lotaria vae-seng (*wai xing* - *wai* significa o local de exames, no período imperial, e *xing*, apelido).

O jogo consistia em marcar 20 apelidos da lista dos candidatos que iam fazer exame para *juren*. Como se apostava nos que iriam passar no exame, os apelidos mais comuns como Li, Chen, Wang e outros, eram retirados dessa lista por terem mais candidatos, logo com maior probabilidade de se acertar.

Após dois anos, em que esta lotaria deu grande lucro e com o *gongyuan* reconstruído, terminaram as apostas na província de

Guangdong. No entanto, quando o governo precisou de arranjar rapidamente dinheiro recorreu por breves períodos a ela. Mas em Macau, que tinha aderido entusiasticamente a este jogo, a lotaria continuou até 1905. Benjamim Videira Pires, S.J. escreve sobre a lotaria vae-seng em *Os Extremos Conciliam-se*: “Sempre que havia exames de Estado em Pequim e provinciais em Cantão, de três em três anos, cada bilhete da lotaria incluía 20 apelidos de candidatos. Cada coleção de mil bilhetes formava uma série e cada série constituía uma lotaria com três números. O prémio era ganho pelo bilhete que contivesse maior número de apelidos de candidatos premiados. Havia bilhetes de meia pataca, uma, duas, três, cinco e dez. Com um bilhete de dez patacas, podiam ganhar-se seis mil. Desde que o governo chinês permitiu a venda dos bilhetes em Cantão, o arrematante do vae-seng em Macau pagava apenas trinta e seis mil patacas anuais ao governo português.”

O Pacapio (ou “pequeno vae-seng”), que ainda se joga em Macau, é o sucedâneo da antiga lotaria e apareceu após o fim dos exames imperiais. ■

da incluía um ensaio escrito no género de debate, cinco falsas ou verdadeiras questões e uma questão sobre os escritos dos éditos e de outros documentos da corte, e a terceira consistia em cinco perguntas respeitantes aos clássicos e um debate sobre assuntos correntes.

Já no ano de 1787, no reinado do imperador Qianlong, o sistema de exames provinciais e do ministério ficou mais ou menos estabilizado e definido. Assim a primeira secção constava de uma redacção sobre três ensaios dos “Quatro Livros” e um poema com cinco caracteres em oito rimas; a segunda, uma redacção com cinco ensaios sobre os “Cinco Clássicos”, enquanto que na terceira era necessário escrever cinco ensaios sobre os clássicos confucionistas, memórias históricas e assuntos da actualidade.

Na dinastia Qing, o quarto exame, Dianshi, era realizado no Pavilhão da Harmonia Preservada (Baohe Dian). Os

exames geralmente decorriam no mês de Março nas dinastias Song, Yuan e Ming, mas com a grande reforma no reinado do imperador Qianlong da dinastia Qing, em 1787, os testes passaram a ter uma data fixa, a 21 de Abril. Nas dinastias Ming e Qing, os cinco níveis de melhores resultados no Dianshi passaram a três. O primeiro dos três níveis, os honrados como eruditos imperiais, era o primeiro lugar nos exames do Palácio chamado Zhuangyuan e apontado “xiuzhuan” na Academia Halin; o segundo, “bangyen” (segundo colocado) e o terceiro “tanhua” (o segundo do segundo colocado) eram apontados “bianxiu” (editor da Academia Hanlin). Aos que ficavam no segundo nível de melhores colocados era-lhes dado o título “jinshi chushen” e aos do terceiro nível, “jinshi chushen associados”. O sistema de exames imperiais ainda voltou a ser reformulado em 1902, mas terminou pouco depois, em 1905. ■

## A herança de Confúcio

**H**á quatro mil anos os pré-dinásticos soberanos eram escolhidos pelo seu saber e pelo poder de conseguirem prever e controlar as catástrofes. Desde a dinastia Xia (2070-1600 a.C.), quando já havia escolas, e até ao final da dinastia Shang (1600-1046 a.C.), os cargos de oficiais eram apenas hereditários.

Se na dinastia Zhou (1046-256 a.C.) os oficiais da administração do império eram recrutados por pertencerem à aristocracia, por serem parentes de oficiais ou por terem mérito, foi na dinastia Han do Oeste (206 a.C.-9) que passaram a ser recomendados e convidados especialistas nos clássicos confucionistas. Essa herança provém do grande sábio Kongfuzi (孔夫子, 551-479 a.C.), conhecido em português por Confúcio. Estava-se nos finais do período Primavera-Outono (770-476 a.C.) e a sociedade fazia a mudança para o feudalismo.

Num tempo em que os valores e princípios desapareciam rapidamente, era preciso deixá-los registados para os vindouros. Como grande educador, Confúcio, ao assistir à entrada do caos no quotidiano da sociedade onde vivia, trabalha e edita o *Livro de História* (Shu Jing) e o *Livro das Odes* (Shi Jing). No *Livro das Mutações* (Yi Jing), faz anotações ao longo dos 50 anos em que o estuda e acrescenta-lhe apêndices. Compila os *Anais do Período Primavera-Outono* (Chunqiu Jing), tendo sido o *Livro dos Ritos* (Li Ji) e



O Colégio Imperial no Templo de Confúcio em Pequim

*Livro da Música* (Yue Ji) revisitos por ele.

Confúcio era um reformador e tentou reorganizar a ordem da sociedade, seguindo os rituais da dinastia Zhou. Como modo de vida, propunha aos estudantes o aperfeiçoamento da moral e da ética pela rectidão, pela benevolência e respeito pelos antepassados. Como filosofia, defendia o caminho da sabedoria prática que procura a harmonia na vida social, na educação e na política e, por isso, atribuía grande importância à paz, ordem e à harmonia, como princípios do bem governar. Os seus ensinamentos,

apesar de no tempo terem passado à margem, perpetuaram-se na sociedade tradicional chinesa a partir da dinastia Han. Mais do que uma tentativa de explicação do mundo, o confucionismo foi organizando lentamente a ordem social e política que se tinha desintegrado e, pela educação preparou muitos letrados para o serviço da administração do território. Baseado nos ensinamentos de Confúcio pelo princípio do bem governar, os seus seguidores foram administradores exímios e poderosos, servindo essa doutrina ética de guia a muitos imperadores e dinastias. ■



## Chui Sai On em visita oficial a Singapura

O CHEFE DO EXECUTIVO da RAEM realizou uma visita oficial de três dias a Singapura, durante a qual assinou acordos de cooperação. A comitiva liderada por Fernando Chui Sai On e integrada também por Lau Cheok Va, presidente da Assembleia Legislativa, e Florinda Chan, secretária para

a Administração e Justiça, manteve encontros oficiais com o chefe do Governo de Singapura e com vários ministros, nomeadamente os da área da Administração e Saúde. À margem dos encontros, Chui Sai On testemunhou a assinatura de um memorando de entendimento entre os Serviços

de Administração e Função Pública e o Instituto de Administração Pública de Singapura. Chui Sai On deslocou-se também aos complexos hoteleiros e de jogo a funcionar em Singapura, nomeadamente ao desenvolvido pela Las Vegas Sands, empresa que opera também no mercado dos casinos de Macau. ■

## Fórum Macau com nova parceria

O SECRETARIADO Permanente do Fórum Macau e a Agência para a Promoção do Investimento do Ministério do Comércio assinaram um protocolo de cooperação que visa reforçar a promoção de negócios entre a China e os países de língua portuguesa. O documento foi assinado por Chang Hexi, secretário-geral do Fórum para a



Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, e pelo director da Agência para a Promoção do Investimento do Ministério do Comércio, Liu Zuozhang,

na cidade de Dongguan. O documento pretende igualmente salientar o papel de Macau como plataforma de serviços nas áreas económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. ■

## Cooperação com Guangdong reforçada

O CHEFE DO EXECUTIVO, Chui Sai On, reuniu-se com o secretário-geral do Comité Provincial do Partido Comunista de Guangdong, Wang Yang, e com o governador da mesma província, Huang Huahua, tendo abordado a intensificação da promoção da cooperação entre aquela província e Macau. Definiram-se os passos de como acelerar e promover a cooperação entre estas duas regiões e foi abordada a assinatura e a divulgação do “Acordo-quadro de Cooperação Guangdong/Macau”. Os responsáveis assinalaram que a assinatura deste acordo vai constituir uma grande oportunidade para reforçar ainda mais a cooperação já existente. ■

## Novo recorde no turismo

NO ANO PASSADO, Macau voltou a bater mais um recorde, recebendo um total de 24,96 milhões de visitantes, um crescimento de 15% face a 2009. O Interior do País, Taiwan e Hong Kong foram os principais mercados emissores. Os números indicam que 53% dos visitantes de Macau, em 2010, foram cidadãos chineses, 29,9% provenientes de Hong Kong e 5,2% de Taiwan. Os restantes 11,9% de visitantes tiveram origem nos mercados internacionais, cerca de 2,9 milhões de turistas, dos quais 297 mil provenientes do continente americano, 244 mil europeus, 127 mil oriundos da Oceânia e 31 mil africanos. ■

## Romano Prodi de passagem pela RAEM

O EX-PRESIDENTE da Comissão Europeia e ex-primeiro-ministro da Itália Romano Prodi esteve em Macau para participar num seminário sobre o futuro da União Europeia e as relações China-Europa-África. O seminário decorreu na Universidade de Macau. Num encontro de cortesia, na Sede do Governo, Romano Prodi fez uma breve apresentação sobre os impactos da crise financeira mundial e consequente situação de recuperação económica dos países da União Europeia a diferentes ritmos. Motivado pelo interesse do antigo comissário em saber mais detalhes sobre o desenvolvimento de Macau, Chui Sai On traçou as linhas gerais da situação da RAEM, em termos sociais, económicos e da vida da população. ■





## Investimento nos autocarros

O GOVERNO DA RAEM assinou três contratos de prestação do serviço público de transportes colectivos rodoviários de passageiros com a Transportes Urbanos de Macau S.A.R.L. (Transmac), a Sociedade de

Transportes Colectivos de Macau, S.A.R.L. (TCM) e a Sociedade de Transportes Públicos Reolian, S.A. O objectivo do investimento de quase 5000 milhões de patacas, total da soma dos valores dos três contratos, é o de reforçar a fiscalização, aumentar a frequência de partida dos autocarros, criar novas carreiras e prolongar o horário para que os serviços funcionem 24 horas. A idade dos veículos e os equipamentos sem barreiras dentro do habitáculo dos autocarros também vão ser regulamentadas. A partir do dia 1 de Agosto e nos próximos sete anos, a Transmac, a TCM e a Reolian obrigam-se a prestar serviços e fornecer veículos, equipamentos, pessoal e instalações de acordo com os requisitos definidos pelo Governo da RAEM, para onde reverterão as tarifas pagas pelos passageiros. ■

## Desemprego com queda histórica

A TAXA DE DESEMPREGO em Macau caiu no último trimestre de 2010 para 2,7%, o valor mais baixo desde o último trimestre de 1997. De acordo com os Serviços de Estatística e Censos, a taxa de desemprego entre Outubro e Dezembro do ano passado sofreu uma quebra de 0,1 pontos percentuais

face ao trimestre entre Setembro e Novembro. A taxa de subemprego foi calculada em 1,7%, a mesma apurada nos três meses terminados em Novembro. Entre Outubro e Novembro a população activa de Macau estava estimada em 331 mil pessoas e a taxa de actividade em 71,4%, mais 0,2 pontos percentuais

do que nos três meses até Novembro. Já a população desempregada foi calculada em 8900 pessoas menos 200 pessoas do que no período anterior referido - e o número de desempregados à procura do primeiro emprego totalizava 10,5% do total, menos 4,1 pontos percentuais do que nos três meses até Novembro. ■

## Fixar a memória de Macau

“Olhar Macau” assim se denomina a série documental produzida pela Casa de Portugal em Macau, apresentada no dia 25 de Janeiro numa sessão pública que contou com a presença do Chefe do Executivo, Fernando Chui Sai On, do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Cheong U, e do presidente do Instituto Cultural, Guilherme Ung Vai.

A série, que pretende fixar no tempo as festas e festividades das diversas comunidades que compõem o quadro multicultural que é Macau, desenvolve-se por 17 episódios de 25 minutos focados em 25 festividades da Religião Popular Chinesa, Budistas e Cristãs, envolvendo as comunidades chinesa, portuguesa e filipina.

O projecto, da autoria de Fernando Sales Lopes - assim como os argumentos - que pretende mostrar a realidade multicultural de Macau, na convivência pa-



## Atletas e treinadores laureados

A ADMINISTRAÇÃO de Macau distribuiu por 114 atletas e treinadores de 11 modalidades desportivas um total de 7,24 milhões de patacas em prémios por resultados alcançados no exterior, um incentivo ao esforço na opinião dos atletas. É um prémio monetário que reconhece o mérito e o esforço feito, mas é também um incentivo ao trabalho e à dedicação futuras, disse Jia Rui, que conquistou o ouro nas artes marciais Daoshu e Gunshu dos Jogos Asiáticos de Cantão, a primeira medalha de ouro conquistada por atletas da RAEM em competições regionais de alto nível.

Além dos prémios monetários, o Governo de Macau distinguiu ainda, numa cerimónia em que estiveram presentes os principais responsáveis políticos locais, 268 atletas e treinadores com diplomas de mérito. Na cerimónia, o presidente do Instituto do Desporto de Macau, Alex Vong, salientou o esforço dos atletas de Macau e o trabalho que estes e treinadores têm desenvolvido nos últimos anos para melhorar as suas participações internacionais, recordando ainda que a política desportiva vai entrar numa nova fase, com mais apoios e maior exigência. ■

cífica e respeito mútuo entre as diversas comunidades, foi desenvolvido por uma larga equipa formada por realizadores (António Faria, Joana Couto, João Silva, Sara Pereira, Sérgio Perez e Tomé Quadros), técnicos de produção, som, imagem, iluminação e de pós-produção (Laura Nyögéri, Catarina Morgado, Rui Carreiro, José Chaves, Carolina Rodrigues, Nuno Pinto, Daniel Saraiva, João Oliveira, Bruno Oliveira e Sebastião Vilela), locais e de Portugal, que integraram a equipa de audiovisuais da Casa de

Portugal, constituída para o efeito.

A Casa de Portugal pretende que a série, já a ser transmitida pela TDM – Teledifusão de Macau, tenha a maior difusão possível, nomeadamente nos países de língua portuguesa.

Em preparação está, ainda, um outro documentário, introdutório ao tema, mas com autonomia, sobre o enraizamento histórico das características multiculturais de Macau, numa terra de centenário cruzamento de gentes e culturas. ■



## Governo condecora individualidades e instituições

Um total de 38 individualidades e instituições de Macau, como o anterior Chefe do Executivo da RAEM, Edmund Ho (com a mais alta condecoração), foram distinguidas com as medalhas e títulos honoríficos do Governo da RAEM relativos a 2010.



*Na primeira fila da esquerda para a direita:*

**Lai Ieng Kit** (Mérito Profissional), **Rui Teixeira Freitas** (Mérito Profissional), **Vong Hin Fai** (Mérito Profissional), **Io Hong Meng** (Lótus de Prata), **Edmund Ho** (Grande Lótus), **António Ferreira** (Lótus de Ouro), **Wong Pan Seng** (Mérito Industrial e Comercial), **Lou Cheok Weng** (Mérito Industrial e Comercial), **José Tang Kuan Meng** (Mérito Industrial e Comercial) e **Banco da China**, representado por **Ye Yixin** (Mérito Industrial e Comercial)

*Na segunda fila da esquerda para a direita:*

**Associação Promotora de Enfermagem de Macau**, representada por **Lei Sut Peng** (Mérito Altruístico), **Fundo de Beneficência dos Leitores do Jornal Ou Mun**, representado por **Lao Hin Chun** (Mérito Altruístico), **Lio Chi Heng** (Mérito Cultural), **Chan Wai Fai** (Mérito Cultural), **Teresa Kwan Kit Mui** (Mérito Educativo), **Man Kuan** (Mérito Educativo), **Cheung Yung Sau** (Mérito Educativo), **Ho Sio Kam** (Mérito Educativo), **Kou Pui Kei** (Mérito Turístico) e **João Manuel Costa Antunes** (Mérito Turístico)



*Na terceira fila da esquerda para a direita:*

**Sun Shabo** (Título Honorífico de Prestígio), **Lao Mui Kuai** (Medalha de Serviços Comunitários), **Chan Kok Chun** (Medalha de Serviços Comunitários), **Sam Iok Ha** (Medalha de Serviços Comunitários), **Charles Chen Chien Ying** (Medalha de Serviços Comunitários), **Chan Vicente Man Chung** (Medalha de Dedicção), **Lei Kin Fong** (Medalha de Dedicção), **Mok Kuok Heng** (Mérito Desportivo), **Ma Iao Hang** (Mérito Desportivo), **Lam Fai Hong** (Mérito Desportivo)

*Na última fila da esquerda para a direita:*

**Equipa de Macau no Concurso de Matemática do Ensino Secundário Complementar nos EUA**, representada por **Lo Chao Keong** (Título Honorífico de Valor), **Wong Weng Man** (Título Honorífico de Valor), **Leong Ka Weng** (Título Honorífico de Valor), **Choi Sut Ian** (Título Honorífico de Valor), **Chao Man Hou** (Título Honorífico de Valor), **Lei Kuong Cheong** (Título Honorífico de Valor), **U Seng Pan** (Título Honorífico de Valor) e **Xu Aoao** (Título Honorífico de Prestígio)

# A TRADIÇÃO num envelope

*A generosidade é uma obrigação porque os deuses castigam aqueles que abundam de felicidade e fortuna.*  
Marcel Mauss, "Ensaio sobre a dádiva", 1925

Não passa de um pequeno envelope vermelho que cabe numa mão fechada. Quem diria que o laissi, como é conhecido na língua portuguesa com base no seu nome em cantonês, ou *hong bao* (literalmente, "envelope vermelho") em mandarim, poderia ser um símbolo quase universal em toda a China? Embora os de cá da terra já o conheçam, pouco ou nada se sabe do porquê desta tradição que está presente em todos os momentos importantes da vida chinesa

TEXTO: RAQUEL DIAS

Casamentos, nascimentos, aniversários e, claro está, a celebração do Ano Novo Chinês são eventos que não dispensam a troca destes pequenos pacotes com dinheiro dentro.

Das várias lendas relacionadas com os laissis, a mais comum é a do monstro Nian (年, que significa “ano” em português). Conta a lenda que Nian atacava uma certa aldeia na primeira lua do calendário lunar. Quando descobriram que Nian tinha medo da cor vermelha, dos sons fortes e do fogo, os aldeões, cansados da destruição, viram uma oportunidade de se defenderem. Assim, nos anos que se seguiram os habitantes colocavam papéis vermelhos nas portas e faziam soar os tambores bem alto. Moedas atadas a cordéis vermelhos eram entregues às crianças para espantar os maus espíritos e protegerem-nas do assustador Nian. Dizem os especialistas que a entrega de dinheiro durante esta época festiva remonta à dinastia Ming (meados do século XIV). Nessa altura, moedas atadas a um fio eram entregues às crianças. Mas foi apenas no princípio do século XIX, durante a dinastia Qing, que o costume do envelope vermelho se tornou popular. O processo evoluiu e, hoje em dia, pode encontrar-se envelopes de todas as cores, feitos e decorados com, além dos motivos mais tradicionais, bonecos da Disney ou dos desenhos animados japoneses.

Não é invulgar encontrar-se, na superfície exterior dos laissis, um Mickey vestido com a cabaia chinesa ou uma Hello Kitty desejando o “Kung Hei Fat Choi!” (saudação de Feliz Ano Novo).

## Tradição e significado

Para Desmond Lam, professor da Universidade de Macau, esta tradição reflecte princípios bastante enraizados na cultura chinesa. Questões como a crença na celebração das suas tradições, a sua superstição, o respeito pelas hierarquias sociais e a constante preocupação com “salvar a face” estão todas representadas na entrega dos laissis.

“Confúcio ensina-nos que somos criaturas sociais. Cada pessoa tem um papel e uma responsabilidade social que obriga a preservar a ordem, para que haja harmonia no mundo”, aponta Lam. “Há uma série de hierarquias criadas por Confúcio que precisam de ser respeitadas: o governante e os seus súbditos, pai e filhos, marido e mulher, um irmão mais velho e os mais novos. Estes ensinamentos acabam por ser o fundamento dos valores chineses.” Assim, também na distribuição dos laissis se observam estes costumes. Dentro da família é suposto as pessoas mais velhas distribuírem os envelopes aos mais novos. Os casais entregam um só pacote em nome dos dois e, o mais importante, os avós entregam os laissis aos netos antes dos pais fazerem chegar os seus envelopes aos filhos. Quanto mais velha for a criança, mais dinheiro poderá receber. Teoricamente, qualquer pessoa solteira pode receber um laissi, contudo os casados têm a obrigação de oferecer um destes pequenos envelopes. “É uma espécie de sinal de que se atingiu a maioridade”, aponta o académico. Desmond Lam explica que também no local de trabalho é esperado que os superiores distribuam estes envelopes festivos aos subordinados. Um costume que leva, frequentemente, a que os patrões ocidentais passem um mau



A close-up photograph of a hand holding a red envelope. The hand is positioned in the center-right of the frame, with the fingers gripping the top edge of the envelope. The envelope is bright red and features gold Chinese characters in a calligraphic style. The background is plain white. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the fabric of the sleeve.

Quanto mais alto é o cargo, mais dinheiro tem que se oferecer. Se tal não acontecer, o superior “perde a face”, o que “deve ser evitado a todo o custo”...

bocado. “Para os estrangeiros que trabalham na indústria do jogo em Macau, a tarefa anual de prepararem os laissis pode ser muito trabalhosa. O primeiro passo é escolher quem os deve receber e, depois, é necessário decidir qual o valor que se vai oferecer a cada escala. Por fim, a tarefa que acaba por levar mais tempo, dado o elevado número de empregados nesta indústria, é o acto de preparar os envelopes em si.” Assim como na tradição familiar, há também regras a seguir no local de trabalho. Quanto mais alto é o cargo, mais dinheiro tem que se oferecer. Se tal não acontecer, o superior “perde a face” o que, de acordo com o professor da Universidade de Macau, “deve ser evitado a todo o custo”.

### Mais que um pedaço de papel

“O laissi é acima de tudo um símbolo. Numa cultura para quem a sorte tem

uma importância tão grande, o laissi aparece como uma forma de a desejar, por isso faz parte de todas as festividades importantes, como as oferendas aos deuses e as celebrações familiares”, diz Desmond Lam. Desde a cor vermelha, que é extremamente auspiciosa na cultura chinesa, passando pelos motivos tradicionalmente usados na sua decoração, tudo serve para oferecer e desejar um ano de prosperidade ou um

casamento feliz.

“Oferecer um laissi é como dar um postal de boas festas na cultura ocidental”.

Assim, alguns motivos sugerem frases conhecidas entre a comunidade chinesa. É bastante recorrente carpas vermelhas – uma tradição que vem do ditado “nin nin yao yun”, que, numa tradução aproximada, significa “desejos de um ano abundante” (“nin nin” significa “todos os anos”; “yao” quer dizer “haver” e “yun”, “abundância”). Porque o som deste “yun” é parecido com o “yun” de carpa, é considerado auspicioso usar a representação deste peixe. Outros símbolos auspiciosos muito usados são as tangerinas e as peónias.

Não é apenas o envelope em si que se destina a desejar boa sorte. O montante lá inserido também tem um grande peso. Além de se considerar de muito mau

tom as somas ímpares, a numerologia tem um papel forte nesta tradição. Vinte e oito, 68 e 168 são boas somas. No primeiro caso porque dois, 二 (yī em cantonense), é parecido com 易 que significa “facilmente”; o oito 八 (bat) tem o som semelhante a 發 (fat), “fazer dinheiro”. Portanto, 28 daria então qualquer coisa como “dinheiro fácil”. Já no caso de 68, o seis 六, que se parece com 六, que significa “rua” ou “caminho”, deixa subentendido “caminho para a riqueza”, enquanto que o 168, porque o 1 – pode parecer-se com a palavra “continuamente”, sublinha ainda mais a expressão anterior. O número 58 é de evitar, pois significa “que não prospera”. Por exemplo, em vez de 400 patacas redondas, mais vale oferecer 390, porque o número quatro 四 (sì) tem uma pronúncia próxima da palavra morte 死 (sǐ), por isso nunca devem ser usadas somas que totalizem quatro.

## Casamento

Nos casamentos, o laissi desempenha um papel fundamental. Está presente em todas as fases da cerimónia e dá ênfase à ideia de que funciona como um símbolo dos ensinamentos da cultura chinesa. Com o decorrer dos anos, a cerimónia tradicional tem sido adaptada aos costumes ocidentais. É cada vez mais comum ver-se as noivas vestidas de branco em vez do auspicioso vermelho e os noivos preferem agora o fato e





Casamentos, nascimentos, aniversários e, claro está, a celebração do Ano Novo Chinês são eventos que não dispensam a troca destes pequenos pacotes com dinheiro dentro

gravata à tradicional cabaia preta com a faixa vermelha. Contudo, um elemento que não se dispensa é precisamente o pequeno envelope.

Começa por estar presente logo no convite que os noivos enviam. Um pequeníssimo pacote dentro do convite (neste caso não necessariamente vermelho) guarda uma moeda no valor de uma pataca. Uma tradição que vem do tempo em que as deslocações eram caras e se queria ajudar os convidados a estarem presentes na cerimónia. Depois de enviados os convites, o laissi

volta a aparecer naquele que se considera o coração da cerimónia, a altura em que os noivos servem o chá aos respectivos sogros. Esta é uma celebração do casamento para os membros mais chegados do casal e ocorre antes do grande banquete para a família alargada e amigos. Enquanto o casal serve o chá, é costume os pais e os sogros oferecerem um laissi aos noivos.

Mais tarde, e numa variação da festa tradicional, os padrinhos vão buscar a noiva à casa. É um momento divertido em que estes tentam “roubar” a futura



esposa às suas damas de honor, mas, além de diversas peripécias que têm que ultrapassar, é frequente os padrinhos oferecerem pequenas somas nos laissis, especialmente desenhados para a ocasião e adornados com fénix e dragões. Finalmente, e talvez a parte da festa mais conhecida: o banquete de 12 pratos. Este é o ponto da celebração em que se reúne mais gente e que é o equivalente ao copo d'água português. Como na maioria dos casamentos ocidentais, também para os chineses é importante a troca de presentes e dinheiro. Contudo aqui não significa apenas uma ajuda para o começo de vida do casal ou uma contribuição para o jantar oferecido, mas é sobretudo uma maneira de desejar sorte a marido e mulher. O laissi é um símbolo incontornável, representa as crenças chinesas na sorte,



o sistema hierárquico tão importante nesta cultura e adapta-se rapidamente aos tempos e costumes estrangeiros. Os ocidentais de Macau aprenderam pelos sorrisos insistentes dos seguranças dos prédios e os olhares ávidos das crianças que esta era daquelas tradições a que não se pode escapar. Funciona como meio diplomático entre homens de negócios e uma poderosa ferramenta de incentivo nos locais de trabalho. Como qualquer dádiva, também esta serve para fortalecer as raízes culturais e estabelecer a ordem social. ■



“O *laissez* é acima de tudo um símbolo. Numa cultura para quem a sorte tem uma importância tão grande, o *laissez* aparece como uma forma de a desejar...”

*Desmond Lam, professor universitário*

## O que fazer e não fazer com o laissi



(1) Na região do Sul da China espera-se que as pessoas mais velhas de um determinado grupo, sejam ou não casadas, distribuam os laissis aos mais novos. Os casais entregam um só envelope em nome dos dois.

(2) Os laissis de casamento usam motivos muito diferentes dos outros e, portanto, só devem ser usados neste evento em especial. É considerada falta de educação oferecer envelopes com fênix, dragões e caracteres de dupla felicidade durante as celebrações do Ano Novo.

(3) Quando for convidado para um casamento chinês deve levar um laissi de pelo menos 500 patacas. Caso não possa estar presente na celebração, deve responder ao convite com um laissi de 300 patacas. Mesmo que seja muito próximo do casal, não convém oferecer valores acima das 3000 patacas.

(4) Nunca se deve oferecer dinheiro em valores ímpares. É considerado de mau tom e pouco auspicioso. Deve-se ter também cuidado para evitar somas com o número quatro.

(5) A entrega do dinheiro faz-se na véspera do Ano Novo Lunar, entre as 21h e as 22h (o que corresponderia às 23h na noção de tempo ocidental), entre os membros da família. Entre os amigos e empregados, é hábito a distribuição ocorrer durante os 15 dias que se seguem.

(6) Nunca se devem expor os laissis vazios. Atrai a má sorte e faz fugir o dinheiro, razão pela qual nas lojas ou nos hotéis em que os envelopes estão em exibição, devem conter pelo menos uma moeda de dez avos. ■



# Vida de panda

Mesmo à entrada de Coloane, longe do reboliço da cidade, Sam Sam e Hoi Hoi levam uma vida em sossego. O casal de pandas divide os dias entre as refeições, a sesta e o olhar atento dos visitantes. Esta é a história dos dois novos residentes de Seac Pai Van

TEXTO: CATARINA DOMINGUES

FOTOS: ANTÓNIO MIL-HOMENS



Fong Chit Lun tenta chegar a Sam Sam com o indicador. O pequeno quer alcançar o focinho redondo e lanoso do panda. Mas em vão. Fong Chit Lun tem ainda a percepção distorcida das distâncias e dos tamanhos dos objectos e, sem grandes sobressaltos, o dedo detém-se ali, por ligeiros momentos, a fazer pressão contra a grande janela de vidro. Resignado à impossibilidade de chegar ao panda, Fong Chit Lun, volta a

concentrar-se na bolacha de chocolate. “Só há um mês conseguimos fazer o primeiro passaporte do nosso filho. E por isso aproveitámos para trazê-lo para ver os pandas”, diz a mãe. A família Fong veio de Hong Kong e o pavilhão dos pandas era destino obrigatório. São três da tarde do primeiro dia da abertura do Pavilhão de Pandas ao público. Ela dorme. Ele também. Talvez até sonhem. Não se sabe. A vida de



A família Fong veio de Honk Kong e não quis perder a oportunidade de visitar os pandas

panda é como uma folha em branco. Pelo menos por agora e por aqui, no pavilhão em Seac Pai Van. Entre as crianças a sesta causa estranheza, mas para a família Fong não é novidade. Já conhecem as rotinas dos animais. Em Hong Kong, Fong Chit Lun esteve mesmo frente a frente com um panda. A mãe sorri. “Aqui ainda não percebemos qual deles é o macho e a fêmea.” Alguém esclarece que ali deitada num banco de madeira está Sam Sam. Hoi Hoi, o panda macho, demora-se lá bem ao fundo, longe da vista. Na realidade,

é aí que ficará ao longo de toda esta reportagem, deitado ao comprido num baloço. Escondido de tudo e de todos. Entregue ao sono.

Por isso, a grande atracção desta tarde é mesmo Sam Sam. Dois anos e meio e 67 quilos. É para ela que todos olham. É dela que todos esperam qualquer coisa. Mas Sam Sam não quer saber de nada nem de ninguém, não entende que é em si que recaem todas as expectativas, não entende o que são crianças felizes. Wong Si Wan veio visitar os pandas com os amigos. Espera que “da próxima

## A história de uma dupla de pandas

*26 de Julho de 2008*

Nasce Sam Sam, em Chengdu

*4 de Agosto de 2008*

Nasce Hoi Hoi, em Chengdu

*19 de Dezembro de 2009*

O Presidente Hu Jintao anuncia que vai oferecer um casal de pandas para assinalar os dez anos do Estabelecimento da RAEM

*7 de Fevereiro de 2010*

Visita da delegação da Direcção Estatal das Florestas a Macau para a selecção do local onde será construído o Pavilhão dos Pandas

vez estejam mais activos”. Ho Hiu Tong, em fila indiana, prefere chamá-los “preguiçosos”. Leva a recordação no telemóvel. “Para mostrar aos meus pais”. E é assim, que na próxima hora vão passando por este corredor vários grupos de crianças, uns atrás dos outros. Mas Sam Sam continua estendida, de barriga para o ar, com o pêlo sujo e amarelado das cambalhotas na terra. Num gesto sonâmbulo mas pacífico vai trocando de posição.

“Uau”, gritam as crianças. Uma vez. “Uau”. Duas vezes. Depois permanece apenas o burburinho dos miúdos do Colégio Diocesano de S. José. Falam uns com os outros, à espera de novo sinal. Mas o panda fica-se apenas por estes pequenos movimentos. Enquanto dorme. E talvez enquanto sonha.

## Por trás de dois grandes pandas

U Ka Man tem calçadas umas galochas pretas, daquelas que protegem os que trabalham na terra. Ou melhor, nas florestas ou cordilheiras de Sichuan. Ou melhor, onde estiverem os pandas. U Ka Man é tratadora. Tratadora de pandas. Nunca tinha existido em Macau uma profissão assim. Agora há pelo menos nove tratadores, que trabalham com três veterinários. O grupo inclui três especialistas do continente.

U Ka Man tem 25 anos, terminou a licenciatura de Biologia em Taiwan, onde também estudou estes mamíferos. Depois fez uma formação de cinco semanas na terra de Hoi Hoi e Sam Sam, Chengdu, a capital da Província de Sichuan. “Preparamos os



A tratadora de Hoi Hoi e Sam Sam, U Ka Man

alimentos, fazemos a limpeza das áreas, coordenamos as sessões de comunicação com os pandas, observamos e registamos os hábitos diários”, explica.

A revista **Macau** aproveitou a sesta dos dois pandas para falar com a tratadora. Para U Ka Man, o vagar da tarde e a mândria dos pandas deixa-a com mais disponibilidade para esta entrevista. Há duas horas, os pandas comeram. Já brincaram. Já fizeram tudo o que tinham a fazer. E U Ka Man esteve sempre lá. Sempre a falar em mandarim. Para a tratadora, Sam Sam é Xin Xin e Hoi Hoi é Kai Kai. Por uma questão de coerência. É este o nome a que estão habituados. “Os pandas têm um sistema auditivo sensível e conseguem medir a emoção da língua.”

O que não parece tão fácil de medir é a força e, por isso, há que manter sempre uma distância de segurança. Por enquanto ainda são pequenos, mas no

11 de Maio de 2010

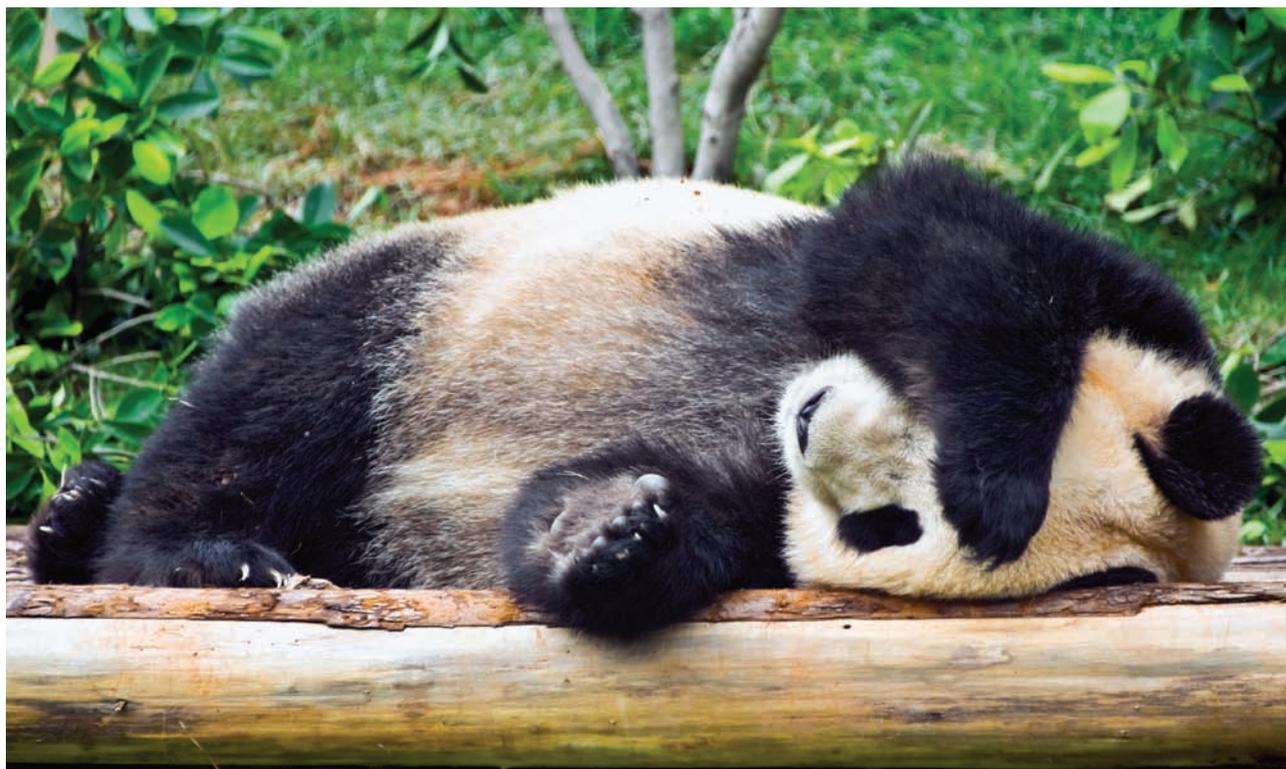
Início da construção do Pavilhão dos Pandas no Parque de Seac Pai Van

28 de Maio de 2010

Delegação de Macau viaja à Base de Pesquisa e Reprodução de Pandas Gigantes de Chengdu para uma reunião sobre a transferência dos pandas

17 de Junho de 2010

É criada uma Comissão, coordenada pela secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, para a avaliação dos nomes dos pandas



A fêmea Sam Sam diverte-se, divertindo os visitantes

futuro “vão ganhando força e quando estão a brincar podem magoar-se.” Nada de muito sério. O mais provável mesmo é que daqui resulte uma história de amor. Se isso acontecer, o pavilhão já tem equipada uma ala especial para Sam Sam, quando engravidar. “Só na Primavera é que os pandas têm vontade de acasalar”, conclui U Ka Man. Talvez daqui a duas ou três primaveras. Por enquanto são pequenos, jovens. E consequentes.

### Tudo a que têm direito

É verdade que não há nada como as

florestas de Sichuan e estar longe de casa é um sentimento que requer alguma gestão e adaptação. Aqui foi tudo pensado para diminuir a dor da saudade. Espaço não falta. Por 90 milhões de patacas, o pavilhão, onde vivem, dispõe de tudo a que os dois têm direito: dois jardins interiores de 330 metros quadrados, uma zona ao ar livre com o dobro do tamanho, cascatas, correntes de água, árvores naturais e temperaturas adaptadas aos animais. Neste momento estão 18 graus. A tratadora explica que é “a temperatura ideal para os pandas, que não toleram

*10 de Setembro 2010*

Depois da votação dos residentes, são escolhidos os nomes Hoi Hoi e Sam Sam para os pandas

*25 de Novembro de 2010*

Termina a construção do Pavilhão dos Pandas

*18 de Dezembro de 2010*

Hoi Hoi e Sam Sam chegam a Macau no Airbus A321 da Air China



Acesso ao Pavilhão dos Pandas

o calor.”

Não toleram o calor nem muitas outras coisas. A comida, por exemplo. Com gostos requintados e precisos, os pandas são animais que se conquistam pelo estômago. Comem cinco vezes ao dia e em grandes quantidades. Uma alimentação saudável, que faz viajar da Província de Cantão cinco tipos diferentes de bambu. Cada panda consome uma média diária de 20 quilos de bambu. Esta alimentação faz deles animais flexíveis, com força para trepar às árvores e com dentes muito fortes, por estarem permanentemente

a mastigar os colmos do bambu. Mas tornou-os um tanto quanto mimados. Quando “respondem aos estímulos dos tratadores, recebem frutas ou biscoitos como recompensa”, explica a tratadora. Os biscoitos vêm directamente dos Estados Unidos e são também uma forma de complementar a alimentação com fibras e vitaminas.

As refeições são geridas com alguma flexibilidade “para não interromper e perturbar o descanso”. E hoje os pandas vão comer um pouco mais tarde. É que ela continua a dormir. Ele também. Talvez até sonhem. Não se sabe. ■

*28 de Dezembro de 2010*

É criado o Fundo dos Pandas, com o objectivo de promover os trabalhos de conservação dos pandas gigantes

*18 de Janeiro de 2011*

Termina o período de quarentena dos pandas

*28 de Janeiro de 2011*

Abertura oficial do Pavilhão dos Pandas

## Pandas à lupa

Nome científico: *Ailuropoda melanoleuca*

Categoria: Mamífero

Em tempos mais remotos, nos campos de batalha, se um exército erguesse uma bandeira com um panda gigante, significava que queria pôr termo à guerra. O conceito do panda como mensageiro da paz ganhou mais força em 1961, quando a imagem deste mamífero se tornou no logotipo do Fundo Mundial para a Vida Selvagem, um símbolo da conservação das espécies selvagens ameaçadas.

Só existem pandas na China e estão distribuídos pelas províncias de Sichuan, Shaanxi e Gansu, onde vivem em florestas montanhosas, com uma altitude que varia entre os 1600 e 4000 metros.

A esperança média de vida situa-se entre os 18 anos (vida selvagem) e 30 anos (em cativeiro). A idade máxima atingida em cativeiro foi de 36 anos, equivalente a 108 anos pelos padrões da vida humana. Quem bateu este recorde foi Mei Mei, que morreu em 2005 no Jardim Zoológico de Guilin.

Actualmente vivem na China em estado selvagem cerca de 1600 pandas gigantes. Em cativeiro são menos de 300. Mas podem ser vistos também em jardins zoológicos noutros

países. É que os pandas têm sido os grandes embaixadores de Pequim e promotores de alianças entre a China e outras regiões. Em 2010 viviam pelo menos 33 pandas em oito países - Estados Unidos da América, Japão, México, Alemanha, Áustria, Espanha, Austrália e Tailândia. Como só podem estar afastados do seu habitat natural por um período não superior a dez anos, os pandas oferecidos têm de regressar a casa. Um regresso que pode ser antecipado quando dão à luz e, nesse caso, voltam a casa quando os pequenos pandas completam três anos.

Sendo uma espécie rara e valiosa, são considerados um tesouro nacional. A fraca capacidade de reprodução, as alterações climáticas e o impacto que actividades humanas, como a caça, têm tido sobre os pandas fazem com que a sua população esteja ameaçada.

A luta pela preservação dos animais tem sido longa e incansável. A China criou mais áreas protegidas e, em 1988, promulgou a lei da protecção dos animais selvagens. Além disso foi fundado o Centro de Investigação e Protecção na reserva de Wolong para estudar o problema da natalidade. Os especialistas deste centro criaram um banco de esperma dos pandas gigantes e a inseminação artificial tornou-se num dos métodos para facilitar a reprodução de descendentes. ■



# 2011 MIECF

Macao International Environmental  
Co-operation Forum & Exhibition  
2011年澳門國際環保合作發展論壇及展覽

Host



中華人民共和國澳門特別行政區政府  
Government of the Macao  
Special Administrative Region of  
the People's Republic of China



The Macao International Environmental Co-operation Forum & Exhibition (MIECF) is a high-powered annual platform to promote solutions for a low carbon future and sustainable urban development in South China. The exhibition and conference is strategically positioned to nurture technology exchange and co-operation between the greater Pan-Pearl River Delta region and international markets.

Exhibit now to showcase your products and services to "green" industry professionals and decision makers across the region!

## Contact of Event Manager:

### Singapore

Ms Jennifer Chiah

Tel: +65-6500 6738

Fax: +65-6296 2771

Email: miecf@koelnmesse.com.sg

### Macao

Mr Timothy Fong

Tel: +853-8798 9675

Fax: +853-2872 7123

Email: miecf@koelnmesse.com.hk

## GREEN OPPORTUNITIES

Low Carbon Urban Development

Thinking Green • Going Clean • Living Cool

31 March - 2 April 2011 • MACAO

[www.macaomiecf.com](http://www.macaomiecf.com)

2011MIECF Host Co-ordinators

澳門特別行政區政府  
Government Bodies of  
Macao Special Administrative Region



澳門貿易投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau  
Macao Trade and Investment Promotion Institute



環境保護局  
Direcção dos Serviços  
de Protecção Ambiental

2011MIECF Event Manager

 koelnmesse

# Macau mais verde à mesa

Macau acompanha a tendência mundial e vê aumentar o número de estabelecimentos de comida vegetariana no território. A saúde é um dos principais motivos a levar a população a optar pelo 'verde' na alimentação

TEXTO: FILIPA QUEIROZ

FOTOS: GONÇALO LOBO PINHEIRO





Restaurante vegetariano Feng Cheng Xuan

Não é um “X” mas uma suástica, ou cruz gamada, a identificar o local. Do sânscrito *svastika*, a palavra significa “bom agoiro” e “boa sorte” e é um símbolo que vem sendo utilizado por muitas culturas em tempos diferentes. Para os brâmanes e budistas simboliza felicidade, saudação e salvação. No Japão, a ‘manji’ (卍) é usada para representar templos e santuários nos mapas. Na China aparece nas caixas de comida indicando que é vegetariana e que pode ser comida por budistas de princípios mais rígidos.

Perto das Ruínas de São Paulo, na rua do Monte, uma tabuleta com quatro cruzes identifica o restaurante vegetariano Feng Cheng Xuan. Um caso sério de sucesso e quem o frequenta sabe-o. À hora das refeições raramente há uma cadeira vazia. O corrúpio de clientes começa por volta do meio-dia e só termina às 21h30. Chegam e sentam-se numa das mesas do primeiro ou do segundo piso. Rapidamente a funcionária poussa a louça castanha terra, uma bacia de água quente e entrega o menu ilustrado com fotos dos pratos - todos feitos com alimentos de origem vegetal e a maioria sem ovo. Rolinhos fritos, beringela, crepes, tofu, cogumelos. Os nomes estão em chinês e têm significados simbólicos. Como as “Bolas de leão cozidas”, feitas



Choi Soi Chun, proprietário do restaurante vegetariano Feng Cheng Xuan

de feijão amarelo. O “Pássaro Yago” é um dos mais célebres, apresenta cinco conjuntos de vegetais diferentes e “altamente nutritivos”, assegura o proprietário, Choi Soi Chun. Os preços variam entre as 26 e as 88 patacas. Choi Soi Chun, 41 anos, é natural de Fukien, na China, mas passou mais da metade da vida em Macau. Abriu o estabelecimento em 2008 porque queria promover a comida vegetariana no

território. “Sou budista, mas foi por influência de amigos que há 20 anos decidi passar a comer apenas vegetais. É mais saudável e hoje em dia a criação de animais envolve muitos químicos”, explica.

A ciência dá-lhe razão. Dietas vegetarianas são normalmente ricas em hidratos de carbono, fibras dietéticas, magnésio, potássio, ácido fólico, antioxidantes (como vitaminas C e E)

e fitoquímicos, além de apresentarem baixa ingestão de gordura saturada e colesterol, fornecendo diversos benefícios nutricionais. As melhores fontes vegetarianas de cálcio são os vegetais e legumes de folhas verdes, feijões, tofu, figos secos, rabanetes, amêndoas, sementes de chia, de sésamo e de girassol. Quanto aos químicos, Choi Soi Chun refere-se aos animais criados para consumo humano, alimentados com uma quantidade significativa de hormonas de crescimento e antibióticos para resistirem a doenças, sendo a carne que chega à mesa, muitas vezes, de má qualidade.

A ajudá-lo no restaurante conta com nove funcionários - todos vegetarianos. A maioria dos clientes é jovem, na casa dos 20 e 30 anos. “À hora do almoço vêm muitos empregados de escritório e estudantes”, salienta o proprietário. Grande parte são chineses mas também há turistas “e portugueses”, frisa.

“Creio que a maior parte apenas vem cá algumas vezes por mês porque gosta de variar. Há um grupo de portugueses que faz isso, vêm mais ou menos uma vez por semana comer comida vegetariana”, conta Choi Soi Chun.

Helen, 60 anos, é australiana e é a primeira vez que almoça, com as amigas e a filha, no Feng Cheng Xuan. “Íamos a passar, espreitámos e fomos especialmente atraídas pelo serviço de louça”, confessa a turista. A filha, Karen, 31 anos, diz que não comeria comida vegetariana em casa mas não se importa de ir a um restaurante vegetariano de vez em quando. “A comida neste é especialmente saborosa e o espaço é acolhedor”, diz. Mas faz a ressalva: “Eu adoro carne”. A jovem conta que tem muitos amigos que adoptaram o regime alimentar vegetariano por causa do aumento do número de doenças, como o cancro. “Acho que é por isso que o vegetarianismo está a ganhar cada vez mais adeptos”, vinca.

De facto, estudos dizem que essa é uma entre as várias razões apontadas para

que as pessoas adoptem a dieta verde. Podem ir desde o não gostar de comer carne, passando por questões religiosas, até o respeito pelos direitos dos animais. Aqui existe ainda o termo vegano, para as pessoas que além de não comerem alimentos de origem animal também não utilizam produtos não alimentícios provenientes de animais, como a lã, o couro, a seda e a pele.

Choi Soi Chun estima que existam cerca de 20 restaurantes vegetarianos em Macau, incluindo ‘take-aways’, e não tem dúvidas: “Há cada vez mais gente a tornar-se vegetariana mas o movimento no meu restaurante não tem aumentado, porque a concorrência também é maior”, explica.

## O oito

O restaurante Miu Heung Lam é uma das vítimas dessa concorrência. Há alguns anos, quando batiam as 13h00 o estabelecimento da senhora Shum havia de estar cheio de gente, com clientes oriundos das mais diversas origens: Singapura, China, Taiwan,



Restaurante vegetariano Miu Heung Lam



Sra. Shum, proprietária do restaurante Miu Heung Lam

Hong Kong e Malásia. “Há um advogado português que é cliente habitual e está sempre a tentar convencer-me a abrir um restaurante em Portugal”, conta a proprietária do vegetariano da Travessa do Auto Novo, e recorda-nos o dia em que o general Vasco Rocha Vieira, último governador de Macau no tempo da administração portuguesa, visitou o seu estabelecimento.

Mas os tempos são outros e hoje, à hora do almoço, o restaurante escondido por entre as ruelas do centro de Macau, numa perpendicular à Avenida Almeida Ribeiro, está praticamente vazio.

Nem a estátua da deusa Kun Iam e o glamoroso quatro iluminado com a imagem de Sidharta parecem querer mudar a sorte ao restaurante que já conta 31 anos de existência.

“Foi o primeiro a abrir em Macau completamente vegetariano”, salienta a senhora Shum, 67 anos, natural de Zhuhai. “O meu marido foi *chef* durante 20 anos em Hong Kong e resolveu abrir este negócio aqui, que antes ficava na Estrada do Repouso”, acrescenta. A senhora teve sempre a seu cargo as lides da cozinha mas desde que o marido se reformou que toma conta do negócio sozinha. Shum diz que é budista mas não vegetariana. “Só de 15 em 15 dias é que não como carne”, explica. Muitos chineses são vegetarianos apenas na Lua Nova e Lua Cheia, e também nos aniversários, sempre que querem ‘melhor sorte’. Para várias religiões apologistas do vegetarianismo, desde o movimento Hare Krishna aos budistas, hindus e adventistas do Sétimo Dia, a dieta alimentar não é necessariamente uma imposição, ou seja, comer carne não é visto como um pecado. Muitos budistas preferem a dieta vegetariana porque defendem a não-violência, o que é, portanto, uma motivação sobretudo ética.

Os *dumplings* de vegetais são os pratos mais procurados no Miu Heung Lam. Os preços são competitivos, variam entre as 18 e as 35 patacas. “A maior parte

dos nossos clientes é jovem ou de meia idade, poucos idosos cá vêm”, aponta a senhora Shum.

A única mesa ocupada é a de Eva, Kitty e Umi. Mãe e filhas são de Hong Kong e estão de visita a Macau. Kitty, 31 anos, diz que não é vegetariana porque “não dá muito jeito”, sobretudo porque é frequente ter almoços de trabalho e “cai mal” rejeitar a carne e o peixe perante os seus superiores, por exemplo. Já Eva, 57 anos, e a filha mais nova, de 18, são cem por cento vegetarianas. Umi nunca provou carne. “A minha irmã nasceu com um problema cardíaco grave, que herdou da minha mãe, e à nascença os médicos aconselharam a que fizesse uma alimentação vegetariana”, explica Kitty. Vários especialistas comprovam que uma dieta vegetariana equilibrada é geralmente eficaz em equilibrar os níveis de colesterol, reduzir o risco de doenças cardiovasculares, evitar alguns tipos de cancro e até a impotência sexual. Segundo estudos recentes, os vegetarianos têm menos probabilidade de desenvolver cancros do que as pessoas que consomem carne.

## O oitenta

Kitty não teria qualquer problema se os colegas de trabalho fossem como Lam Cheng. O funcionário da Companhia de Electricidade de Macau costuma ir com os colegas ao *Vegetarian Farm*, apesar de não ser vegetariano. “Costumamos vir duas ou três vezes por mês porque a comida é boa e é saudável”, explica Lam Cheng, enquanto aguarda o prato favorito: uma espécie de imitação de ‘carne’ às rodelas.

Enquanto isso, o *manager* do restaurante vegetariano da Avenida Coronel Mesquita, em frente ao templo de Kum Iam, entretém uma turma de ioga que ocupa quatro das dez mesas do restaurante. Raymond Un canta uma canção tradicional chinesa enquanto se passeia sorridente entre a meia centena de clientes.



Restaurante Vegetarian Farm



Raymond Un, manager do restaurante Vegetarian Farm

“Temos sempre bastante clientela até porque várias associações, escolas e empresas, como a CEM e a CTM, costumam fazer aqui grandes almoços mais ou menos uma vez por mês”, explica Un, que trata da gestão do restaurante desde que este mudou de instalações em 2005. O *Vegetarian Farm* tem a idade da RAEM, 11 anos. O dono é budista e foi por motivos religiosos que decidiu abrir o espaço que já conta com 20 mil membros – clientes habituais que têm direito a 10% de desconto. “Pelo menos duas vezes por ano promovemos jantares para os membros, cujos lucros revertem para doações”, conta. Em 2008

conseguiram reunir 200 mil patacas para apoiar as vítimas do sismo de Sichuan. A capacidade da sala principal do restaurante é de 310 pessoas. Ao todo são dez funcionários na cozinha responsáveis por confeccionar os petiscos vegetarianos. A especialidade mais célebre, e também a mais cara, é o miolo de bambu com abóbora. Custa 168 patacas. Mas os preços podem variar entre as 20 e as centenas de patacas. Perguntamos a Raymond Un se tem medo da concorrência. “Não, porque temos a vantagem do espaço. Mas é verdade que tem aumentado o interesse pelo vegetarianismo em Macau, e ainda bem.” ■

## Guia para vegetarianos online



Se procura encontrar um restaurante vegetariano em qualquer parte do mundo, o [www.HappyCow.net](http://www.HappyCow.net) é o sítio certo para procurar. Dedicado exclusivamente à comunidade vegetariana mundial, o portal é uma espécie de bíblia online para os viajantes que não comem produtos de origem animal. Com 12 mil visitas por dia, o website criado em 1999 conta actualmente com cerca de 25 mil membros e 5500 colaboradores que fazem a listagem dos restaurantes em todo o mundo e as respectivas críticas. Totalmente gratuito, é dedicado sobretudo a viajantes e sustentado pela publicidade e os contributos espontâneos de visitantes e donos de estabelecimentos.

Eric Brent, o criador, decidiu fazê-lo inspirado na sua própria experiência. “Viajei muitos anos à volta do mundo sem Internet e foi um grande

desafio! Agora é muito fácil”, conta em entrevista à Revista Macau via e-mail. “A maioria dos membros do site é vegetariana ou vegano, o que significa que a informação é correcta e mais interessante do que noutros sites convencionais como o Yelp, OpenTable ou o Google.”

Brent diz que foi a China que o levou a ser vegetariano a 100%. “Em 1989 era um grande desafio ser vegetariano e eu perdi 20 quilos no mês e meio em que viajei na China onde, aliás, o abuso de animais ainda é muito comum. Mas pelo menos hoje em dia há mais restaurantes vegetarianos e são mais fáceis de encontrar, especialmente devido a sites como o HappyCow.net”, explica.

Ronda os 500 o número de restaurantes vegetarianos na China. Em Macau há 20 registados no Happy Cow. “Já esti-

ve na RAEM e os restaurantes pareceram-me excelentes e muito integrados na comunidade. Atravessam gerações, há famílias inteiras a frequentar”, salienta. O criador do portal também defende que o número de adeptos da alimentação vegetariana está a aumentar e garante que o Facebook terá a sua quota parte de responsabilidade. “Há muitas páginas e grupos sobre o assunto e o crescimento tem sido explosivo na Europa, América do Norte e Ásia.” A qualidade, os benefícios para a saúde e a apresentação da comida estarão na génese da preferência. Quanto ao prato mais famoso: “Pergunta difícil! A combinação de arroz vermelho, vegetais com tofu, molho de soja e ervas mais salada, é tão simples que acho que deve ser uma das receitas mais feitas e consumidas no mundo.” ■



# ANGOLA-CHINA

## Parceiros em África



**CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA**  
Região Administrativa Especial de Macau  
República Popular da China

Edif. FIT (Financial & Information Technology), 7º Floor I & H, Av. Comercial  
Telefone: 00 853 28716229 - Fax: 28716230 - Website: [www.consgeralangola.org.mo](http://www.consgeralangola.org.mo)

# As saudades do *dim sum*

A partir do dia 1 de Agosto, vai-se ouvir mais gente a falar português pelas ruas de Macau. São pessoas que cá viveram, mas rumaram a Portugal antes da transferência de administração para a China e que agora organizam-se num grupo do regresso. Para aquecer motores, andaram a festejar a passagem de ano da forma mais tradicional, com *dim sum*, arroz “chao chao” e “chao min”. E muitas recordações

TEXTO: ANTÓNIO LARGUESA

FOTOS: JOÃO GOMES

**F**echaram o ano de 2010 com uma mesa bem cantonense, preenchida com sopa de *wonton*, crepes, *dim sum* de quatro variedades, arroz “chao chao” e massa “chao min”. Dentro de meses esperam estar a comer estas iguarias numa das tascas típicas de comida chinesa no Porto Interior, em Macau. “Se ainda existirem...”, arrisca a economista Carla Prudêncio, que aos 40 anos não

esconde o tom nostálgico e expectante que lhe assalta a alma quando fala no projectado regresso à Ásia (a partir de agora chamemos-lhe “sonho”, como eles). Um sentimento, afinal, que soou abundantes vezes nas conversas de perto de uma centena de foliões que escolheram pular para 2011 com o pé direito no espaço Vila Louize, em Lisboa. Com Macau à mesa, na boca, no coração.



E, cada vez mais perto da vista, também o *erhu*.

Neste jogo de sentidos em noite de passagem de ano terminou deficitária a audição. A vontade dos organizadores de contratar um grupo de músicos para tocar o popular violino chinês, que se ouviu primeiro entre as minorias étnicas do Noroeste e que no último milênio acompanhou as mais famosas óperas

tradicionais ficou guardado na caixa de resoluções para o novo ano. Não soaram as duas cordas vibradas pela crina de cavalo atada ao arco de bambu, antes uns mais contemporâneos sucessos da música *pop* dos anos 1980 e 1990. Nem mais: canções, afinal, que marcaram as duas décadas em que viveu (e deixou tantas raízes) no território a maioria dos participantes neste *Réveillon*. Uma das



Carla Frias, bióloga

12 passas ficou para o desejado regresso, o champanhe brindou a esse sonho comum aos 145 adultos e 27 crianças que estão em “lista de espera” para embarcar a 1 de Agosto.

O mais velho “sonhador” conta 65 anos e o benjamim do grupo *Macau Tour 2011* (ganhou expressão através da rede social *Facebook*) nasceu há poucos meses. Não é por ter nascido numa terra distante, banhada pelo Atlântico, que um dia quando crescer não vai ouvir falar tanto (e tão bem) de Macau. “A maior influência que tenho transmitido aos meus filhos é o gosto pelas viagens e pelo exótico, desde a comida à roupa, música e decoração”, resume Carla Prudêncio, nascida em Moçambique e que em 1982 rumou a Macau para viver dos 12 aos 17 anos. Regressou uma única vez em 1999; é chegada a hora de pisar pela primeira vez o território sob administração chinesa. Numa das últimas reuniões de “retornados”, reencontrou um amigo de quem nada sabia há 20 anos, retomando a conversa como se o último encontro

tivesse acontecido um dia antes. “Não sei se pelo local, pela época ou pelas nossas idades na altura em que lá vivemos, mas estas amizades são autênticas e os encontros sempre festejados.”

É Ricardo Nunes, realizador e jornalista da RTP, quem segura as rédeas deste projecto colectivo. Além das memórias pessoais que recuam as últimas a 1997 e que anseia por reavivar, esta é também a oportunidade de mostrar à filha a terra onde primeiro suspirou. “Tal como o resto da minha família directa, a minha filha convive de uma forma regular com as minhas memórias de Macau, nem que seja somente através das fotografias e quadros que estão espalhados pela casa”. Os principais óbices? À parte a conciliação de datas, “sem dúvida nenhuma a questão financeira”. “Mesmo que se consiga baixar substancialmente o valor das viagens, se não obtivermos outros apoios será difícil para alguns de nós conseguirmos concretizar o sonho de regressar e levar as famílias connosco”, completa Ricardo Nunes, que começou



Ricardo Nunes, realizador e jornalista



Alexandro Campos Silva, um dos organizadores da excursão

por negociar com agências de viagens e está nesta fase a abordar companhias com serviço *charter* para fretar um avião. Ouro sobre azul seria coincidir um intercâmbio com um grupo que aproveitasse o mesmo aparelho para passar uma quinzena em Portugal. E, claro, conseguir patrocínios. A festa de passagem de ano, “muito abaixo” das expectativas dos organizadores, com a presença de apenas 33 pessoas, angariou o suficiente para pagar as despesas.

### Do choque à curiosidade, os anseios pelo regresso

De férias marcadas nessa data está Carla Frias, que todos os anos reserva religiosamente (ironias da linguagem secular...) três dias de folga para os festejos do Ano Novo Chinês. Em Oeiras, esta bióloga de 44 anos, que trabalha no sector das pescas, deixará apenas os quatro gatos que, em Outubro de 1998, despediram-se também “definitivamente” da terra onde Carla viveu “duas das fases mais importantes” da vida: a adolescência, em que frequentou o antigo Liceu Infante D. Henrique, e o primeiro emprego no Laboratório de Saúde Pública. Antecipar o regresso é um exercício nervoso. Recebo frequentemente fotos, sei que muitas coisas mudaram”, adianta, lembrando as “algumas vezes no início” em que se perdeu quando regressou em 1994, após o interregno de dez anos universitários. “As alterações devido à construção poder-me-ão dar um choque, mas já tenho uma ideia de como estão as coisas”, arrisca. Natural do Huambo (Angola), a primeira coisa que Carla Frias quer fazer quando aterrar é “dar uma volta por toda a Macau para ‘refazer’ a bússola”. E guardar na retina emocionada o jardim Lou Lim Leoc, as casas em que viveu, ir à Rua das Mariazinhas, dos tin-tins, San Ma Lou, Ruínas de São Paulo, Tap Seac, Guia, Mong Há, Barra, Praia Grande, Hac-Sá, Cheoc Van, a vila de Coloane, o velho Nga Tim.



“Tenho visto por fotografias a incrível evolução de Macau, o que me leva a crer que irei certamente sentir grandes diferenças”, compara Ricardo Nunes, antes de acrescentar: “Isso alegra-me e deixa-me muito curioso, embora haja alguma sensação de tristeza nostálgica da Macau dos meus anos que desapareceu”. Outro dos organizadores da *Macau Tour 2011*, Alexandre Campos Silva, tem ainda aos 41 uma sensação presa na memória dos seus 16 anos. “Sempre que nos sentávamos à mesa de um restaurante, e mesmo antes de recebermos a ementa, era colocado um copo de chá a ferver, o



Carla Frias e Carla Prudêncio

que nos dava uma sensação de bem-estar e nos deixava preparados para a refeição que se seguiria. Guardo essa imagem. Quero voltar a sentir essa sensação". País de Gales - Londres - Macau. O itinerário de Ana Castro, nascida em 1969 em Angola durante a Guerra Colonial, tem ponto de partida distinto e chegada coincidente a uma terra que largou em 1994 com 16 quilómetros quadrados e que anseia por redescobrir agora com uma área quase duplicada. À mãe, padrasto e irmã mais nova, que residem em Macau, quer juntar no

próximo húmido Agosto o filho, o companheiro, a outra irmã, a sobrinha e o cunhado. Logo que satisfeitas as primeiras saudades da família, traça o caminho sem hesitar: comer um pudim de amêndoa na zona do antigo Leal Senado, passear pelo mercado e ver as tendinhas, continuar pelas ruas de calçada portuguesa até às Ruínas de São Paulo. O primeiro dia não ficará completo sem, após aquele duche rápido que revigora, encontrar-se com "malta amiga para palmear todos esses novos cantinhos... sem esquecer a noite de Macau e a sua magia". ■



## Cooperação Guangdong-Macau em nova fase histórica

O CHEFE do Executivo, Chui Sai On, revelou que, depois da cooperação desenvolvida ao longo de um ano pelos governos de Guangdong e Macau, o Acordo Quadro para a Cooperação Guangdong-Macau foi concluído e aprovado pelo Conselho de Estado, entrando, assim, numa nova fase histórica. O líder do Governo afirmou que a Administração irá seguir as “Linhas Gerais do Planeamento para a Reforma e Desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas”, levando a novos resultados da cooperação entre os dois territórios, demonstrados

pelo progresso da cooperação nas áreas do sector de serviços, económico e comercial entre estas duas regiões, evolução da cooperação em novas indústrias, desenvolvimento das obras de infra-estruturas transfronteiriças, como a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, conclusão da elaboração do “Plano Específico de Construção Conjunta de Círculo de Qualidade de Vida”, cooperação nas áreas de educação e turismo, e aprovisionamentos seguros de material conexo, água e electricidade, demonstrando a grande atenção à vida da população. ■



## Leong Kam Chun na TDM

O GOVERNO nomeou o auditor Leong Kam Chun como administrador-delegado da Teledifusão de Macau (TDM), que assumirá as funções depois de Manuel Gonçalves se ter demitido do cargo. Na Assembleia Geral da empresa, em que o nome de Leong foi apresentado e aprovado, foi ainda nomeado Manuel Pires, subdirec-



## Qualidade de vida no topo das prioridades

O CHEFE do Executivo de Macau reiterou, numa mensagem de Ano Novo Lunar, que o Governo irá empenhar-se na promoção do desenvolvimento económico e na qualidade de vida da população ao longo do Ano do Coelho. Ao salientar que no Ano do Tigre a “economia de Macau recuperou rapidamente a tendência de crescimento e a sociedade manteve-se estável”, o líder do Executivo, observou que os resultados positivos atingidos

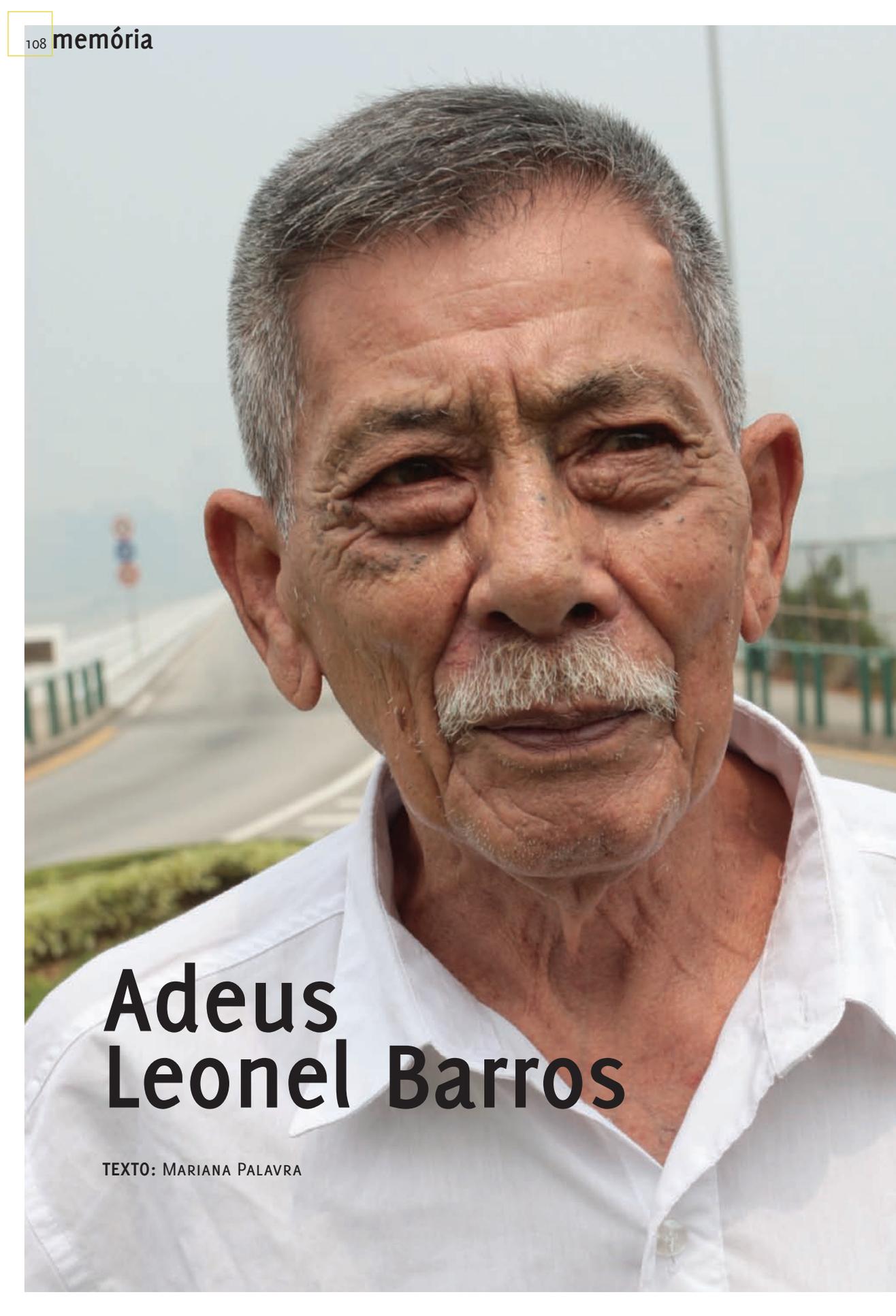
pela região “exigiram um grande esforço e empenho de todos os cidadãos”. “O Ano do Coelho assinala um novo ponto de partida para a projecção do nosso desenvolvimento futuro”, defendeu. Na sua mensagem de Ano Novo Lunar, a mais importante festa das famílias chinesas, Chui Sai On disse que o seu Governo “está determinado na promoção do desenvolvimento económico, no aperfeiçoamento da qualidade de vida da população, proporcionando melhores condições de habitação e de emprego, estabilidade dos preços, mas também a preservação da estabilidade e segurança sociais”. ■

tor dos Serviços de Turismo, como presidente do Conselho de Administração em substituição de Stanley Ho, que manteve, no entanto, o cargo de administrador. Os outros membros do Conselho de Administração são Victor Chan, director do Gabinete de Comunicação Social, e Sou Chio Fai, à data ainda director dos Serviços de Edu-

cação. Leong Kam Chun considera que a gestão diária da TDM deverá ficar a cargo de uma Comissão Executiva de três a cinco elementos multidisciplinares, que será escolhida após a alteração dos estatutos da empresa que obrigam, actualmente, a que estes membros integrem também o Conselho de Administração. ■

## Morreu Leonel Barros

OBSERVADOR do quotidiano, um apaixonado por desenhos e letras mas, sobretudo, pelas coisas de Macau, a sua terra. Leonel Barros morreu aos 87 anos no início do mês de Fevereiro. “Neco”, como era também conhecido, era oriundo de uma família tradicional de Macau e, ao longo da sua vida, dedicou muito do seu tempo à cultura e aos animais. Através dos desenhos, das aguarelas, da pintura a óleo ou em azulejo, Leonel Barros (ler na página seguinte um comentário de Mariana Palavra a este respeito) deixa várias obras em Macau, entre as quais um painel que executou para a sala de refeições do antigo hotel da Bela Vista, hoje a residência consular portuguesa, e na qual destacava a Torre de Belém. Era um contador de histórias e nos últimos anos trabalhou em vários livros como *Igrejas e Ritos de Macau*, publicado em 2010, *Tradições Populares*, de 2004, e *Memórias Náuticas*, lançado em 2003. As tradições e crenças chinesas em Macau foram o principal tema da sua variada colaboração na imprensa local. ■

A close-up portrait of an elderly man with short, graying hair and a white mustache. He is wearing a white collared shirt. The background is a blurred outdoor setting, possibly a road or a park, with a green railing and a signpost visible.

# Adeus Leonel Barros

TEXTO: MARIANA PALAVRA

**A**lgures no final de 2006, tinha encontro marcado com Leonel Barros na sede da APIM [Associação Promotora da Instrução dos Macaenses] para iniciarmos a produção do livro “Memórias do Oriente em Guerra (Macau)”. Um primeiro encontro desastroso. Leonel, ou melhor, Neco desde os tempos de meninice, não se lembrava de mim nem ao que eu vinha. Já éramos dois.

Mais do que recolher, seleccionar e reescrever as centenas de folhas soltas manuscritas por Leonel Barros sobre os tempos da ocupação japonesa no sul da China, eu queria chegar ao Neco, ouvir na primeira pessoa essas memórias dos anos 30 e 40. Não foi difícil.

No final das manhãs, na biblioteca da APIM, por entre cúmplices cigarros, Leonel Barros falava-me do passado, contava estórias misturadas com um sorriso e múltiplas piadas. Nunca um lamento. E eu deixava-me levar, sem distinguir realidade e ficção.

Assim, viajámos nos barcos a vapor que faziam a ligação Macau-Cantão. Fugimos da embarcação quando o porto da cidade chinesa foi bombardeado pelos japoneses; implorámos ao avô de Leonel Barros para nos deixar visitar os barcos-flores, onde senhoras de má reputação davam ópio e outros prazeres aos visitantes.

Neste desfiar de memórias, Neco levou-me ao Quartel de São Francisco e obrigou-me a comer tubarão, “servido ao almoço e ao jantar durante os anos da guerra, dada a escassez de outros alimentos e a abundância deste carnívoro nas proximidades de Macau, atraído pelo sangue das vítimas japonesas”, afirmava sem pestanejar. Repetia vezes sem conta que a carne de tubarão era muito rija e de pouco sabor, mas reconhecia que chegou a fazer batota: o pai levava-lhe ao quartel uma marmita às escondidas. Até ao dia em que foram descobertos e a comida caseira passou a ir directamente para a mesa dos superiores militares.

Dizia que não ia à Taipa e a Coloane há 30 anos, mesmo antes da construção da primeira ponte de ligação às ilhas. Por isso, quando fiz um perfil de Leonel Barros para o jornal Tai Chung Pou, levámo-lo ao outro lado da Nobre de Carvalho. A primeira vez em 30 anos ou quase. Soube mais tarde que pelo menos um outro jornal tinha-lhe feito o mesmo alguns anos antes. Pouco importa, Neco acreditava que nunca lá tinha ido. Porque não reconhecia as mudanças, porque não queria ver as marcas do tempo, vivia no Macau antigo.

As palavras saíam-lhe como música que, aliás, também sonorizou toda a sua vida, através da viola, flauta e bateria, da antiga banda do Hotel Estoril e do grupo Six Rockers. As letras no papel não eram o seu forte, mas os desenhos sim. Nos últimos anos, com problemas graves de visão, lamentava já não conseguir pegar no lápis e traçar o seu mundo de recordações, as flores e essa grande paixão que eram os animais. Pegava nos desenhos antigos e, mesmo numa determinada fase em que não conseguia distinguir as formas, descrevia-me todos os contornos, as cores e o que estava por detrás de cada um daqueles trabalhos. E fazia-o a cada visita minha com um orgulho que se via nuns olhos que estavam quase sem ver.

Apesar das enormes dificuldades em caminhar (fruto de uma queda e consequente operação cirúrgica), Leonel Barros fez sempre questão de me acompanhar ao elevador. E desculpava-se por não descer até ao rés-do-chão. Nada disso era preciso.

Por várias ocasiões, deu-me pequenas prendas, nomeadamente quando, prestes a partir para o Haiti, fui despedir-me de Leonel. Ofereceu-me um leque de família e umas pedras que, segundo as tradições chinesas, servem de amuletos. Leonel também acreditava e garantiu-me que as peças dar-me-iam sorte. Têm andado comigo. Neco tinha razão. Obrigada.



Começava o ano de 1961. Na então pequena província de Macau a vida calma e pacata não ficava alheia às notícias de um mundo conturbado no coração da Guerra Fria. Forças liberais e conservadoras entram em choque, o homem chega à Lua, entra-se numa das mais decisivas fases da Guerra Fria e, em Portugal, sente-se a grande pressão internacional para que se libertem as então chamadas “províncias ultramarinas”, a dar o pontapé de saída para a guerra colonial.

O jornal *Notícias de Macau* do dia 15 de Março de 1961 abre com a manchete Cerca de 100 mil portugueses manifestaram-se diante da Embaixada da América. A notícia esclarece que de entre os manifestantes encontram-se muitos de cor. O motivo principal da manifestação é a recente mudança de atitude por parte do governo norte-americano face aos territórios portugueses em África, sobretudo Angola. Os Estados Unidos, como revela uma outra notícia da primeira página, votou contra Portugal no Conselho da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Angola.

Outro assunto que ocupa as páginas do jornal nos primeiros meses de 1961 é a guerra no Laos, muito em destaque no mês de Abril, e a questão de Ceilão (actual Sri Lanka) e os seus primeiros movimentos pró-independência de Inglaterra. A Coreia do Sul também tem lugar privilegiado nas notícias, como demonstra um artigo da edição de 6 de Março, que fala da criação da Associação dos Estados do Sueste da Ásia.

Como não poderia deixar de ser em 1961,

John F. Kennedy, então presidente dos Estados Unidos, ocupa também grande parte das manchetes do *Notícias de Macau*, quer seja pelas suas poderosas declarações contra o comunismo e a União Soviética quer seja pelo fracasso do desembarque na Baía dos Porcos. Este é também o ano em que os Estados Unidos enviam seis satélites meteorológicos e 11 de comunicações, fazendo-se, entretanto, experiências com veículos tripulados pelo homem e novas tentativas para dirigir uma nave a Marte ou Vénus, lê-se na edição de 6 de Março.

Três dias mais tarde, o destaque vai para a situação nas Coreias. A América rejeitou a proposta do Governo de Pyongyang para a Unificação da Coreia. Mais em baixo lê-se, também em destaque: O escudo mantém-se firme em relação ao dólar americano.

Mais notícias interessantes incluem a do dia 30 do terceiro mês do ano em que se esclarece que a Indonésia está claramente do lado do governo português e se opõe, veemente, ao Movimento de Libertação de Timor-Leste. É também nesta edição que se fala da primeira Conferência dos Povos Africanos, que realizou na República da Guiné.

A 15 de Abril, Macau é assunto de primeira página com o Orçamento Geral da província para o Ano económico de 1961, artigo que abre com um discurso resumindo os conturbados acontecimentos no mundo. De sublinhar são os aumentos com os gastos nos salários, o aumento das pensões e ajudas de custo aos oficiais reformados, medidas que levam o autor a mostrar a mais profunda gratidão a Sua Emxa. O Governador que, não obstante as dificuldades que de todos os lados assaltam o seu governo, pôs a cima de tudo, o bem da população.

A província é, mais uma vez, primeira página uns dias depois, a 22 de Abril, em que se pode ler: A cerimónia de confirmação da posse do Inspector-Adjunto da Policia Judiciária Sr. Dr. Delfino Rodrigues Ribeiro.

São estas, entre muitas, as notícias que se davam em Macau nos primeiros meses de 1961, visadas pela censura, como bem está indicado no canto superior esquerdo do jornal dirigido pelo Doutor A. A. Barros Lopes (Doutorado em Medicina).





Quinta-feira, 16 de Março de 1961

Malograram-se os esforços  
 dos Estados Unidos

Dificuldades nas  
 negociações sobre  
 o desarmamento

Admite-se a possibilidade  
 de de a China Comunis-

NAS NAÇÕES  
 UNIDAS

## BREVES - Jornal Notícias de Macau, secção "Da Cidade e das Ilhas"

### DESPEDIDA, 6 de Março

Vivaldo Eurico Modesto de Rosa, embarcando para Lisboa em gozo de licença graciosa, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, serve-se das colunas do "Notícias de Macau" para apresentar a todas as pessoas das suas relações e amizade as suas despedidas, agradecendo-lhes as atenções dispensadas e oferecendo-lhes seus limitados préstimos em Lisboa.

### BAIXA AO HOSPITAL, 6 de Março

Baixou ao Hospital Central Conde São Januário, o Sr. Cordénio Vitor Vaz, comissário da PSP desta Província. Desejamos-lhe um pronto e completo restabelecimento.

### ACHADO, 7 de Março

Encontra-se depositado na secção de Investigação Criminal da PSP uma bolsa de cabedal que foi encontrada junto do edifício dos CTT. Entrega-se a quem provar pertencer-lhe.

### BOLETIM NOSO - NECROLOGIA,

7 de Março

Pelo último boletim noso-necrológico, recebido dos Serviços de Saúde e Higiene, verifica-se que no período de 19 a 23 de Fevereiro findo, se registaram em Macau os seguintes casos de doenças infecciosas: sarampo 12 casos e três óbitos; tuberculose pulmonar 37 casos e 15 óbitos. Tuberculose (outras formas) um caso e um óbito. Os números acima referidos perfazem um total de 50 casos e 19 óbitos.

### HOMENAGEM AO SENHOR

GOLDINO DIAS, 7 de Março

Por motivo de ter sido desligado do serviço por motivo de aposentação, após 47 anos de serviço prestado ao Estado, foi o Senhor António Goldino Dias, auxiliar de Obras Públicas de 1ª Classe da Repartição Provincial dos Serviços das Obras Públicas, Portos e Transportes desta Província, alvo de singela mas expressiva homenagem por parte do pessoal deste importante departamento oficial. (...) Com voz embargada pela mais profunda comoção, agradeceu o homenageado as palavras do seu Ilustre e último Chefe e a todos os presentes aquela homenagem que guarda eternamente no fundo do seu coração, de todos se despedindo com um emocionante abraço. Ao homenageado apresenta-se os nossos cumprimentos com desejos de muitas felicidades.

### MALAS DO CORREIO, 7 de Março

Por Portugal Continental, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas da África Ocidental, se fecham malas, via marítima, no dia 11 de Março de 1961, às 12h30, sendo a correspondência registada recebida até uma hora antes.

### PARTIDA, 10 de Março

Seguiu esta madrugada para Hong Kong, donde seguirá viagem para Lisboa, por ter terminado a sua comissão de serviço nesta Província, o Sr. Tenente

José Jorge Fraudoso da Silva.

Este distinto colaborador da página 'Artes e Letras' da nossa edição semanal ilustrada teve a amabilidade de vir a este jornal despedir-se de nós, desejando ao "Notícias de Macau" e a todo o seu pessoal as maiores felicidades e prosperidade.

Agradecendo, desejamos-lhe uma boa viagem e prosseguimento de uma brilhante carreira.

### DOENTE, 10 de Março

Continua doente, no Hospital Central Conde São Januário, o Sr. Alfredo José da Silva, ajudante de escrivão do Tribunal Judicial desta Comarca. Desejamos-lhe um pronto e completo restabelecimento.

### PRODUTOS IMPORTADOS,

10 de Março

Procedentes da China Continental, chegaram ontem carregamentos de peixe seco, tecido, seda, fazendas, copos, sabão, tâmaras, tapetes, papel, frutas, carne seca e salgada, hortaliças, aves domésticas e vinho chinês.

### TUFÃO, 12 de Maio

Pairou sobre a Província a ameaça de um tufão - o ciclone tropical Alice -, ameaçando com a sua fúria destruidora, mas felizmente o temporal se desviou do rumo inicialmente anunciado como provável sem causar assim nem vítimas pessoais nem grandes estragos.



## UM NOVO GOVERNADOR

**M**acau, 1991. O ano em que toma posse aquele que viria a ser o último Governador sob a administração portuguesa do território. A 24 de Abril, a primeira página do *Macau Hoje* anuncia: “Rocha Vieira empossado Governador”. Os jornais já há semanas preparavam o público para o grande acontecimento. Na edição de 19 de Abril, por exemplo, o futuro Governador é definido como o homem que “deixou os Açores de lágrimas nos olhos”. O *Jornal de Macau* fala do “regresso à tradição dos governadores militares”. O acontecimento ganha mais importância por não ser apenas uma tomada de posse, mas provavelmente a última de todas. No semanário *Tribuna de Macau*, José Rocha Dinis escreve sobre os dois grandes factos que se marcariam aquela semana a conectá-los: o Governador que entregará Macau à China é empossado no dia 23 de Abril, em vésperas do 17.º aniversário da Revolução dos Cravos. Por outro lado, não são poupadas críticas à competência - ou falta dela - da presença portuguesa ao longo de quatro séculos. João Carlos Barradas, jornalista da agência Lusa, fala de Rocha Vieira como mais um Governador que “à semelhança de todos os seus antecessores, desde 1623, não domina o chinês, num território em que mais de 95 por cento da população é de etnia chinesa”.

Vivia-se um clima de expectativa e os jornais diariamente alimentavam a ânsia de se conhecer mais e melhor o homem que se seguia.

Nas palavras de José Rocha Dinis, “a tomada de posse de Rocha Vieira vem pôr cobro a um longo e penoso processo que se vem arrastando há meses...”

Fez-se silêncio para se ouvir os discursos tanto do novo Governador como de Mário Soares, o então Presidente da República. Macau quer saber onde irá parar nos anos que se seguem. Mário Soares sublinha que “a transição não é ruptura”, como aparece destacado na primeira página do *Macau Hoje* na edição do dia 24.

Para o Presidente da República Portuguesa, a governação de Macau dever-se-ia nortear por dois objectivos: “consolidar as condições de estabilidade” e “assegurar as bases de um processo autónomo de desenvolvimento sustentado”. Mário Soares refere-se à transição como “o início de uma nova era” no relacionamento entre Portugal e a República Popular da China. No seu discurso inaugural, Rocha Vieira advinha a expectativa vivida pela população de Macau e garante que será “objectivo permanente da sua política limitar as tensões e a instabilidade”, como destacado na edição do dia 24 de Abril do *Jornal de Macau*.

Rocha Vieira prometia uma transição em que se reforçariam as possibilidades e condições de continuidade concebidas na Declaração Conjunta, condições essas que, segundo o Governador, viriam a ser reforçadas na Lei Básica.





澳門論壇 明報

SAI AO SÁBADO  
11 de Maio de 1991



## BREVES - Imprensa portuguesa de Macau

1 de Março, *Macau Hoje*

### **Aeroporto de Macau vai a discussão em Pequim**

O governo de Macau vai decidir hoje a composição de uma Comissão de Técnicos, que irá até 10 de Março a Pequim, para discutir assuntos relativos às obras do aeroporto do território e a navegação aérea, anunciou Murteira Nabó.

2 Março, *Tribuna de Macau*

### **Stanley Ho está optimista quanto ao "Jockey Club"**

O clube de corridas de cavalos de Macau vai triplicar as receitas até 1992, anunciou esta semana em Hong Kong o empresário Stanley Ho, que assumiu a liderança do CCC no passado mês de Dezembro. Integrada na estratégia da STDM de reactivação do clube, foi também anunciada a introdução de descontos para apostadores nas corridas de cavalos em Macau.

9 de Março, *Macau Hoje*

### **Soares reeleito**

Mário Soares começa hoje o segundo e último mandato como Presidente da República Portuguesa. Macau é um projecto nacional e Mário Soares não pode falhar.

### **Novo Director**

O cardiologista José Castel-Branco é o novo director dos Serviços de Saúde de Macau. Foi ontem empossado Director dos SS substituindo Júlio Reis, que terminou a sua comissão de serviço.

9 de Março, *Tribuna de Macau*

### **Lorcha "Macau" regressou da Índia e Ceilão**

O navio da armada portuguesa Lorcha "Macau" concluiu esta semana uma viagem de 105 dias à Índia e ao Sri Lanka em missão de representação de Macau e Portugal no âmbito do programa das comemorações das descobertas marítimas portuguesas.

A Lorcha efectuou uma viagem de 8.600 milhas marítimas, escalando o Vietname, Tailândia, Malásia e Singapura na sua deslocação à Índia e ao Sri Lanka. Capitaneada pelo capitão-tenente Sá Leal e com uma guarnição mista Luso-Chinesa de 13 homens, a Lorcha representou Macau numa série de eventos nos meses de Novembro e de Dezembro promovidos pela comissão territorial para as comemorações dos Descobrimentos, com apoio dos serviços de Marinha, Turismo, de Educação e Instituto Cultural de Macau.

### **Comemoram-se 300 anos da Polícia de Macau**

Para participar nas comemorações dos 300 anos da Polícia de Macau, chega hoje ao território o Marechal António de Spínola, na qualidade de chanceler das antigas ordens militares.

18 de Março, *Macau Hoje*

### **Três dias em Pequim - Aviões vão para o ar**

A reunião técnica luso-chinesa sobre o impacto sonoro do Ae-

roporto de Macau, que terminou este fim-de-semana, em Pequim, consagrou o apoio da RPC daquele empreendimento. Orçada em 70 milhões de contos, a obra estava bloqueada há seis meses devido à eventual poluição sonora.

11 de Abril, *Macau Hoje*

### **Língua chinesa oficializada até ao final do ano**

A Administração publicará até ao final do corrente ano legislação que oficializa a Língua Chinesa no território, disse o Chefe da parte portuguesa do Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês. A administração do território procurará activamente a efectivação dos estatutos nas duas línguas, agora acordados entre as partes.

### **Acordo sobre BIR**

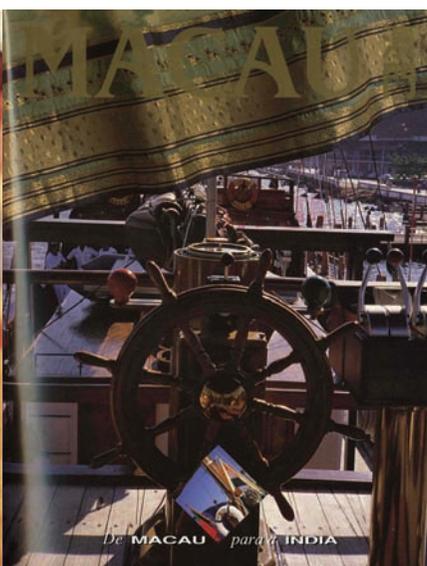
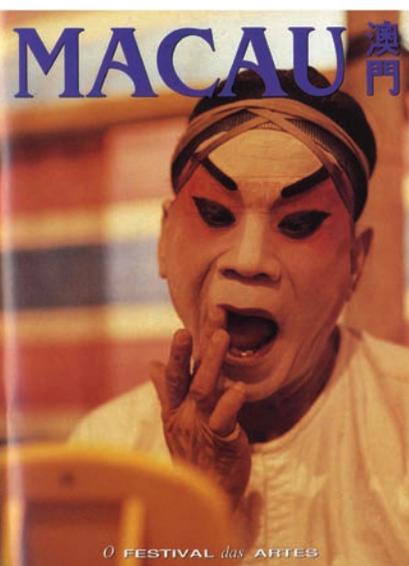
Pedro Catarino esclareceu que as delegações chegaram a um acordo sobre o sistema de emissão do Bilhete de Residente em Macau.

20 de Abril, *Comércio de Macau*

### **25 de Abril sem comemoração**

O 17º Aniversário do 25 de Abril não foi, uma vez mais, à semelhança dos anos anteriores, comemorado oficialmente em Macau, assinalando-se apenas a realização de alguns jantares de convívio promovidos por particulares.

<p>20 de Abril, Editorial do <i>Macau Hoje</i>  <b>Uma surpresa</b>                  O que nos vai sair é por enquanto uma surpresa. Não sabemos o elenco e o General era major quando esteve por estas bandas, o mesmo é dizer que já se passaram alguns anos. As condições são outras e é preciso que Lisboa, sem excepção, compreenda o projecto de Macau. Será que desta feita Rocha Vieira terá a paciência necessária para explicar tanto a Cavaco Silva como ao próprio presidente o que é necessário para isto funcionar?</p>	<p>Advogados de Portugal, segundo um diploma aprovado pelo Governo e apreciado na reunião desta semana do Conselho Consultivo.</p> <p>1 de Maio, <i>Tribuna de Macau</i>  <b>Lei Básica de Macau concluída em 1993</b>                  O primeiro-ministro chinês, Li Peng, disse esta semana que a Lei Básica da futura Região Administrativa Especial de Macau deverá estar concluída em 1993. Falando na sessão inaugural da quarta sessão anual da Assembleia Popular Nacional chinesa, Li Peng sublinhou que o “Governo chinês tem dado passos positivos para assegurar a estabilidade e prosperidade em Hong Kong e Macau e tem feito esforços para proporcionar uma transição de poder sem problemas naquelas duas regiões”. O primeiro-ministro chinês reafirmou, por outro lado, que a</p>	<p>China está pronta a aprofundar a cooperação com os Governos de Portugal e da Grã-Bretanha, na base das respectivas declarações conjuntas sobre os territórios de Macau e Hong Kong.</p> <p>10 de Maio, <i>Macau Hoje</i>  <b>Seja bem-vindo, senhor Governador</b>                  É o general Rocha Vieira, o chamado Governador da esperança e todos estamos à espera que não seja esperança vã.</p>
<p>20 de Abril, <i>Macau Hoje</i>  <b>Criada ‘Ordem dos Advogados’ de Macau</b>                  A Associação dos Advogados de Macau (AMM) vai transformar-se em associação de natureza pública e passará a ter poderes semelhantes aos da Ordem dos</p>	<p>O primeiro-ministro chinês reafirmou, por outro lado, que a</p>	<p>14 de Maio, <i>Macau Hoje</i>  <b>Macau já tem notários privados</b>                  Em cerimónia realizada na Direcção dos Serviços de Justiça, o Dr. Leonardo de Matos deu ontem posse a um grupo de sete notários privados do território que exercem simultaneamente a advocacia há mais de cinco anos em Macau.</p>



## A Megera Domada

### Ballet de Estugarda

SHAKESPEARE ESCREVEU, John Cranko coreografou e a companhia de Ballet de Estugarda recria agora esta peça em dois actos. Uma paródia em torno de duas irmãs, Katherina e Bianca, duas filhas de um mercador rico que pouco ou nada têm em comum. Bianca é doce, obediente e bonita. Já Katherina é desobediente e de um temperamento pouco fácil.

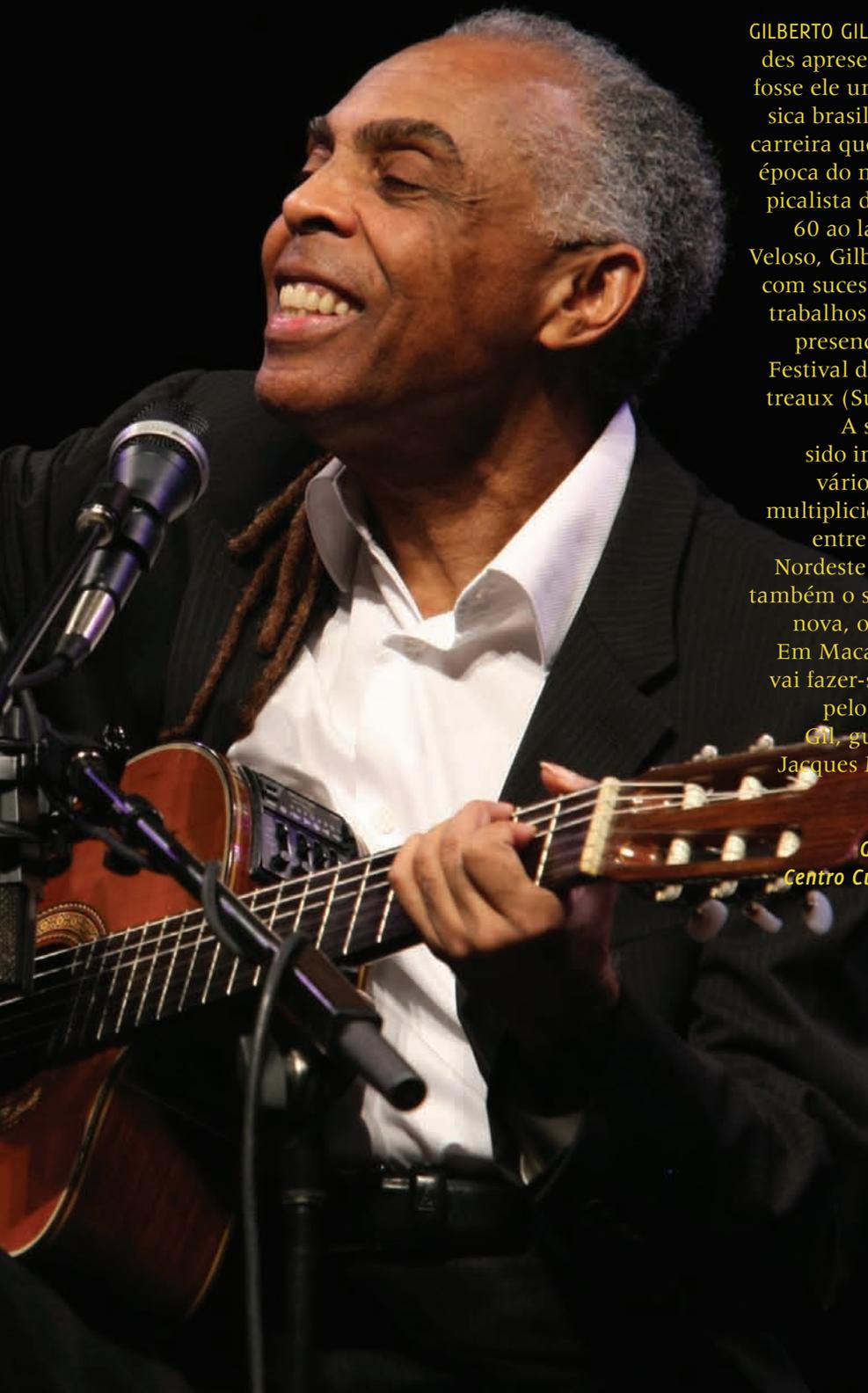
Katherina é a irmã mais velha e, por isso, para Bianca se casar, é preciso que Katherina se case primeiro. Petruchio acaba por casar com ela mas apenas por dinheiro, não sem antes estabelecer um objectivo: torná-la uma mulher submissa. Será que consegue?

Neste espectáculo o grupo de Ballet de Estugarda será acompanhado pela Orquestra de Macau.

*17 e 19 de Março, Grande Auditório,  
Centro Cultural de Macau*



# Gilberto Gil: *Asia Tour*



GILBERTO GIL DISPENSA grandes apresentações ou não fosse ele um ícone da música brasileira. Com uma carreira que teve início na época do movimento tropicalista durante os anos 60 ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil editou com sucesso os primeiros trabalhos depois de uma presença marcante no Festival de Jazz de Montreux (Suíça), em 1978.

A sua música tem sido influenciada por vários ritmos e uma multiplicidade de estilos, entre eles os sons do Nordeste brasileiro, mas também o samba, a bossa-nova, o *rock* e o *reggae*. Em Macau, Gilberto Gil vai fazer-se acompanhar pelo seu filho, Bem Gil, guitarrista, e por Jacques Morelembaum, violoncelista.

21 e 22 de Abril,  
Grande Auditório,  
Centro Cultural de Macau

## Harmonias Celestiais

### A Música Ritual Taoista em Macau

SÃO CERCA DE 500 PEÇAS de música ritual taoista de Macau usadas tradicionalmente em cerimónias. As peças agora expostas distinguem-se de outras pelo facto de combinarem entre si elementos das escolas religiosas de Lingnan Zhengyi e Quanzhen. O taoísmo é uma religião que surgiu na China. A música ritual taoista, usada nas cerimónias taoistas, permanece como parte integrante da música tradicional chinesa, tendo sido inscrita na Lista Provisória dos Itens do Património Cultural Imaterial de Macau em 2009.

**Até 20 de Março**

**Museu de Arte de Macau**



## The Snippets of Life with Macau World Heritage

ESTA É UMA MACAU de contrastes, ora a preto e branco, ora a cores, onde o património mundial é uma constante visual. Para dar o sentido de contraste, Hin-lo Chan, natural de Zhongshan, percorreu alguns pontos mais elevados do território, sejam montes ou terraços, para mostrar uma nova perspectiva. Disso é exemplo o Teatro D. Pedro V ao crepúsculo ou a cidade que se estende para a China para lá das Ruínas de São Paulo. Há ainda o antigo Leal Senado e a Igreja de São José.

Mas nem só de património vive Macau. Nas paredes da *Macau Creations* estão ainda as gentes locais e o seu quotidiano. Caixinhas a preto e branco como se houvesse a vontade de guardar no tempo momentos. Momentos esses que o fotógrafo organizou repetidamente por palavras como tranquilidade, sombras, paixão ou emoção.

**Até 29 de Março**

**Macau Creations**



## O Fogo e a Cor

### Porcelana dos Fornos Imperiais da Dinastia Qing da Coleção do Museu do Palácio

DESDE A ANTIGUIDADE, a porcelana teve um papel crucial na vida do povo chinês. Inicialmente era produzida para colmatar necessidades do quotidiano, mas, gradualmente, tornou-se numa arte decorativa que cativava inclusive imperadores.

Esta exposição apresenta mais de uma centena de peças produzidas nos fornos imperiais das eras de Kangxi, Qianlong e Yongzheng, imperadores que se envolveram pessoalmente no desenho da porcelana, introduzindo estilos próprios. Além das tradicionais porcelanas azuis e brancas, é possível encontrar peças que evidenciam outras técnicas herdadas de dinastias anteriores, como são os *doucai*, ou cores contrastantes.

As peças estão divididas segundo quatro temas – “A Beleza do Padrão Decorativo”, “A Beleza da Técnica”, “A Beleza do Vidrado” e “A Beleza da Forma”.

**Até 30 de Março**

**Museu de Arte de Macau**

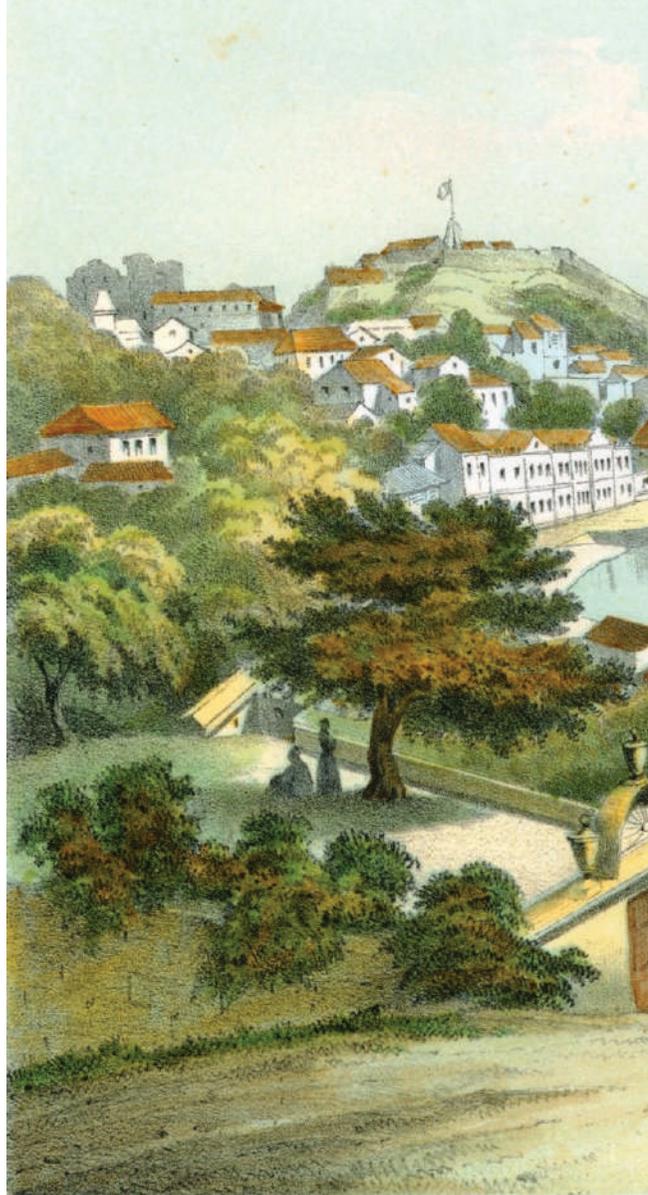


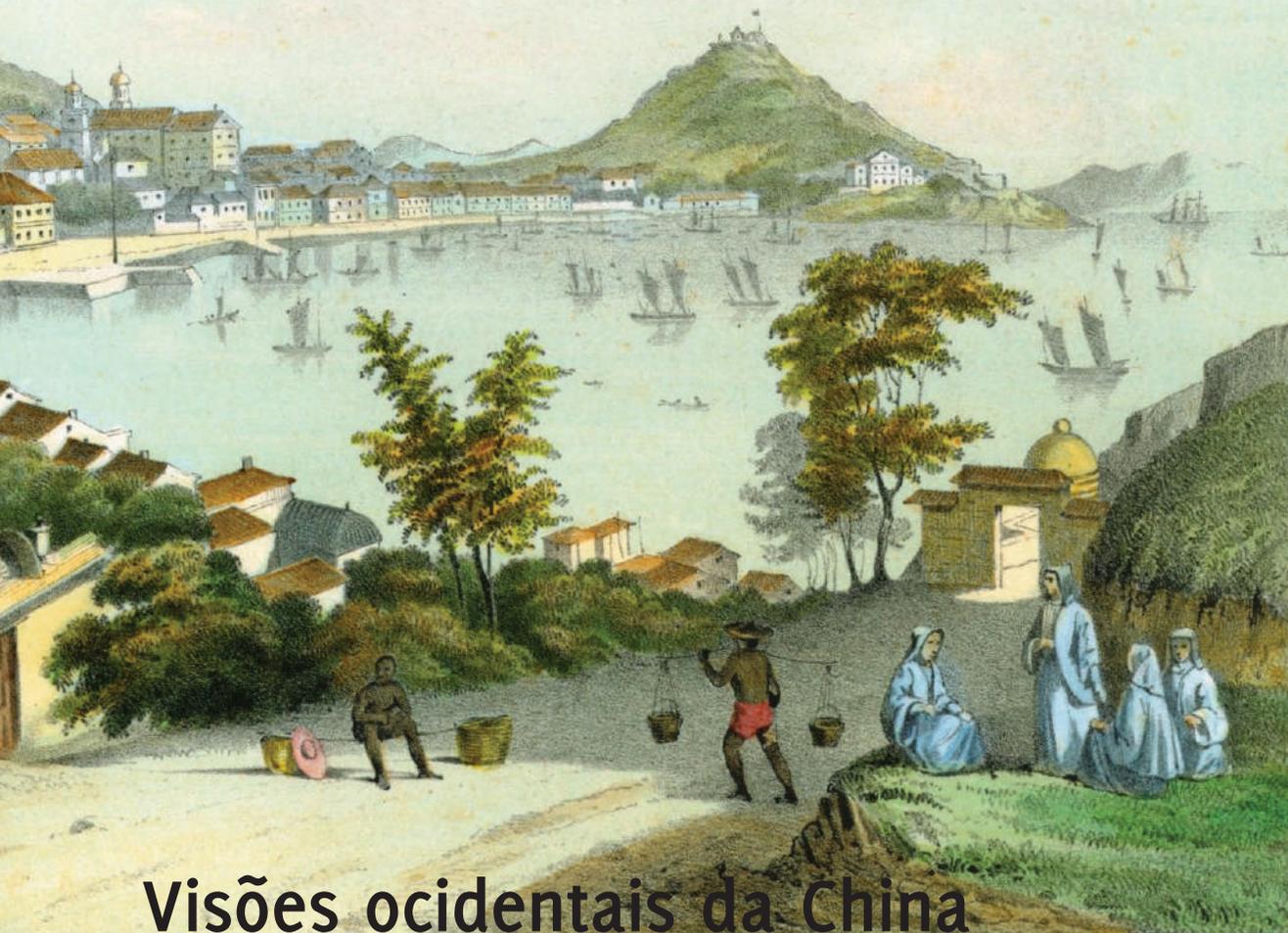
## **Cores Auspiciosas** *Xilogravura* *do Ano Novo Lunar*

O ANO NOVO LUNAR foi sempre uma festa importante na cultura dos chineses. Esta exposição mostra 60 obras produzidas no século XX, a partir de impressões da dinastia Qing e do período republicano. São xilografias marcadas pelas cores vibrantes usuais nesta época mas de imagens simplistas. É costume durante o ano novo chinês a população usar elementos para ornamentar as casas e afastar os maus espíritos e as calamidades durante todo o ano que então se inicia. Os adornos são ainda elementos usados para pedir aos deuses benesses e paz.

**Até 24 de Abril**

**Museu de Arte de Macau**





## Visões ocidentais da China

*gravuras do século XIX sobre o Delta do Rio das Pérolas*

FOI ATRAVÉS de gravuras que o Ocidente conheceu a China. São vários os pintores que entre os séculos XVII e XIX retrataram os hábitos e o quotidiano de um povo. O pintor holandês John Nieuhoff foi o primeiro a fazer essas descrições da China. A temática desta exposição centra-se no Delta do Rio das Pérolas, a porta de entrada do Ocidente no designado “Império Celeste”.

Nestas gravuras, um total de 50, é possível descobrir espaços em Macau que já não existem, como é o caso do teatro chinês junto ao templo de A-Má. Mas é possível ainda ver como era naquela altura a vista sobre a Praia Grande ou mesmo a Gruta de Camões.

Mas não é só em locais que se centra esta mostra. Retratado está, em 1857, o julgamento do caso do pão envenenado com arsénio em Hong Kong, que causou quase três mil vítimas.

**Até 8 de Maio**

**Museu de Arte de Macau**

## *E poi si diventa grandi* (*O Hábito de Crescer*)

**Fabrizio Croce**

São no total 13 canções e um poema musicado. Um trabalho em que se falam todas as línguas, ou pelo menos as línguas da vida de Fabrizio Croce, nascido no Norte de Itália e residente no território. Sete dos temas são na sua língua materna, o italiano, uma no dialecto da sua terra natal e as restantes na língua de Camões. As letras, da autoria do próprio, foram escritas ao longo da sua vida e algumas retratam também Macau, onde o músico vive há cerca de 20 anos. Há ainda um tema sobre um poema do arquitecto Carlos Marreiros, "O velho adivinhador da Rua do Bocage", e uma homenagem ao poeta Estima de Oliveira, na voz do jornalista Hélder Fernando.

Para este trabalho, Fabrizio Croce contou ainda com colaborações de vários pontos do mundo. Além de músicos locais, participaram ainda cantores de Portugal, Cabo Verde, Goa, Itália e República Checa. ■

Edição de autor, 2011



## *Troubadour*

**Lula Pena**

A interpretação de Lula Pena atravessa o fado, a música brasileira, mediterrânea e francesa. Apenas um dos temas é da sua autoria. Os restantes são um recorte a partir de um cancionero musical e literário que vai de Chico Buarque a António Gamoneda, de Dolores Duran a David Mourão-Ferreira, de Herberto Helder a Frederico de Freitas. O álbum *Troubadour* foi eleito pela revista norte-americana *PopMatters* um dos melhores de 2010 na área de *world music*, ao lado de artistas como Konono n.º 1 e Omar Souleyman. ■

Mbari, 2010



## *Fado Tradicional*

**Mariza**

Depois das viagens pela sua terra e pela dos outros, em 2008, e das quais resultaram um disco de influências de África e da América Latina, Mariza regressa agora às origens. Em *Fado Tradicional*, voz e guitarra portuguesa são o segredo deste regresso ao estilo mais português.

Além dos fados sofridos - *Fado Vianinha* ou *Promete, Jura* - Mariza optou também por momentos mais festivos, e disso é exemplo o tema *As meninas dos meus olhos*. A fadista revisita ainda Fernando Pessoa - *Dona Rosa* - e Alfredo Marceneiro.

No regresso às raízes, e em jeito de homenagem a poetas e fadistas que a influenciaram, Mariza recupera vários fados tradicionais como o *Fado Alfacinha*, *Fado Sérgio* ou *Fado Varela*. Amália Rodrigues não é esquecida, com Mariza a recriar dois temas, *Ai, esta pena de mim* e *Na rua do silêncio*. ■

EMI, 2010



## O que faz falta

### Zeca Afonso

Zeca Afonso pedia mais cinco, mas são apenas três. Três músicos - Nuno Guerreiro, Olavo Bilac e Tozé Santos - que se juntaram para visitar o mais conhecido cantor de intervenção da música portuguesa.

As intemporais letras de Zeca Afonso surgem neste trabalho “numa linguagem musical ainda mais próxima das sonoridades de hoje”, como definem os próprios autores deste projecto. O álbum é constituído por 12 temas, numa viagem por canções conhecidas como *Venham mais Cinco*, *Vira de Coimbra* ou *Redondo Vocábulo*.

A acompanhar este trabalho consta um documentário que, segundo os autores, “gera a crítica que José Afonso faria, presumidamente, sobre a sociedade portuguesa pós-25 de Abril”. ■

Chiado Records/Vidisco, 2010



## Studio 105

### Mayra Andrade

Studio 105 é uma espécie de regresso ao passado. Mayra Andrade foi recuperar os mais importantes temas dos primeiros álbuns de originais - *Navega* e *Storia Storia* - e reinventou-os com novos arranjos musicais.

Mas qual será a mais-valia deste trabalho? Mayra Andrade surge no seu todo e com pouco “ruído” instrumental, num ambiente mais intimista do qual sobressai a imensidão da sua voz.

Para este trabalho, a cantora cabo-verdiana juntou-se a Munir Hossn na guitarra, Rafael Paseiro no contrabaixo, e Zé Luís do Nascimento na percussão. Como convidados especiais, este álbum conta com o cantor Hugh Coltman e o violoncelista Vincent Segal.

O disco traz também um DVD, que inclui a gravação do concerto, além de um programa que documenta o seu processo de criação partindo dos ensaios. ■

Sony Music, 2010



**Cesária Évora &...****Cesária Évora**

**A** cantora cabo-verdiana conduz-nos pela sua já longa carreira e presenteia os seus admiradores com os mais belos duetos feitos com intérpretes de mais de 15 países. De África à América do Sul, da Europa aos Estados Unidos, da América Central e Caraíbas.

Para este álbum foram escolhidos 19 duetos já editados em outros discos da cantora e dos artistas convidados. Caetano Veloso é o único que bisa nesta longa viagem ao passado, primeiro com o hino da esperança cabo-verdiana *Regresso* e, depois, com *Negue*.

Entre os artistas convidados constam a cabo-verdiana Lura, o senegalês Ismael Lo e a brasileira Mariza Monte. A destacar ainda duas interpretações do tema *Sôdade*, para os quais Cesária Évora convidou o angolano Bonga e a grega Eleftheria Arvanitaki. ■

Tumbão, 2010

**Áurea****Áurea**

**E**ste é o primeiro álbum da portuguesa Áurea, de apenas 23 anos, mas detentora de uma voz poderosa e cativante. O disco, que recebeu o nome da cantora, conta com 12 temas, no qual as influências da música *soul* são bem visíveis. Mas ainda assim não são as únicas. A cantora coloca no seu cabaz de inspiração os mais diversos estilos: de Aretha Franklin a Joss Stone, passando por John Mayer e Amy Winehouse, estendendo-se a James Morrison e Zero 7.

Este trabalho, como já referiu a portuguesa estreadante nestas lides, trata de emoções, de personagens que em cada música fala de uma determinada situação na sua vida e a maior parte ligada ao amor nas suas diversas formas. ■

Sony Music/Blim Records, 2010

**Baile Popular****Baile Popular**

**B**aile Popular é o nome do disco João Gil e João Monge, acompanhados por elementos do grupo Adiafa e pelos músicos de jazz Mário Delgado e Alexandre Frazão.

O disco conta com 11 temas e segue uma matriz da música portuguesa, sobretudo do Alentejo. Diz João Gil que “a paisagem do sul cruza-se neste Baile Popular com universos que vão desde o Nordeste brasileiro, até à *roullote* estacionada algures no deserto americano numa qualquer história de motel”.

Baile popular é um reencontro de maneiras de se estar e onde se conta a “Venda do Isaiás”, onde se compra e tudo se vende, do “Mestre Bento” e da sabedoria dos mais velhos, do “Mal Passado” e de quanto ele passa mal, da “Moda da Mine”, “Rosa à Janela”, “Rosa Albardeira” e por aí fora, até à eternidade, que é coisa que está para lá do sol posto. ■

Capitol, 2010

## *Igrejas de Macau e Cerimónias Religiosas*

Leonel Barros

A DIOCESE DE MACAU é a mais antiga do Oriente. Começou no século XVI, como Padroado do Oriente, e no século XIX chegou a ter sob a sua jurisdição várias missões, entre elas Heongsan, na China, e Singapura. É sobre este passado que se debruça o livro de Leonel Barros, um macaense nascido em 1924, que paralelamente à sua carreira profissional na administração pública se dedicou à preservação através da escrita das tradições e cultura de Macau.

Leonel Barros conduz-nos pelas várias igrejas de Macau e ilhas e fala-nos da sua história e tradições. A título de exemplo, a Igreja de São Francisco Xavier, em Coloane, nasceu da necessidade de se dar educação religiosa às crianças chinesas de famílias pobres, após a derrota dos piratas chineses e japoneses. Foi ainda nesta igreja, no relicário da porta, que chegou a estar um “bocado de ossos de um dos braços” de São Francisco Xavier.

Um livro de leitura fácil que permite ficar a saber um pouco mais do património religioso de Macau. ■

Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, Macau, 2010

## *Os três encontros das comunidades macaenses sob os auspícios da RAEM*

“PARA COMPREENDER o presente é preciso conhecer o passado”, diz José Manuel Rodrigues, presidente da Comis-

são Organizadora do IV Encontro das Comunidades Macaenses, no prefácio desta obra. Este é o mote para a elaboração de um livro que congrega vários

textos sobre os Encontros da Comunidade Macaense em 2001, 2004 e 2007.

O livro evidencia-se sobretudo pelas fotografias e pelo registo dos momentos importantes e de personalidades, algumas já falecidas, que marcaram os três encontros da comunidades já sob os auspícios da RAEM.

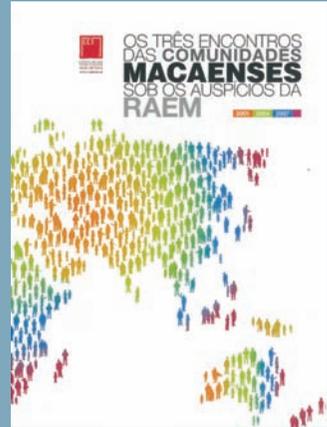
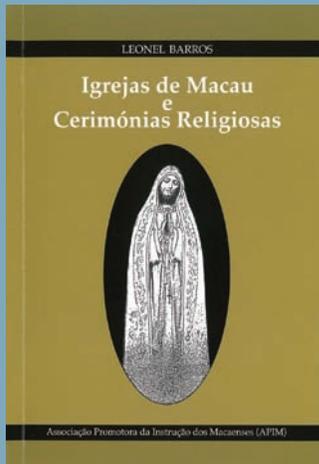
Os Encontros das Comunidades Macaenses realizam-se desde os anos 80, ainda com Macau sob administração portuguesa. Com a criação da RAEM, lembra José Manuel Rodrigues, “o primeiro Chefe do Executivo, Edmund Ho, fez questão de manter e dar mais dinamismo a estes Encontros”. ■

Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, Macau, 2010

## *Sob o Véu do Tempo – Contos e Lendas da China Antiga e de Macau*

Alunos Escola Portuguesa de Macau

SÃO 20 CONTOS e lendas ilustradas da China antiga e de Macau em língua portuguesa e com resumos em chinês e inglês. Das leituras em sala de aula nasceram estes 20 contos que não são uma cópia de outros, mas antes uma readaptação feita à medida da imaginação dos alunos de três turmas dos 6.º e 7.º anos, que recriaram o desfecho e os diálogos dos contos e lendas. Neste trabalho é possível encontrar algumas semelhanças com os contos ociden-



tais e exemplo disso é a história de “Yeh-Shen, cinderela chinesa”. Uma menina órfã de mãe e, mais tarde, de pai, que é maltratada pela madrasta. O seu melhor amigo é um peixinho vermelho. A menina acaba por casar e torna-se a rainha de T’o Huan.

Para este projecto, desenvolvido ao longo de um ano, Alice Vieira, António Torrado, Leonel Barros e Luís Gonzaga Gomes foram alguns dos autores que serviram de inspiração para os alunos. ■

Escola Portuguesa de Macau, Macau, 2010

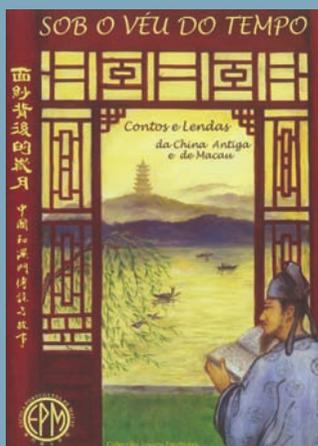
### **Macau, O Livro dos Nomes**

*Carlos Morais José*

É UM LIVRO que lembra alguns dos locais históricos de Macau, sem no entanto se deter sobre a sua arquitectura

ou história. Poder-se-ia dizer que é antes um livro sobre amores de Macau. Explicamos melhor. Carlos Morais José escolheu um local de Macau ao qual associa uma relação amorosa. Curta na escrita e no desfecho.

Senão vejamos: “Tap Seac - Fazia sol e não te via. Ficas sempre do lado da luz, porque resolveste imitar os deuses. Fazia sol e na praça fritava o nosso amor. Entrei sozinho no Hotel do Estoril, que já não estava lá. E tu nunca passaste no Tap Seac. Nunca passaste no Tap Seac.”



Este é o sexto livro de Carlos Morais José, jornalista português que há 20 anos chegou a Macau. Uma obra em português com tradução para chinês de Yao Feng e Sun Yi. ■

COD, Macau, 2010

### **O Mundo como Vontade e Imaginário**

*Arnaldo Gonçalves*

UM LIVRO de ensaios sobre a actualidade política internacional e o pensamento político, que sistematiza diversos artigos, muitos deles publicados na imprensa

nos últimos 20 anos e também alguns inéditos. É assim que Arnaldo Gonçalves descreve a sua obra nas primeiras páginas.

O livro está dividido em quatro capítulos. Começa por abordar o “mundo como vontade e imaginário” e debruça-se depois sobre a China e nas suas relações internacionais, no capítulo a que chamou “Tigre sentado, dragão escondido”. Portugal merece igualmente um capítulo próprio, sistematizando “alguns olhares inconformados sobre o país distante”. A terminar, um olhar sobre personalidades que marcaram o autor, como Churchill, Wojtyła e Jesus Cristo.

Arnaldo Gonçalves é assessor jurídico e professor de Ciência Política e Relações Internacionais no Instituto Politécnico de Macau. ■

Delta Edições, Macau, 2010



## **História da Arquitectura na Índia, Indonésia e Sul da China Rui Leão e outros**

É DE ARQUITECTURA a Oriente que aqui se fala. O livro concentra-se nas temáticas da arquitectura oriental e brasileira.



Desde a Índia aos Jardins Orientais, entrelaça as culturas sul-americanas e os mistérios da China.

Do lado brasileiro, Maria José Feitosa, arquitecta e professora da Universidade do Rio de Janeiro, dá a sua visão sobre o que se vai fazendo naquela zona do mundo em termos arquitectónicos. A Rui Leão, arquitecto em Macau, coube dar uma leitura menos formal da arquitectura asiática.

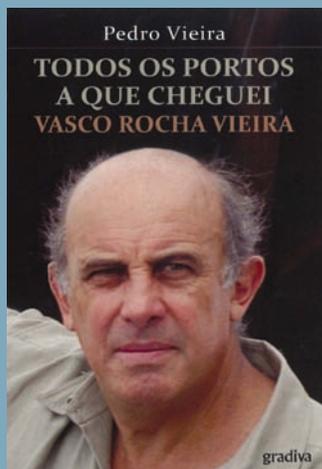
Este livro conta ainda com ensaios de Francisco Veríssimo, Jerónimo da Paula Silva e Carlos Terra. ■

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

## **Todos os Portos a que Cheguei – Vasco Rocha Vieira**

**Pedro Vieira**

“TODOS os Portos a que cheguei” - um roteiro biográfico de Rocha Vieira, escrito por Pedro Vieira - traça o seu percurso de vida desde Moçambique onde nasceu, pas-



sando pelo 25 de Abril e pela chefia do Estado-Maior do Exército, até aos cargos políticos como os de Ministro da República para os Açores, e Governador de Macau, cargo para que foi nomeado em 1996.

O nome da obra é um dos versos do poema “passagem das Horas”, de Álvaro de Campos, citado por Vasco Rocha Vieira no seu discurso de 19 de Dezembro de 1999. ■

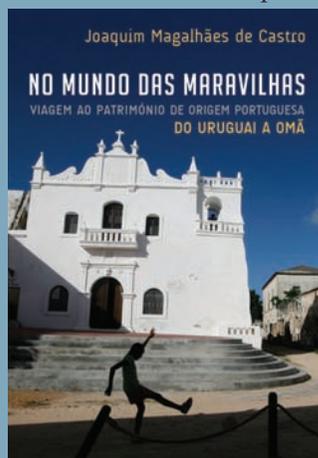
Gradiva, Lisboa, 2010

## **No Mundo das Maravilhas – Viagem ao Património de Origem Portuguesa de Uruguai a Omã**

**Joaquim Magalhães de Castro**

JOAQUIM MAGALHÃES de Castro podia

ser apelidado como uma espécie de navegador português dos novos tempos. Não chega a novos portos, mas redescobre e escreve sobre os locais onde os portugueses



chegaram há muitos séculos. Nesta nova “expedição”, parte à descoberta das maravilhas portuguesas na América do Sul e em África, terminando no Golfo Pérsico. Na obra, o autor retrata 27 monumentos de matriz portuguesa. Desta viagem, que começou em Dezembro de 2008 e se prolongou durante o ano de 2009, o autor destaca a passagem por Colónia del Sacramento, no Uruguai. Aí Joaquim Magalhães de Castro encontrou muitas semelhanças com as cidades portuguesas de Trás-os-Montes. Também a Fortaleza de Príncipe da Beira, na fronteira entre a Amazónia e os Andes, deixou boas memórias ao autor do livro. ■

Editorial Presença, Lisboa, 2010

Onde pode encontrar  
a Revista Macau

**PORTUGAL**

**Lisboa**

**Casa de Macau em Portugal**  
Av. Gago Coutinho, 142,  
1700-033, Lisboa  
Tel: +(351) 21 840 5342  
**Centro de Promoção  
e Informação Turística  
de Macau em Portugal**  
**Direcção dos Serviços de Turismo  
da RAEM**  
Av. 5 de Outubro, n.º 115, 1/c  
1049-204 Lisboa  
Tel: +(351) 217 936 542

**Porto**

**Livraria Latina**  
Rua de Santa Catarina, 2  
4000-441 - Porto  
Tel: +(351) 22 200 12 94

**Aveiro**

**Livraria Nobel Académica**  
Rua Eça de Queirós 62  
3870-109 Aveiro  
Tel: +(351) 234421494

**MACAU**

**Livraria Portuguesa**  
Rua São Domingos, 18-22  
Tel: +(853) 2856 6442  
**Livraria S. Paulo**  
Travessa do Bispo - 11 R/C "C"  
Tel: +(853) 2852 3957  
**Plaza Cultural Macau**  
Av. do Conselheiro Ferreira de  
Almeida, 52  
Tel: +(853) 2853 8561

# Revista **MACAU**

## COLECÇÕES ANUAIS ENCADEADAS

[2005 2006] [2006 2007] [2007 2008]



Edição de Dezembro 2010



Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie,  
preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues - 600E,  
Edif. Centro Comercial First International, 14.º andar, Sala 1404 - Macau.  
email: [contacto@revistamacau.com](mailto:contacto@revistamacau.com) Tel: +853 2852 3666 Fax: +853 2852 3661

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... Fax: ..... E-mail: .....

Angola: AOA 2.595,00

Brasil: BRL 48,00

Cabo Verde: CVE 2.536,00

Guiné Bissau: XOF 14.080,00

Macau: MOP 100,00

Mundo: USD 28,00

Mocambique: MZN 737,00

Portugal: EUROS 21,00

S. Tomé: STD 517,166,00

Timor: USD 21,00



deltaedicoes

Não inclui portes de correio. Vendas online em [www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp](http://www.revistamacau.com/shopping/vendas.asp)

[www.revistamacau.com](http://www.revistamacau.com)

# BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: [www.bnu.com.mo](http://www.bnu.com.mo)

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

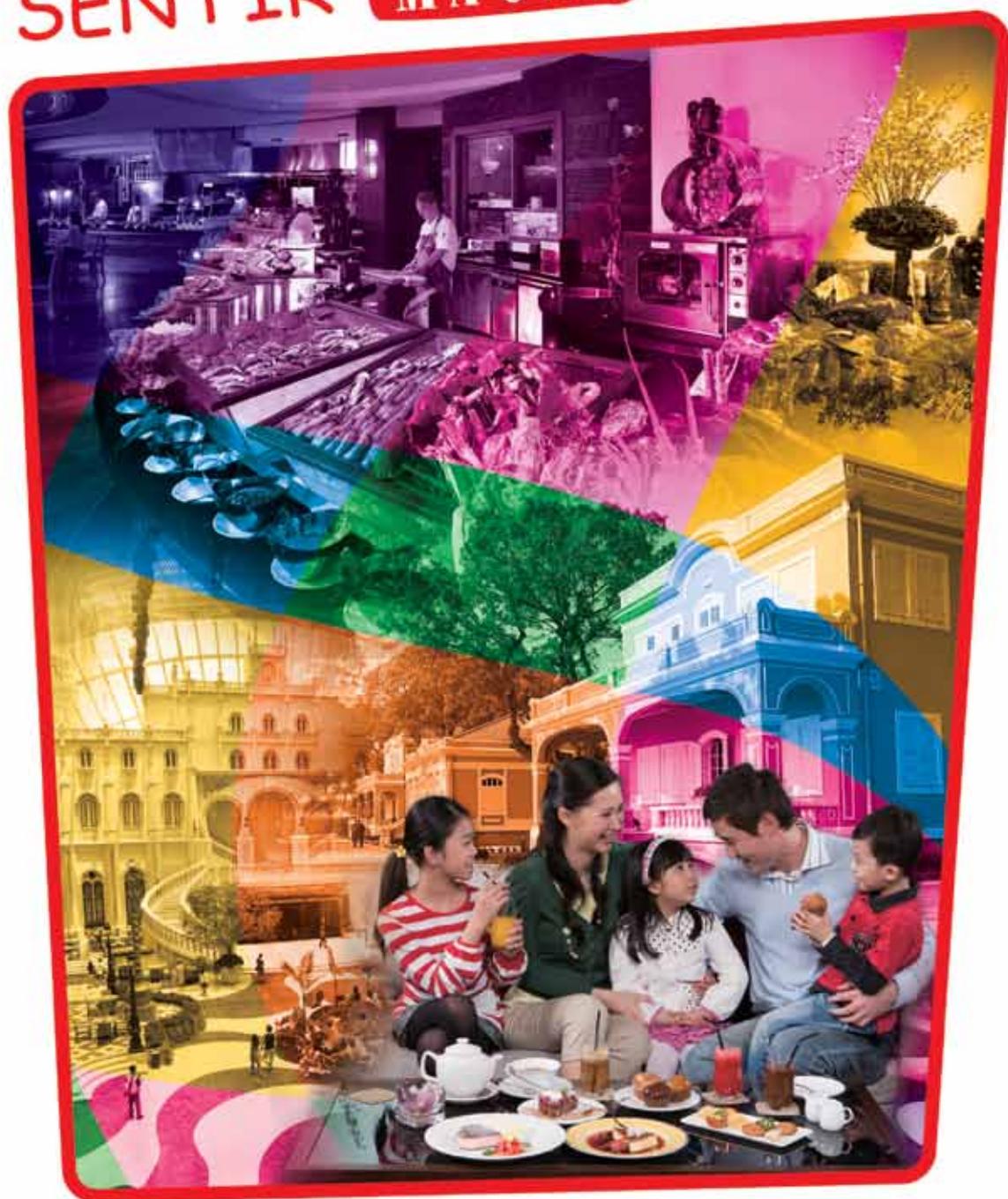
## **BNU**

Banco Nacional Ultramarino  
大西洋銀行



— Desde 1962 —

# SENTIR **MACAU** !



*Num mundo de diferenças, a diferença é Macau*



DIREÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO  
[www.macautourism.gov.mo](http://www.macautourism.gov.mo)